

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Marco Antonio Santos

**Povo de Deus, uma sociedade contrastante:
do movimento de Jesus à sociedade pós-moderna**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientadora: Profa. Ana Maria de Azeredo Lopes Tepedino

Rio de Janeiro
Setembro de 2013



Marco Antonio Santos

**Povo de Deus, uma sociedade contrastante:
do movimento de Jesus à sociedade pós-moderna**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Ana Maria de Azeredo Lopes Tepedino
Orientadora
Departamento de Teologia - PUC-Rio

Prof. Cesar Augusto Kuzma
Departamento de Teologia - PUC-Rio

Prof. Alessandro Rodrigues Rocha
UNIGRANRIO

Prof^a. Denise Berruezo Portinari
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa
do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 2013

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Marco Antonio Santos

Graduou-se em Teologia pela UMESP (Universidade Metodista de São Paulo). Coursou Teologia no SEBE (Seminário Teológico Boa Esperança. Filiado a Convenção Geral das Assembleias de Deus). Coursou Gestão e Elaboração de Projetos Sociais Participativos na CCE/PUC-RJ. É Pastor Senior da Igreja Evangélica Comunidade Vida.

Ficha Catalográfica

Santos, Marco Antonio

Povo de Deus, uma sociedade contrastante : do movimento de Jesus à sociedade pós-moderna / Marco Antonio Santos ; orientador: Ana Maria de Azeredo Lopes Tepedino. – 2013.

134 f. ; 30 cm

Dissertação(mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2013.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Movimento de Jesus. 3. Comunhão. 4. Igreja. 5. Sociedade contrastante. 6. Pós-modernidade. I. Tepedino, Ana Maria de Azevedo Lopes. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Agradecimentos

A minha orientadora Professora Ana Maria de Azeredo Tepedino, por acreditar, demonstrar entusiasmo e interesse pelo meu projeto, suas aulas, palavras e orientação foram estímulos de grande importância para o desenvolvimento e realização deste trabalho.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

A minha esposa Sandra pela compreensão, companheirismo, carinho e amor.

Aos meus filhos pela compreensão em meus momentos de ausência.

Aos meus pais por me fornecerem o ponto de partida para chegar até aqui.

Aos professores Abimar, Alfonso Garcia Rubio e Maria Clara Bengimer, suas aulas me permitiram aprofundar o pensar teológico.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora.

A todos os professores e funcionários do Departamento pelos ensinamentos e pela ajuda.

Aos meus colegas da PUC-Rio.

Resumo

Santos, Marco Antonio; Tepedino, Ana Maria de Azeredo Lopes. **Povo de Deus uma sociedade contrastante: do Movimento de Jesus à pós-modernidade.** Rio de Janeiro, 2013. 134p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A Igreja para continuar fiel a sua vocação pretendida por Cristo, precisa ser capaz de estabelecer conexões com a cultura e com o mundo na qual esta inserida em atitude dialógica. Como Povo de Deus ela possui uma identidade definida, contrastante com a sociedade, é um organismo vivo e pulsante que através dos séculos, penetrou em uma gama diversificada de culturas, como mediadora e sinal do Reino porvir. Minhas reflexões acreditam que a pós-modernidade seja o contexto possível para a vivência da eclesiologia de comunhão, isto é alinhar-se ao projeto salvífico de Deus para o mundo, mantendo no tempo presente a Igreja como voz que se faça ouvir, vida geradora de vida e luz para os povos, cumprindo sua vocação em Cristo.

Palavras-chave

Movimento de Jesus; comunhão; igreja; sociedade contrastante; pós-modernidade.

Abstract

Santos, Marco Antonio; Tepedino, Ana Maria de Azeredo Lopes (Advisor). **The People of God as a contrasting society: since the Jesus movement until Post-modernity time.** Rio de Janeiro, 2013, 134p. MSc. Dissertation - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

In order to the church maintain her faithfulness to her vocation, she must be able to establish dialogical connections to the world in which is inserted . The Church considered as the People of God has a precise identity, and is a living and contrasting organization which throughout the centuries has penetrated in different cultures as a mean and sign of the Kingdom to come . To say it's a contrast society does not mean it's a society outside the world, which makes segregations and discriminations. But, rather, it's a contrasting society, because inserts itself into the world, interacting, loving and fighting for life.

My reflections think about Post-modernity as a possible context, to live the Ecclesiology of communion, to follow the salvific project of God to the world maintaining in the present time the Church as a voice to be heard, life engendering life and light to the peoples, accomplishing her vocation in Christ.

Keywords

People of God; Church; Kingdom of God; Contrasting society.

Sumário

| | |
|--|----|
| 1 Introdução | 9 |
| 2 Do surgimento de um movimento a Igreja de Cristo. | 13 |
| 2.1. Contexto Sócio – Político – Econômico – Cultural e Religioso. | 15 |
| 2.1.1. Cenário político-administrativo. | 15 |
| 2.1.2. Cenário socioeconômico | 18 |
| 2.1.3. Cenário Religioso - Cultural | 21 |
| 2.1.4. Relação Judeus x Gentios | 23 |
| 2.2. Do Movimento de Jesus ao Cristianismo Primitivo | 25 |
| 2.2.1. O movimento batista | 25 |
| 2.2.2. O movimento de Jesus | 28 |
| 2.2.3. A mensagem de Jesus | 31 |
| 2.2.4. O cristianismo primitivo | 35 |
| 3 . Igreja como povo de Deus: Uma sociedade contrastante. | 44 |
| 3.1. A origem do povo de Deus | 44 |
| 3.1.1. A Eleição: Iniciativa de Deus para o estabelecimento de seu povo. | 46 |
| 3.1.2. A igreja: compreendida como povo eleito de Deus. | 48 |
| 3.1.3. A Igreja: Povo de Deus em comunhão. | 51 |
| 3.1.4. Povo de Deus: Corpo de Cristo em desenvolvimento. | 53 |
| 3.2. Uma sociedade contrastante em suas origens | 59 |
| 3.2.1. Origem do povo de Deus como sociedade contrastante. | 60 |
| 3.2.2. O Êxodo: saída constitutiva de uma nova sociedade. | 61 |
| 3.2.3. A Igreja como sociedade contrastante | 63 |
| 3.2.4. Perseguição em razão de suas características distintivas. | 67 |
| 3.3. Preservação de suas características identitárias. | 69 |
| 3.3.1. O monasticismo. | 70 |
| 3.3.2. Os místicos | 75 |
| 3.3.3. Os movimentos reformadores (Séc. XVI) | 78 |
| 3.3.4. Renascença e reforma. | 82 |

| | |
|--|-----|
| 4 Povo de Deus em uma sociedade pós-moderna | 84 |
| 4.1. Para compreender a Pós-modernidade | 84 |
| 4.1.1. Aproximação da realidade pós-moderna | 85 |
| 4.1.2. Evolução e transição | 88 |
| 4.1.3. Caracterizações Pós-modernas | 94 |
| 4.2. Igreja e Pós-modernidade | 101 |
| 4.2.1. Igreja: Povo de Deus em missão. | 102 |
| 4.2.2. O Secularismo | 104 |
| 4.2.3. Pós-modernidade e espiritualidade | 108 |
| 4.3. Um Reino em fronteiras em um mundo sem fronteiras | 113 |
| 4.3.1. A visão do Reino. | 114 |
| 4.3.2. Libertação no contexto pós-moderno. | 115 |
| 4.3.3. Reino de Deus, sociedade contrastante e pós-modernidade | 121 |
| 5 . Conclusão | 126 |
| 6. Referências Bibliográficas | 129 |

1 Introdução

No decorrer da história bíblica, a partir do livro de Gênesis, percebe-se a iniciativa de Deus em estabelecer relacionamento com sua criação, formando *Adan* como representante humano, Deus assume atitude dialógica, dando-se a conhecer e apresentando-lhe uma proposta de vida. Tal iniciativa clarifica desde os primórdios da humanidade, a manifestação do amor de Deus, não há retração ou isolamento, mas atitude aproximativa; não há silêncio, mas comunicação.

É uma relação inclusiva em pleno amor, que cria vínculo e pertencimento, não como posse ou dominação, mas provendo liberdade e proporcionando sentido existencial. Por tratar-se de uma relação em amor, deve necessariamente incluir espaço para a livre resposta, que permite a construção de uma vida em plena harmonia. A rejeição humana, não frustra o propósito imutável de Deus, Ele está disposto a novos começos.

A partir de Abraão, nota-se uma progressão inclusiva, Deus expande seu relacionamento: Deus de Abraão, Deus de Isaque, Deus de Jacó, Deus das doze tribos de Israel. Individual, familiar, tribal e nacional. O Deus de Israel, que tem um povo, mas não restringe seu propósito a este povo, dá mostras da universalidade de seu amor, abrindo possibilidade relacional aos estrangeiros, não fazendo restrições. Seu povo possui características distintivas: *a adoção de filhos, a glória, as alianças, a lei, o culto, e as promessas* (cf. Rm. 9, 4).

Com a vinda de Jesus toda a humanidade é chamada a fazer parte de seu povo, a uma vivência relacional, que se evidenciará em uma nova maneira de viver. Ao sermos alcançados pelo amor de Deus, somos movidos a amar, a valorizar pessoas, nos tornamos mais humanos. Esta nova cosmovisão, contrasta com os valores da sociedade pós-moderna, na qual a Igreja como povo de Deus está inserida e para a qual deve possuir relevância.

A possibilidade de que esta relevância aconteça, está inexoravelmente ligada à relação de pertencimento a Deus, pois entendemos que sem a ação do Espírito,

seríamos apenas mais uma associação filantrópica dentre muitas outras. Dessa relação decorre a visibilidade da igreja, não de seus templos mas de seu povo.

A presente pesquisa, tem como objetivo identificar a Igreja como povo de Deus e sociedade contrastante, no mundo pós-moderno e globalizado. Cronologicamente, nossa pesquisa inicia-se a partir do I século, embora saibamos que a identificação de um povo pertencente a Deus, ocorra desde o Livro de Gênesis.

Para formular meu objetivo, parti do pressuposto supracitado: desde o Antigo Testamento é perceptível tanto no relato da criação, como nas ações libertadoras de Deus, o estabelecimento de vínculo relacional e de pertencimento com o povo judeu, deste mesmo povo descende Jesus, o Cristo. Jesus vive esta relação de forma plena e durante seu ministério, convoca pessoas para unirem-se a Ele, constituindo um modelo de sociedade alternativa, e ao mesmo tempo contrastante na propagação e vivencia do que chamava Reino dos Céus ou Reino de Deus.

A questão proposta é: como esta sociedade alternativa e contrastante, pode ser visibilizada e vivida na sociedade pós-moderna, viabilizando as pessoas a vivência de uma nova realidade existencial?

Para alcançar este objetivo, a pesquisa é desenvolvida a partir de levantamentos históricos, na Idade Antiga (contexto em que Jesus viveu), em momentos pontuais na Idade Média, no período de transição para a idade moderna e da sociedade pós-moderna.

Contextualizar a realidade vivida em períodos específicos da história da Igreja¹, constitui grande desafio, pois não podemos afirmar, que os momentos históricos abordados, eram vividos pela igreja em sua totalidade. Também não é nosso propósito realizar detalhamento minucioso de cada período, esta tarefa tem sido realizada com maestria, por historiadores abalizados, consultados no decorrer da pesquisa.

Relação de pertencimento e contraste, são temas que perpassam o conteúdo desta dissertação. Embora na pós-modernidade os metarrelatos sejam desacreditados, precisamos de lucidez, para perceber o quanto eles são

¹ O termo Igreja será utilizado neste trabalho como povo de Deus, a partir da visão de J. M. Tillard em seu livro *Iglesia de Iglesias*. TILLARD, J.M., *Iglesia de Iglesias: Eclesiología de comunión*, Salamanca: Sígueme, 1999, p.97

importantes para nossa percepção do que hoje somos. Desta forma ao voltarmos nosso olhar ao passado é que adquirimos compreensão do presente.

No segundo capítulo, procuramos contextualizar o ambiente no qual emerge o movimento de Jesus e o movimento batista que o antecedeu, qual era a realidade política, econômica e religiosa da sociedade palestina no primeiro século. A dominação romana e a difícil relação entre judeus e gentios. Essa abordagem se faz necessária para que tenhamos uma percepção real da sociedade judaica, porque é desta sociedade que surgirão seus primeiros seguidores, e na qual o cristianismo se desenvolverá inicialmente, formando um núcleo de comunhão em torno da pessoa de Jesus. Após sua morte este núcleo inicial de seguidores se ampliará adquirindo identidade própria e perceptível naquela sociedade.

No terceiro capítulo, apresentamos o fio condutor, que interliga o povo de Deus em sua realidade histórica com o povo de Israel. Povo que surge em decorrência da iniciativa salvífica de Deus (eleição). Tal compreensão reveste-se de importância porque uma identidade mais definida consolida-se, revelando de forma mais nítida sua realidade contrastante, a “koinonia”, a vivência do “ágape” e a imagem da igreja como corpo, retratam a igreja primitiva.

Procuramos salientar um paralelo de ideias com o êxodo: saída constitutiva de uma nova sociedade livre e emancipada, e a desinstalação provocada pela mensagem do Reino. As perseguições consequentes de um novo pensar, da adoção de novos valores morais, éticos e espirituais e consideramos ainda de grande importância o surgimento de movimentos, que buscavam resguardar a identidade distintiva da igreja quando esta parecia diluir-se frente às mudanças históricas e sociais.

No último capítulo, tratamos do ambiente pós-moderno. Contextualizamos a sociedade atual, sob a ótica de pensadores sociais que nos ajudam a caracterizar este momento. Procuramos pensar a igreja de Cristo no mundo globalizado pós-moderno, como uma igreja no mundo e ao mesmo tempo distinta dele. Sem tornar-se reclusa é capaz de conviver, transmitindo o amor de Deus, sendo uma comunidade acolhedora, atenta às necessidades de seu tempo.

Por este motivo, neste capítulo ao abordar a Igreja como sociedade contrastante, coloco em evidência, que cristãos que experimentam uma renovação em suas mentes e corações pela palavra de Deus, adquirem uma cosmovisão holística, contribuem para a concretização do que Jesus chamou de Reino de

Deus, tornam-se atuantes, sendo capacitados pelo Espírito de Deus, para produzir influencia transformadora, em suas comunidades locais inseridas nas mais diferentes culturas. Deus elege sua igreja visando sua atuação real.

A pesquisa baseou-se em fontes bibliográficas, buscando unir o pensamento de diversos autores em convergência à proposta definida. Esperamos que as reflexões provocadas pelo texto, nos auxiliem na vivência do cristianismo no tempo presente, e que além de nossas abordagens teóricas possamos contribuir para a construção de uma sociedade melhor.

2

Do surgimento de um movimento a Igreja de Cristo.

No primeiro século de nossa era, um movimento a principio inexpressivo iniciado na Palestina², expandiu-se por todo Império Romano, atravessou a história e chegou até nossos dias, liderado por um carismático galileu itinerante, um pequeno grupo de homens pobres e iletrados, impactaram o mundo de sua época com uma mensagem revolucionária.

Analisando pelo aspecto social, o movimento poderia ser classificado como uma reação popular contra a opressão e as injustiças sociais produzidas nesse momento histórico, pelo governo vigente que era exercido pelo Império Romano e por parte da elite judaica. No entanto, a análise das motivações reais deste movimento, nos mostram, que seu maior objetivo era a revalorização da vida humana, dar aos desprezados, aos pobres e aos que vivem à margem da sociedade significado existencial.

O surgimento do cristianismo no primeiro século não é a simples manifestação de mais uma crença ou vertente filosófica dentre as varias já existentes no oriente médio, também não deverá ser visto como resultado de ações orquestradas visando à criação de uma nova religião e desta forma angariar adeptos, mas é a consequência de um movimento liderado por Jesus e de sua mensagem.

Neste capítulo, abordarei o surgimento do cristianismo como resultado de um movimento iniciado por Jesus ao qual aderiram inicialmente homens por ele convocados que posteriormente foram cognominados apóstolos. Esse movimento

² A Palestina, no tempo de Jesus não se chamava Palestina. O Novo Testamento jamais emprega este termo. Foi só no ano 135 de nossa era que o imperador romano Adriano, depois de esmagar definitivamente a segunda revolta judaica, de ter arrasado Jerusalém e tê-la reconstruído sob o nome de Colônia Aelia Capitalina, devolve novamente á Judéia, o país dos judeus, o antigo nome de Palestina, empregado outrora por Heródoto, a saber, o "país dos filisteus". Por sua posição geográfica, por diversas vezes foi alvo de disputas, foi conquistada por Alexandre Magno, porém após sua morte em 323 a.C. passou por um grande período de instabilidade política tornando-se alvo de disputas entre ptolomeus e selêucidas até ser conquistada pelos romanos em 63 a.C.. MAINVILLE, O. (Org.) *Escritos e ambiente de Novo Testamento*, Petrópolis: Vozes, 2002 p. 15.

é iniciado em um contexto de grande desigualdade social e de mudanças sócio-culturais. Nesse contexto eclodem movimentos libertários e uma perspectiva escatológica não somente precede como coexiste com o movimento de Jesus, onde a necessidade de intervenção divina torna-se premente e permeia o imaginário judaico.

As situações sócio-políticas de enfraquecimento econômico e sobretudo, a decadência cultural e espiritual e de perda de identidade são sempre períodos nos quais surgem movimentos radicais do tipo messiânico, movimentos que sonham com eminente chegada de um mundo radicalmente novo, “porque o mundo velho” encontra-se insuportável. Nasce então um ardente desejo: está próxima a vida livre e redimida. Em semelhantes situações de crise floresce a fantasia, surgem imagens utópicas de um mundo totalmente novo: imagens de um mundo de paz, justiça, felicidade e amor. Tais movimentos frequentemente cristalizam-se na figura de um mediador que aparece como salvador do qual se espera que melhore todas as coisas.³

Uma visão aproximada do ambiente no qual emerge o movimento de Jesus nos proporciona uma melhor compreensão do significado de sua mensagem no contexto em que foi proclamada e de sua existência concreta, permitindo-nos ainda dar-lhe resignificação adequada em nosso tempo, fazendo com que a mensagem do Reino de Deus tenha significado no mundo globalizado pós-moderno. Nesse sentido é pertinente a afirmação de Malina:

Para compreender qualquer tipo de comunicação, tanto o emissor quanto o receptor da mensagem devem partilhar algum cenário social; do contrário, o resultado é confuso ou pode colocar palavras na boca do emissor; isto é, o resultado é uma mensagem distorcida. Se nós não partilharmos nada dos cenários sociais que moldaram as perspectivas dos autores bíblicos, nossa leitura da Bíblia e subsequente teologia serão uma confusão ou nossas ideias e valores impor-se-ão aos dos autores e seus textos.⁴

Optei pela palavra aproximação seguindo o pensamento de Pagola⁵: “mediante a investigação histórica não é possível chegar à realidade total de Jesus; só podemos ir recuperando um retrato incompleto e sempre melhorável de sua atuação.” Tal afirmação é subsidiada ainda tanto pela escassez de fontes (que podem gerar hipóteses insustentáveis) históricas como pelo desinteresse inicial por parte de historiadores da época pela pessoa de Jesus, um simples filho de artesão vivendo em uma cidade insignificante do vasto império romano, os

³ SCHILLEBEECKX, E. *Jesús. La historia de un viviente*. Madri: Trotta, 2002, p. 113.

⁴ MALINA, B. J. *O evangelho Social de Jesus*, São Paulo: Paulus, 2004, p. 22.

⁵ PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 14.

historiadores antigos estavam mais interessados pela alta política e seus protagonistas do que por fenômenos sociais.⁶

Em minha abordagem aproximativa quero assinalar os cenários político - administrativos, econômico – social e religioso - cultural no qual Jesus estava inserido para que em linhas gerais possamos perceber em que condições articulam-se tais aspectos ainda que de forma aproximativa, contribuindo para uma melhor compreensão de sua mensagem.

2.1.

Contexto Sócio – Político – Econômico – Cultural e Religioso.

O cristianismo e todos os escritos neo-testamentários emergem em um mundo helenizado e sob organização romana. Embora o movimento de Jesus desenvolva-se nas aldeias e pequenas cidades da Palestina, não deixa de ser significativa a contextualização no qual ocorre e se desenvolve em razão dos efeitos produzidos pela dominação romana que se faziam sentir em todo território incorporado ao império.

“... o movimento de Jesus localizava-se socialmente na cultura da aldeia rural alienada de cidades greco-romanas. Essa alienação pode estar relacionada com a rejeição de Jesus a determinadas estruturas sociais “visando um futuro diverso e relacionamentos humanos diferentes.”⁷

2.1.1.

Cenário político-administrativo.

Não podemos desconsiderar que a mensagem de Jesus tinha um aspecto político administrativo, pois desde o Antigo Testamento a profecia sempre possuiu uma dimensão política. Deus não restringia seu interesse às questões religiosas abstendo-se de questões políticas. Ao tematizar sua mensagem com a questão do Reino, Jesus resgata a proposta teocrática que permeava o A.T.⁸

Ainda assim para que sua proposta do Reino fosse assimilada e capaz de gerar adesões, faz-se necessária a percepção de que o momento político vivido no

⁶ CARDEDAL, O. G.; FAUS, J.I.G.; RATZINGER, J.C. *Salvador del mundo: Historia y actualidad de Jesucristo*, Salamanca, Secretariado Trinitário, 1997, p. 26

⁷ STAMBAUGH, J. E. *O novo testamento em seu ambiente social*, São Paulo, Paulus, 1996, p 95

⁸ BÍBLIA, A. T. 1 Samuel. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: SBB, 1989, Cap. 8, vers. 7. As demais citações serão realizadas de acordo com essa tradução.

primeiro século não era capaz de produzir os benefícios necessários a maior parte da população, que em sua grande maioria era desfavorecida.

Vivendo sob dominação romana, a Palestina conquistada em 63 a.C, era administrada pela aristocracia nativa e por procuradores romanos que constituíam a elite protegida pelo imperador, esta elite ficava sob ordens diretas do governador que os recompensava com terras e altos postos no governo, em troca de apoio e impostos⁹, a elite dominante não demonstrava grande interesse pelo bem estar do povo, sua função política existia para agradar a Roma.

Mesmo entre os autóctones que ocupavam posições de prestígio político tais como: aristocratas saduceus, escribas e sacerdotes, suas relações políticas com os dominadores e os benefícios que desfrutavam faziam com que essas elites procurassem apenas manter suas posições, deixando de solidarizar-se com os pobres.

Faz-se importante ressaltar que as questões internas da comunidade judaica, contudo, mesmo sob a administração romana, eram resolvidas pelo Sinédrio, tribunal presidido pelo sumo-sacerdote e formado por 71 membros (anciões, sumo-sacerdotes depostos, sacerdotes do partido dos saduceus e escribas fariseus), com sede em Jerusalém. Provavelmente instituído ainda no século III aC, no século I dC possuíam atribuições jurídicas: julgavam os crimes contra a Lei Mosaica, fixavam a doutrina e controlavam todos os aspectos da vida religiosa. Em todas as cidades e vilas da Palestina também existiam pequenos sinédrios formados por três membros que cuidavam de questões locais (Mt. 5:25).¹⁰

É nesse contexto, que o movimento de Jesus adquire significado:

O objetivo do movimento de Jesus era uma reconfiguração transformadora da sociedade toda, visionariamente definida pela metáfora do "Reino de Deus", e até mesmo a transformação do mundo todo, embora o reino de Deus não devesse ser realizado por seres humanos, mas por Deus. O ser humano era partícipe dessa transformação. O chamado ao arrependimento visava á sua renovação redentora. Cabia-lhe transformar sua conduta de vida desde os alicerces.¹¹

A mensagem do Reino nesse contexto atende aos anseios do povo que vive em uma situação de injustiça e desamparo, contrapondo-se ao reino vigente. O Reino de Deus é percebido como governo teocrático¹² onde ocorre restauração da justiça pois o próprio Deus é o governante do povo que lhe pertence, é uma mensagem que traz valorização e motivação para a vida: os pobres, os que

⁹ MALONEY, E. C. *Mensagem urgente de Jesus para hoje*, São Paulo: Paulinas, 2008, p. 26.

¹⁰ SILVA, A.C.L.F. <http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/palestina.htm> acessado em 12/05/2012.

¹¹ THEISSEN, G. *O movimento de Jesus*, São Paulo: Edições Loyola, 2008, p.142.

¹² MALINA, B. J. *O evangelho social de Jesus*, p. 6.

choram, os que vivem à margem da sociedade são valorizados. Não há dissociação entre política e religião.

Nesse sentido “*a religião configura-se como liga social e impulso inovador.*”¹³ oportunizando as pessoas acolhimento, aceitação e valorização, possibilidades que até então lhes eram negadas. A mensagem do Reino pregado por Jesus não era utópica ou abstrata, aquelas pessoas destinadas ao ostracismo eram não apenas alvo do amor e da gratuidade de Deus mas podiam vislumbrar uma nova realidade possível de ser vivida.

Em relação ao cenário político-administrativo precisamos também ressaltar as condições que mostraram-se favoráveis ao cristianismo decorrente do movimento de Jesus:

A paz romana (pax romana): Sob Augusto, a paz se estende ao mundo. Por quase toda parte, os vastos territórios do Império são divididos em províncias. Estas, entretanto, não possuem todas um mesmo estatuto. As províncias pacificadas há mais tempo são chamadas senatoriais: estão sob a dependência do Senado romano e governadas por pro-cônsules. As províncias onde estacionam sempre legiões são colocadas sob a autoridade direta do Imperador, que as governa por intermédio de legados, assistidos por chefes militares e procuradores. Esta será a situação da província imperial da Síria e da província procuratoriana da Judéia. Segundo Michael Green¹⁴, a expansão do cristianismo seria inconcebível se Jesus houvesse nascido meio século antes.¹⁵ “*Todo o mundo conhecido estava pela primeira vez sob efetivo controle de uma só potência. Roma.*”

A cultura grega: Idioma e o pensamento grego. A possibilidade de difusão dos escritos neotestamentários através de um idioma comum¹⁶ (grego *koinè*, da palavra grega “*koinos*” que significa comum) e o questionamento filosófico acerca das divindades mitológicas, apontavam para a existência de uma possível divindade única. Contribuíram de forma significativa para a difusão do evangelho.

¹³ THEISSEN, G. *O movimento de Jesus*, p. 20.

¹⁴ Michael Green é teólogo britânico e sacerdote anglicano; com mais de cinquenta livros escritos, é doutor pela universidade de Toronto. Tornou-se um pesquisador sênior e chefe de Evangelismo e Apologética no Wycliffe Hall, Oxford em 1997.

¹⁵ GREEN, M. *La evangelizacion en la iglesia primitiva*. Buenos Aires, Nueva Creacion, 1997, p. 12.

¹⁶ Embora as regiões conservassem o uso local de seu idioma e muitas pessoas eram mais ou menos bilíngues. A Síria continuava usando o aramaico, também falado, as vezes com o hebraico, pelos judeus da Palestina. Mas mesmo nesses países, todos aqueles que se imiscuíam de alguma forma no mundo da política, da administração ou do comércio, deviam utilizar uma "segunda língua" de cultura e de negócios: o grego.

O judaísmo: O judaísmo foi em várias cidades o ponto de contato para a comunicação inicial do evangelho. “*Os judeus haviam se disseminado bastante, além dos limites da Palestina muito antes do I Séc. e onde quer que fossem, levavam consigo sua religião.*”¹⁷

2.1.2. Cenário socioeconômico

A economia da Galiléia baseava-se na produção agrícola¹⁸, pequenos produtores viviam da agricultura de subsistência feita geralmente em pequenas propriedades tendo como finalidade principal a sobrevivência do agricultor e de sua família. A unidade política do Império era mantida pelo controle militar em centros urbanos espalhados pelas províncias e destes pontos estrategicamente controlados Roma apropriava-se dos camponeses tirando deles não apenas os excedentes agrícolas, mas também a terra e a dignidade.

[...] no império agrário tradicional, a aristocracia toma o produto excedente da classe camponesa; no império agrário mercantil, a aristocracia toma a terra da classe camponesa. O primeiro devora o esforço e o produto dos camponeses, o segundo a própria identidade e dignidade deles [...] No império agrário tradicional, a terra é herança familiar a ser conservada pela classe camponesa. No império agrário mercantil, a terra é mercadoria empresarial a ser explorada pela aristocracia.¹⁹

É neste cenário que evidenciam-se as maiores discrepâncias, a população dividia-se basicamente em duas classes: Os ricos (eram minoria), ligados à estrutura de poder religiosa e política, ou os donos de terra cujo enriquecimento vinha da exploração e expropriação do que os pobres possuíam e os pobres, que poderiam ser subdivididos em duas categorias:

[...] destacamos duas categorias: os camponeses que produziam o suficiente para sua subsistência, mas não mais que isso. E os camponeses que não tinham terra para seu sustento e que ganhavam a vida com dificuldade vendendo sua mão-de-obra ocasionalmente ou trabalhando em meio-expediente como oleiros, carpinteiros, curtidores ou qualquer outra ocupação.²⁰

¹⁷ GREEN, M. *La evangelizacion en la iglesia primitiva*, p. 25.

¹⁸ THEISSEN, G. *O movimento de Jesus*, p. 161.

¹⁹ CROSSAN, J. D. *O nascimento do cristianismo*, São Paulo, Paulinas 2004, p. 201-202.

²⁰ SILVA, R.M.S. *Pluralidade e conflito. As revoltas judaicas e a ideologia de poder* 2006 143 f Dissertação (Mestrado) Departamento de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2006, p.74.

Eram pessoas que viviam em situação não apenas de pobreza, mas em alguns casos numa situação de empobrecimento progressivo vitimizados pela exploração, injustiça e carga tributária excessiva. Os impostos não faziam parte de uma política econômica governamental, não visavam beneficiar a população, impostos eram contribuições forçadas. A carga tributária a que estavam submetidos em parte já havia sido estabelecida desde o séc. IV a.C. pelos persas. Sob o império persa, os camponeses pagavam seu débito ao Templo, mas também pagavam, em natura ou em dinheiro, o tributo que cabia ao Império. Mais tarde, a Judéia sustentou o Templo e pagou também o tributo aos Ptolomeus (Egito) e aos Selêucidas (Antíoco da Síria).

Nesse período, os tributos eram cobrados da seguinte maneira: o camponês devia pagar uma quota em moeda de prata (dáríco) de acordo com que o império determinava para cada polis, étnos ou região e a cobrança de impostos cabia ao rei e aos seus altos funcionários.²¹

Sob o império romano a situação havia se agravado, novos impostos haviam sido criados gerando benefícios não apenas para os dominadores, mas proporcionando também aos sumo sacerdotes e membros da aristocracia judaica uma vida luxuosa em meio à pobreza a que estava submetida à população. Além dos impostos destinados ao império, haviam também impostos religiosos os quais chegaram em alguns momentos a serem também tomados a força. A esse respeito escreve Josefo:

Nesse mesmo tempo, Ananias, que era um sacerdote de mérito, conquistava o coração de todos. Não havia quem não o honrasse pela sua liberalidade; não se passava um dia sem que ele não desse presentes a Albino e ao sumo sacerdote. Mas ele tinha servos tão maus que iam pelas granjas com outros que não eram melhores do que eles, tomar à força as décimas, que pertenciam aos sacerdotes e batiam nos que se recusavam dá-las. Outros faziam também a mesma coisa; assim, os sacerdotes, que não tinham outro meio de vida, achavam-se reduzidos aos extremos, sem que ninguém se resolvesse dar um remédio a isso.²²

Em razão das circunstâncias acima expostas, o movimento de Jesus encontra campo propício para emersão e desenvolvimento. Jesus vive a realidade dos pobres, esta inserido entre eles, contudo sua mensagem não é de revolta ou lamentação, mas é um convite a “*metanóia*”, gera expectativa de mudanças em razão do Reino, chama os desfavorecidos de “*makarios*” ou bem-aventurados. As

²¹ SILVA, R.M.S. *Pluralidade e conflito. As revoltas judaicas e a ideologia de poder*, p.110.

²² JOSEFO, F. *História dos Hebreus*, Rio de Janeiro, CPAD, 2004, p.940.

razões das bem aventuranças apontam para as bênçãos presentes do Reino e sua plena concretização ainda por vir.

A questão dos sem emprego era sem dúvida preocupante e não se pode negar que haviam desempregados na Palestina. A cada geração, de modo particular, como as terras não eram divisíveis ao infinito, filhos de pequenos produtores se viam sem terra para trabalhar e tinham que encontrar uma outra maneira de subsistir. Daí resultaram os desempregados.

Nessa situação de extrema pobreza e abandono social, a mensagem do Reino, traz a luz uma imagem de Deus como governante justo em solidariedade presente e empática, resultando em uma comunhão de sentimentos e ações libertadoras, de modo a constituir no grupo em apreço uma unidade sólida, capaz de resistir às forças exteriores e mesmo de tornar-se ainda mais firme em face das dificuldades e oposições.

Desde a antiga aliança, Deus sempre colocou-se ao lado dos oprimidos e desprotegidos, suas leis não visavam apenas satisfazê-lo, manifestavam uma proposta de vida para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa. *“Eu sou o Senhor, que faço misericórdia, juízo e justiça na terra, porque estas coisas quero.* (c.f. Jer. 9, 24). Willian Dyrness²³ enfatiza que no Antigo Testamento os valores humanos estavam acima dos materiais e o homem.

As pessoas do Antigo Testamento se relacionam com Deus devido a sua grande misericórdia (hesed). São distinguidos como os seres sobre os quais se manifesta a misericórdia de Deus. Ao mesmo tempo encontram-se unidos uns aos outros por esta mesma misericórdia. Sendo assim, como objetos da bondade de Jeová, os homens e as mulheres devem ser bondosos. O que Deus pede? Que façamos boas obras e amemos a misericórdia (Miquéias 6:8). Assim as pessoas como imagens podem refletir o caráter de Deus em virtude de sua própria criação. Isto quer dizer que suas relações com aqueles que lhes rodeiam podem ser muito mais que simplesmente justas ou boas; podem ser também criativas e restauradoras, tal e como são as obras de Deus em sua relação conosco (cf. Jó 29:12-16).²⁴

Desta forma, o cenário socioeconômico vigente contrastava com a proposta do Reino, encontrando sentido entre os desfavorecidos.

²³ Willian DYRNESS é doutor em teologia pela Universidade de Strasbourg e professor de Teologia e cultura da escola de graduação do Fuller Theological Seminary.

²⁴ DYRNESS, W. *Temas de la teologia del antiguo testamento*. Miami, Editora Vida, 1979, p. 135

2.1.3. Cenário Religioso - Cultural

Em relação ao cenário religioso cultural podemos realizar uma dupla abordagem: A situação intra-judaica e a relação judeus e gentios. Segundo Josefo, os judeus estavam divididos em três grupos principais: saduceus, fariseus e essênios.

Antes da destruição do segundo Templo em 70; na verdade não havia em Israel, como também não na Diáspora, judaísmo "normativo". A rigor, deve-se antes falar de judaísmos, no plural.

Os saduceus: Formavam a elite sacerdotal e leiga. Partido político-religioso de pessoas ricas e altamente colocadas, os saduceus, de fato, tiveram uma atitude conciliadora no primeiro século com relação aos romanos e buscaram evitar os conflitos violentos entre o ocupante e as massas populares. Mas acabariam sendo arrastados á grande revolta de 66 e desapareceram praticamente da historia com o Templo em 70. Eram menos restritivos em relação às influências estrangeiras, procurando conciliar judaísmo e helenismo, teologia hebraica e filosofia grega. Defendiam o livre-arbítrio, não acreditavam na ressurreição dos mortos, nem na vida após a morte, nem na atuação dos anjos, seguiam somente as leis escritas, presentes na Torá. Eram altamente ritualistas e só aceitavam os cultos realizados no Templo onde, acreditavam que Deus estava. Possuíam um papel preponderante no Sinédrio e controlavam as atividades e riquezas do Templo (Cf. Atos 4:1; 5:17; 23:6).

Os fariseus: A origem dos fariseus também é incerta. Geralmente eles são relacionados com os hassidim, aqueles "piedosos" ou "devotados á Lei" que se reuniram a Matatias, seus filhos e seus companheiros, por ocasião da insurreição dos Macabeus em -167 (I Mc. 2,42). Seu nome significa "separados", sem que se possa dizer com certeza de que eles se separaram. Eram legalistas, e valorizavam tanto a lei escrita como a tradição oral. Ajustavam a interpretação da lei às necessidades de cada momento. Os fariseus admitiam a imortalidade da alma, a existência de uma recompensa e de um castigo após a morte, assim como a ressurreição dos corpos, depois de um juízo universal. Também atribuía certas coisas ao destino, porém nem todas. A "soteriologia" dos fariseus era generosa

com os israelitas, mas pouco entusiasmada com os gentios. Esperavam um Messias político²⁵.

Para fazer de todo povo um povo santo, eles estendiam as regras de pureza impostas à classe sacerdotal. Daí a exagerada preocupação que manifestavam a respeito de certas práticas ou o rigor de certas prescrições testemunhadas pelos textos evangélicos (ver Me 7,3-13). O povo simples, incapaz de seguir essas prescrições, era profundamente desprezado pelos fariseus (Cf. Jo 7,49). O comportamento de Jesus, que negligencia as purificações rituais e os jejuns de devoção, e relacionava-se com cobradores de impostos e pecadores (Mc 2,15-17; Le 15,2), gerava uma forte oposição da parte dos fariseus.

Os essênios: A teoria mais aceita acerca da origem dos essênios é a que os relaciona aos habitantes de "Qunram", seriam descendentes dos cediços²⁶, eram opositores à helenização do país.

Dedicavam-se a uma vida ascética, com o objetivo de plena observância à lei cerimonial, formavam colônias em varias cidades da Judéia e no deserto de Engadi. Cada uma dessas colônias possuía a sua própria sinagoga. Qualquer pessoa, que desejasse fazer parte dela, precisava abrir mão de posses materiais e até mesmo de seus ganhos mediante trabalho; tudo deveria ser compartilhado e proporcionaria um status igualitário entre seus membros. Possuíam hábitos simples de vestimentas e alimentação. Consideravam-se descendentes dos filhos de Deus.²⁷

Os essênios, a terceira seita, atribuem e entregam todas as coisas, sem exceção, à providência de Deus. Creem que as almas são imortais, acham que se deve fazer todo o possível para praticar a justiça e se contentam em enviar as suas ofertas ao Templo, sem oferecer lá os sacrifícios, porque o fazem em particular, com cerimônias ainda maiores. Os seus costumes são irreprocháveis, e a sua única ocupação é cultivar a terra. Sua virtude é tão admirável que supera em muito a dos gregos e de outras nações, porque eles fazem disso todo o seu empenho e preocupação e a ela se aplicam continuamente. Possuem todos os bens em comum, sem que os ricos tenham maior parte que os pobres. O seu número é superior a quatro mil. Não têm mulheres nem criados, porque estão convencidos de que as

²⁵ ALVAR, J. *Cristianismo primitivo y religiones místicas*, Madri, Catedra, 1995, p.30.

²⁶ Hassídicos (piedosos) – Movimento espiritual intra-judaico que se opunham à penetração da cultura helenística iniciada por Alexandre Magno e seguida pelos ptolomeus e pelos selêucidas. Internamente estavam ligados aos fariseus “separados” ou eleitos, de orientação política e aos essênios de orientação religiosa. AUER, J.; RATZINGER, J. *Dios, Uno y Trino*, Barcelona: Helder, p. 160, 1982.

²⁷ DAVIS, J. *Dicionário da Bíblia*, Rio de Janeiro, JUERP, 1993.

mulheres não contribuem para o descanso da vida. Quanto aos criados, consideram uma ofensa à natureza, que fez todos os homens iguais, querer sujeitá-los.²⁸

2.1.4. Relação Judeus x Gentios

A Palestina, e particularmente a Galiléia, eram regiões mais helenizadas e urbanizadas do que se pensava outrora. Mesmo mais urbanizada e mais helenizada do que se pensava, a Galiléia de Herodes Antipas que corresponde à Galiléia de Jesus, continuava, na maior parte, rural e judia. Nela a lei era judaica e os processos de justiça eram judaicos, como também a educação. Foi num contexto judeu que Jesus viveu. Os costumes judaicos mesmo entre os judeus da Diáspora, eram conservados embora vivessem em pleno meio "gentio"²⁹, eram extremamente prudentes quanto aos aspectos da cultura greco-romana que assimilavam. Continuavam a observar o sábado, só alguns deles frequentavam os teatros, raramente casavam-se com pagãos e estudavam muito pouco a filosofia grega. Nada indica que os judeus da Palestina tivessem aceito um nível cultural de helenização que até os judeus da Diáspora evitavam.

Sentir-se integrado é uma necessidade humana, tendo sido criado como ser social as interações fazem-se necessárias ao homem na “polis” ou na “oikós”, nos momentos de alegria ou de tristeza o desejo de compartilhar, ou de sentir-se acolhido são de grande importância na vida humana. Nas interações humanas tanto na forma intracultural como intercultural, o respeito e o reconhecimento pelo outro e pela outra cultura tornam-se imprescindíveis para uma reciprocidade sadia.

A cultura refere-se às formas de vida dos membros de uma sociedade ou de grupos dentro da sociedade. Inclui como eles se vestem, seus costumes matrimoniais e vida familiar, seus padrões de trabalho, cerimônias religiosas e ocupações de lazer.³⁰

No I séc. o choque cultural vivido pelos judeus fazia-se sentir de forma mais evidente na vida religiosa. Embora pudessem professar sua religião, a cultura greco-romana colidia com a cultura de Israel, a troca entre as culturas era

²⁸ JOSEFO, F. *História dos Hebreus*, Rio de Janeiro, CPAD, 2004, p 831.

²⁹ Gentios (heb. Goyim; em grego, ethne (ou Hellenes) via vulgata, gentiles) – Esse era, originalmente, um termo geral para significar “nações”; porém, adquiriu um sentido restrito devido o uso. A mescla com os não judeus era considerada contaminatória. (...) no tempo de Jesus, ser um judeu estigmatizado por “gentio” era um termo de desprezo igual ao opróbrio ligado ao termo publicano (etnikos, Mt18.17). DOUGLAS, J. D. (Org.) *O novo dicionário da Bíblia*, São Paulo: Vida Nova p. 544, 2006.

³⁰ GIDDENS, A. *Sociologia*, Porto Alegre: Artmed, 2005, p 38.

dificultada em razão da Torá, recebida de Deus através de Moisés e que constituía-se como base da vida social³¹.

Havia consenso em que a Torá fazia separação entre judeus e gentios. A Torá propiciava aos judeus sua identidade e definia sua posição privilegiada e ameaçada entre as nações. No entanto, sua interpretação causava separação. Conflitos em torno da verdadeira interpretação da Torá apontam para uma crise de identidade do judaísmo. Seu papel entre todas as nações se tornara problemático. Oscilava-se (com frequência inconscientemente) entre aproximação e segregação, crítica e superação, radicalização da Torá e sua amenização.³²

A situação vivida pelos judeus era uma situação de crise de identidade. Um povo que se via como privilegiado pela escolha de Deus estava subjugado por um outro povo, sob seu domínio político e invadido por sua cultura. A uma tendência natural daquele que está subjugado em considerar a cultura de seus dominadores superior à sua e uma tendência por parte dos dominadores em impor sua própria cultura aos povos subjugados.

Em geral, os judeus poderiam conviver com diferentes culturas evitando imiscuir-se nelas, Jesus com sua mensagem fomenta uma mudança de paradigmas. Embora seus discípulos sejam enviados inicialmente às ovelhas perdidas da casa de Israel, o que a princípio parece uma mensagem segregacionista, gradativamente se revelará plenamente inclusiva: ... *Mas Eu vos digo: muitos virão do ocidente e do oriente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó, no Reino dos Céus. (Mt. 8,11)*

Embora Jesus não tenha realizado um amplo trabalho entre os gentios, lançou a fundamentação necessária para que sua mensagem se propagasse entre os mesmos. A abertura da mensagem do Reino aos gentios tornar-se-á evidente no concílio de Jerusalém e na abrangência entre os gentios do trabalho realizado pelo Apóstolo Paulo segundo a narrativa de Lucas nos Atos dos Apóstolos, como também nas epístolas paulinas. Religião e cultura não constituíam-se em barreiras para a mensagem do Reino.

³¹ THEISSEN, G. *O movimento de Jesus*, p 316.

³² *Ibid.*, p.319.

2.2. Do Movimento de Jesus ao Cristianismo Primitivo

O cristianismo primitivo emerge como decorrência do movimento de Jesus, Ele surge e subsiste em razão daqueles que acolhem sua mensagem identificam-se com ela e tornam-se seus propagadores.

Jesus foi o iniciador de um movimento intrajudaico de renovação, que passou a ser uma nova religião somente depois de sua morte. Seus adeptos, como carismáticos itinerantes e grupos de simpatizantes residentes nas localidades, constituíam um "movimento", isto é, uma tentativa coletiva de concretizar fora de instituições estabelecidas um alvo conjunto mediante um número crescente de correligionários.³³

No I Século da era cristã Jesus tornou-se um peregrino, não sabemos em que momento Jesus rompe com a tradição familiar e deixa Nazaré, sabemos apenas que ele viajou aproximadamente por cento e quarenta quilômetros até o Jordão onde encontraria João Batista. Jesus já havia rompido com práticas normais estabelecidas na cultura judaica: não se casou e não se tornou um trabalhador como seu pai. No momento histórico vivido por Jesus, a mensagem de João Batista por certo exerceu alguma influência sobre ele.

2.2.1. O movimento batista

O movimento de Jesus foi precedido por outro movimento de grande repercussão e inédito: o movimento batista. João o batista foi iniciador de um movimento revolucionário em sua época, com uma proposta alternativa à religião estabelecida pelos sacerdotes de Jerusalém, praticando um batismo para a remissão dos pecados, João parece tomar posição contra o Templo. De fato, só os sacrifícios que lá se ofereciam e os ritos de purificação que lá se praticavam é que podiam expiar os pecados. Ligar o perdão dos pecados ao batismo na água era afirmar que sobre este ponto essencial a relação com Deus não precisava mais passar pelo Templo. Nem, conseqüentemente, pelo sistema sacerdotal a serviço dos sacrifícios do Templo.

Desta forma ele deixa claro que era um profeta independente, não estava ligado ao Templo ou a qualquer segmento do judaísmo. “*João pregava no deserto*

³³ GIDDENS, A. *Sociologia*, p. 364.

um batismo de conversão dos pecados a todos os judeus sem distinção”³⁴. João era de uma família sacerdotal rural, mas assim como Jesus, João havia abandonado sua família e rompido com sua tarefa sacerdotal e com o Templo dirigindo-se para o deserto.

Vivendo em estado de pobreza e sobrevivendo do que o deserto lhe proporcionava, João adotou um modelo de vida ascética. Sua mensagem não era inédita em sua totalidade, em momentos da história Israel, houveram profetas trazendo um chamado de Deus à conversão. Normalmente esta mensagem estava associada ao fracasso de Israel diante de seus inimigos. Em relação ao batismo, em seitas como a de “Qunram”, no judaísmo e em outros movimentos penitenciais estavam presentes abluções. A novidade na mensagem de João Batista é a necessidade de que as pessoas fossem batizadas por ele sem necessidade de repetição, enquanto nos demais movimentos os próprios indivíduos utilizavam-se de água para seus rituais de purificação repetidos muitas vezes.

Os ritos de pureza que se referiam à água e à mesa acentuavam, na vida cotidiana, as diferenças entre os grupos já encontrados: fariseus, saduceus e essênios. Mas essas discussões diziam principalmente respeito a uma pequena parte do povo judeu. A massa da população, incapaz de submeter-se à minúcia desses ritos de pureza, ou que com eles não se identificavam via-se assim praticamente excluída. Entretanto, as multidões não eram religiosamente indiferentes e facilmente seguiam esta ou aquela figura profética que aparecia trazendo novos caminhos de salvação, mais acessíveis a todos.

João proclamava a iminência do juízo escatológico e já apelava à salvação pela conversão do coração e pelo rito da imersão receber o perdão dos pecados. Ele convida seus ouvintes à conversão, mas pouco se preocupa com as impurezas rituais, pois deixa que os cobradores de impostos e os militares cumpram seu dever.

Ele não era um revolucionário político, seu discurso não era contra os dominadores, não pretendia uma insurreição. Sua crítica era contra o próprio povo³⁵, pelo abandono ao Deus de Israel. João trazia um chamado ao retorno a fidelidade a YHWH, para João o que importava não era a que segmento do judaísmo uma pessoa estava ligada, se eram judeus ou não, ou que profissão

³⁴ ALVAR, J. *Cristianismo primitivo y religions místicas*, p. 76.

³⁵ THEISSEM G., *O movimento de Jesus*, p.149.

exercia, no relato de Lucas a ênfase está nas ações concretas de cada pessoa “*frutos de arrependimento*”: Solidariedade, partilha (como entre os essênios) e um agir justo são exemplos da mudança de mentalidade requerida por João, boas obras que poderiam evitar o juízo divino. A seu respeito relata o historiador Josefo:

... João, cognominado Batista. Era um homem de grande piedade que exortava os judeus a abraçar a virtude, a praticar a justiça e a receber o batismo, para se tornarem agradáveis a Deus, não se contentando em evitar o pecado, mas unindo a pureza do corpo à da alma.³⁶

A mensagem de João não parece manifestar a graça de Deus, tinha um caráter eminentemente judicial, ameaçadora. Ele poderia ter ido para alguma cidade populosa em razão da relevância de sua mensagem, todavia opta pelo deserto, lugar de recomeço, de êxodo, e aqueles que estavam dispostos a recomeçar iam até ele. A mensagem de João era um chamado à conversão, à *metanóia*, e também uma mensagem libertadora.

Como mencionei anteriormente, os cenários sociais presentes em Israel contribuíam tanto para o surgimento de movimentos penitenciais e de movimentos de libertação. A existência de tais grupos se deve também ao surgimento de líderes carismáticos, ao anseio por mudanças e às expectativas escatológicas. Podemos ainda salientar que concorriam dentro do judaísmo, diferentes segmentos ou seitas, com pontos de concordância e pontos de divergência em relação ao judaísmo ou à vivência das leis de Deus, mas que em nada contribuam para amenizar o sofrimento do povo e tão pouco tinham algo de concreto a oferecer.

Outra característica de João que merece nossa atenção é que João embora tenha também expectativas escatológicas, não conduz o povo a um estado de meros espectadores do que Deus irá fazer, sua mensagem desaloja, convoca o povo a sair da letargia, ao abandono de práticas pecaminosas que arruinam com a vida. Sua mensagem conduz à reflexão é uma mensagem teocêntrica.

O batismo de João estava articulado a uma integridade de vida, longe de ser apenas um ritual ou o cumprimento formal de alguma exigência divina, deveria expressar, através da vivência diária, uma conversão radical a Deus³⁷. Não se trata

³⁶ JOSEFO, F. *História dos hebreus*, p.843.

³⁷ PAGOLA, J. A. *Jesus Aproximação histórica*, p.95.

apenas de um ato simbólico, mas de um ato acompanhado de uma disposição interior de viver para Deus.

O movimento de João angariou inúmeros seguidores, e como consequência a repressão governamental. Os movimentos que atraíam seguidores na Palestina eram normalmente reprimidos de forma violenta pelos governantes inseguros em relação a suas reais intenções, por este motivo João foi preso segundo o historiador Josefo:

Uma grande multidão o seguia para ouvir a sua doutrina, Herodes, temendo que ele, pela influência que exercia sobre eles, viesse a suscitar alguma rebelião, porque o povo estava sempre pronto a fazer o que João ordenasse, julgou que devia prevenir o mal, para depois não ter motivo de se arrepender por haver esperado muito para remediá-lo. Por esse motivo, mandou prendê-lo numa fortaleza em Maqueronte ...³⁸

Após a prisão e morte de João, Jesus difundirá um movimento que embora possua semelhanças com o movimento de João terá maior amplitude, enquanto João permaneceu próximo ao Jordão e as pessoas vinham até ele, Jesus vai aos vilarejos e cidades difundir a mensagem do Reino, indo ao encontro das pessoas. Sua mensagem, embora possua também conotações apocalípticas, é sobretudo inclusiva e manifesta o grande amor de Deus.

2.2.2. O movimento de Jesus

Como vimos anteriormente, as situações vigentes em uma determinada época, quando injustas e produtoras da degradação humana, contribuem de forma significativa para o surgimento de movimentos em busca de mudanças. Assim como o movimento de João encontrou espaço na situação circunstancial vivida pelo povo localizando sua origem no distanciamento de Deus, na sequência de João, o movimento de Jesus reitera um convite à mudança de mentalidade, no entanto, ao invés de utilizar-se de uma ameaça de juízo, apresenta uma proposta amorosa e acolhedora para a vivência de uma nova realidade.³⁹

³⁸ JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. p. 781

³⁹ THEISSEM, G. *O movimento de Jesus* p.50

Essa proposta do Reino apresentada é resultante de sua visão da situação, e ao mesmo tempo de sua visão de Deus. André Myre⁴⁰ destaca com propriedade a correspondência entre o salmo 146 e a atividade de Jesus.

Louvai ao SENHOR. O minha alma, louva ao SENHOR. Louvarei ao SENHOR durante a minha vida; cantarei louvores ao meu Deus enquanto eu for vivo. Não confieis em príncipes, nem em filho de homem, em quem não há salvação. Sai-lhe o espírito, volta para a terra; naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos. Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio, e cuja esperança está posta no SENHOR seu Deus. O que fez os céus e a terra, o mar e tudo quanto há neles, e o que guarda a verdade para sempre; O que faz justiça aos oprimidos, o que dá pão aos famintos. O SENHOR solta os encarcerados. O SENHOR abre os olhos aos cegos; o SENHOR levanta os abatidos; o SENHOR ama os justos; O SENHOR guarda os estrangeiros; sustém o órfão e a viúva, mas transtorna o caminho dos ímpios. O SENHOR reinará eternamente; o teu Deus, ó Sião, de geração em geração. Louvai ao SENHOR.⁴¹

Essa visão de Deus, em suas ações afirmativas⁴², serão plenamente enfatizadas por Jesus não apenas em sua mensagem, mas sobretudo em sua práxis.

Essa mensagem não é anunciada apenas para aliviar o sofrimento humano, é uma mensagem que deve envolver a tal ponto as pessoas por ela alcançadas gerando comprometimento e novos propagadores da mensagem que deverão ser capazes de aplicá-la e vive-la no ambiente em que estiverem inseridos. Daí a necessidade de fazer discípulos. Essa é a boa mensagem que precisa ser difundida, a vida e a mentalidade das pessoas precisa ser transformada.

As tradições relatadas nos documentos sobre o primeiro grupo de Jesus mencionam que ele recrutou uma facção para assisti-lo na tarefa de proclamar o Reino de Deus. E o que ele pediu aos membros dessa facção foi que o "seguissem". Esse "seguir" requeria autonegação.⁴³

Aos que respondem ao seu chamado inicia-se uma nova fase em suas vidas: o discípulo vivencia mudanças reais na experiência de seguimento ao mestre. Não se assentarão em uma sala para lições teóricas, serão lições práticas na escola da

⁴⁰ MAINVILLE, *O Escritos do Novo testamento*, p.89

⁴¹ BÍBLIA. Português. A.T. Salmo 146.

⁴² Utilizo o sentido de ações afirmativas empregado em nossa sociedade: são medidas especiais e temporárias, tomadas ou determinadas pelo estado, espontânea ou compulsoriamente, com o objetivo de eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de oportunidades e tratamento, bem como de compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, decorrentes de motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros. Portanto, as ações afirmativas visam combater os efeitos acumulados em virtude das discriminações ocorridas no passado. (GTI, 1997; Santos, 1999; Santos, 2002).

⁴³ MALINA, B. J. *O evangelho social de Jesus*, p.117.

vida: no contato com os necessitados, na superação das dificuldades e oposições, nas orações e exorcismos.

Jesus estabeleceu os Doze para ficar com ele. Efetivamente, em Marcos, Jesus estará sempre acompanhado de seus discípulos, exceto quando os envia a pregar (6,7-30) e no momento trágico da paixão. Jesus reserva-lhes uma formação particular, dando-lhes um ensinamento privado, longe das multidões (4,10-25.33-34), e fazendo-os testemunhas de seus milagres (4, 35-5,43).⁴⁴

No entanto, o relacionamento dos discípulos com Jesus transcendia o relacionamento de alunos com seu rabino: os rabinos atuavam em casas de ensino instruindo somente homens jovens, e seus alunos podiam trocar de mestre. Em tudo isso Jesus e seu grupo de discípulos se diferenciam deles. O vínculo com Jesus era exclusivo e definitivo. Também mulheres faziam parte de sua audiência. Ele não conhecia uma "stabilitas loci" (estabilidade de lugar). Infelizmente não dispomos de indícios seguros sobre mestres itinerantes no judaísmo palestino daquele período. O mais provável é que Judas Galileu tenha sido pregador itinerante antes dele. Jesus, porém, é o primeiro mestre viandante que deixou vestígios claros nas fontes literárias.⁴⁵

A autonegação significa uma descentralização de si, essa autonegação desinstala, é preciso abrir mão para ir de encontro ao outro, exige comprometimento, não é uma mera questão de anunciar o Reino e afastar-se. Era preciso deixar a casa e casa não significa um edifício mas um lugar que concede identidade. A mensagem é importante, e a necessidade das pessoas tão grande, que se faz necessário romper com alguns paradigmas. Jesus havia abandonado o lugar que lhe competia na aldeia e por isso se tornara alvo do desprezo sócio-moral. A família de Jesus considerou seu filho doente e desvairado. Tentou agarrá-lo para trazê-lo à força de volta a seu mundo. (Mar. 3,21)

Embora Jesus não possa ser diretamente associado a nenhum grupo do judaísmo do primeiro século e apesar de uma certa proximidade doutrinária com fariseus e essênios, o que o define realmente é sua identificação com a mensagem de João Batista ao buscar o batismo. É possível que Jesus encontrasse na mensagem de João sentido claro para o que presenciava num ambiente de tanta desigualdade. O Deus Pai, se importa, não abandonou seu povo, manifestará seu Reino onde existe amor, justiça, acolhimento e aceitação.

⁴⁴ MAINVILLE, O. *Escritos e ambiente do Novo Testamento*, p.188.

⁴⁵ THEISSEN, G. *Movimento de Jesus* p.68

2.2.3. A mensagem de Jesus

Quando falamos sobre a mensagem de Jesus, normalmente nos atemos apenas às suas palavras que nos foram transmitidas, e prescindimos de sua existência concreta. Articularemos então estes dois aspectos da mensagem de Jesus visando uma melhor compreensão de sua mensagem.

O ponto central da mensagem de Jesus era o Reino do céu, que tem o mesmo significado de Reino de Deus, uma mensagem teocrática que aponta para a concretização da soberania de Deus, esse é o significado das palavras “*Basiléia*”⁴⁶ e “*Theos*” quando associadas. Nesse sentido Reino de Deus é: (a) o âmbito do governo de Deus. (b) âmbito no qual, em qualquer momento se reconhece seu governo.

Se o Reino é de Deus, deve ser concretizado ou estabelecer-se por iniciativa divina, embora os seres humanos sejam dele participantes. Essa iniciativa divina realiza-se em Jesus⁴⁷. Desta forma ao afirmar em Marcos que “o tempo já se cumpriu e é chegado Reino” (Mc 1,15), Jesus afirma que não há mais necessidade de espera, chegou o momento o tempo de preparação acabou.

Essa notícia é de fato boa notícia, porque mudanças reais já podem ser vivenciadas. Essa boa notícia viabiliza a possibilidade de resposta, ou seja deve ser entendida como proposta de Deus e não com uma imposição divina. Sendo assim, nossas conjecturas não devem ofuscar sua simplicidade. A mensagem de Jesus era simples e compreensível, não criava obstáculos cerimoniais, intelectuais ou teológicos, a expectativa é que a mensagem pudesse facilmente gerar resposta de acolhimento ou rejeição e não apenas uma adesão nominal. O Reino de Deus já poderia ser experimentado.

É uma oferta de revalorização humana, uma possibilidade relacional, Deus está aberto ao relacionamento com o homem, que pode responder à iniciativa

⁴⁶ *Basiléia* (βασιλεία) é primariamente um nome abstrato, que denota soberania, poder régio, domínio, traduzido “que reina”; território ou povo sobre o qual reina um rei. O reinado de Deus pode entender-se literalmente como centro da atividade de Jesus. Porque tudo mais se organiza em torno desse ponto central. E não somente sua mensagem, mas também sua atividade, como curador, taumaturgo e seu imperativo ético. GNILKA, J. *Jesús de Nazaret: Mensaje e história*, Barcelona: Helder, 1993 p. 109

⁴⁷ CARDEDAL, O.G., *Salvador del mundo*, p.67.

divina, Deus agora deve ser visto como Pai⁴⁸. Embora a oferta inicialmente seja direcionada às “ovelhas perdidas da casa de Israel”, é um chamado a toda a humanidade, em todos lugares, sem distinção de raça ou nacionalidade, para que se deixem governar por Deus. Esse é o aspecto do Reino sem aparência exterior.

O que Jesus e o movimento cristão tentavam realizar,[...] era mudar essa situação desagradável para os fiéis. Com a ajuda de Deus, as pessoas exercem o domínio sobre sua vida, tomando-se membros da família crista. Com o rito do batismo e seu compromisso de fazer a vontade de Deus, elas transferem sua identidade para um grupo com liberdade moral e espiritual que foram o resultado imediato da graça divina.⁴⁹

Quando expulsa o demônio com estas palavras: "Cala-te e sai dele" (Mc 1,25), Jesus restaura para o endemoninhado o poder de controlar sua vida,⁵⁰

Quando, no futuro escatológico Deus estabelecer seu governo de maneira universal, então se concretizará a manifestação visível de seu Reino para todos. Podemos então dizer que em linhas gerais as referências ao Reino situam-se em duas categorias: a primeira que contemplamos como presente, que envolve sofrimento para aqueles que acolhem a mensagem do Reino, mas que é também onde ocorrem suas manifestações; e a segunda que se contempla como futura e está associada com recompensas e glória.

O sentido profundo dos milagres de Jesus é indicar que a soberania de Deus, e seu Reinado, já estão abrindo caminho no mundo. A misericórdia, a restituição da saúde aos enfermos, o fazer viver aos mortos, e devolver dignidade aos alienados e a liberdade aos oprimidos, alimentar aos famintos, são sinais reais do reinado de Deus na história.⁵¹

Nesse sentido o acolhimento da mensagem que proporciona a conversão torna real a inserção no Reino. O perdão é ofertado em gratuidade, na dinâmica do Reino, Jesus aproxima-se das pessoas, relaciona-se com elas de uma forma inclusiva, não existem barreiras. Deus o grande juiz se compadece de seu povo, um povo que inspira cuidado, são ovelhas sem pastor, são as ovelhas perdidas da casa de Israel. Em uma atitude amorosa se dirige a todo Israel, sem discriminação alguma e anuncia o Reino de Deus, que é antes de tudo uma oferta de perdão e

⁴⁸ pater (πατήρ) de uma raiz que significa nutridor, protetor, sustentador (lat., pater, castelhano padre). VINE, W.E. *Vine diccionario expositivo de palabras del Antiguo y del Nuevo Testamento*, Nashville: Caribe, 1999 p. 1316

⁴⁹ MALONEY, E. C. *Mensagem urgente de Jesus para hoje*, p. 115.

⁵⁰ Ibid., p.116.

⁵¹ CARDEDAL, O.G. *Salvador del mundo*, p.67-68.

amor gratuito para todos. Jesus se dirige de forma especial às pessoas marginalizadas e consideradas pecadoras pela mentalidade religiosa vigente.

Jesus não pregava uma espécie de novo estilo de vida para os indivíduos, mas, visando as comunidades locais, tratava da desintegração de suas condições socioeconômicas. [...] Jesus pronuncia também a condenação de Deus, não sobre Israel (e menos ainda sobre o judaísmo), mas sobre o Templo, os dirigentes de Jerusalém e seus representantes, os escribas e fariseus, que "provinham de Jerusalém", [...] O impacto dos governos de Roma e de Herodes [...] é sentido na desintegração das famílias e das comunidades camponesas locais.⁵²

Jesus chama todos à conversão, a uma reorientação de todo seu ser, a qual sendo experimentada proporcionará também mudanças no comportamento cotidiano em função de Deus e de sua soberania, na existência pessoal e coletiva. Sua mensagem é um convite à reconciliação. Anulada a lógica do merecimento manifesta-se a gratuidade de Deus. Gratuidade que vai ao encontro e que a todos acolhe. Enquanto no A.T. os leprosos devem ficar isolados, Jesus irá tocá-los, não recriminará uma mulher que irá tocá-lo ainda que fosse considerada impura por sua hemorragia.

E quando seu Reino estiver plenamente estabelecido, os romanos não estarão mais presentes para reduzir o país à pobreza, os sumos sacerdotes não oprimirão o povo com impostos. Haverá alimento haverá acolhimento e solidariedade. Enquanto o Império Romano constitui-se em um reino injusto, a mensagem teocrática de Jesus aponta para a justiça, essa justiça deve ser aguardada. Esta é a boa notícia do Reino, que Jesus leva aos desesperançados, as expectativas em meio a vida carregada de tensões e insegurança.

As pessoas perdem sua terra, seu barco, seu ganha-pão. As famílias são deslocadas. Os homens são obrigados a um trabalho sazonal ou ao banditismo, ou a mendicidade. Muitos deles são doentes, como também suas famílias. Jesus, restituindo-lhes a saúde, reanima sua esperança de encontrar terra, barco, trabalho, família, comunidade.⁵³

A essas pessoas Jesus trará esperança e razão de vida, o amor do Pai, manifestado através de suas ações e palavras, proporcionam a experiência da salvação que produzem a realidade de uma nova vida.

Jesus realmente deu sua vida em resgate, não apenas no momento de sua morte da cruz, mas em toda sua existência, centralizou seu objetivo existencial em

⁵² HORSLEY, R. A. *Galilee: History, politics, people*, Valley Forge, Trinity Press International, 1995, p. 280-281.

⁵³ MAINVILLE, O. *Escritos e ambiente do Novo Testamento*, p 91.

fazer a vontade do Pai, nesse sentido pode se afirmar o grande amor que permeou sua vida, amor ao Pai e amor à humanidade. Mas essa iniciativa amorosa não era o simples cumprimento da vontade do Pai, o amor pela humanidade está presente em todos os seus atos, Dele se diz: “moveu-se de íntima compaixão por eles porque eram como ovelhas sem pastor” (Mt 9, 36).

Esse amor empático faz com que Jesus planeje suas ações, a obra que o Pai lhe confiou, não está circunscrita ao período de sua existência terrena, nem tão pouco a área geográfica da Galiléia. A missão de Jesus dá continuidade ao que Deus já havia iniciado desde o “princípio” o estabelecimento de seu povo. O Reino é um projeto de Deus que está sendo realizado ao longo da história, não é um projeto de alcance individualista, embora cada pessoa deva responder individualmente ao chamado, o acolhimento da mensagem, nos coloca em uma relação de pertencimento, somos incorporados ao povo de Deus.

Na Bíblia o Reino de Deus se dirige a um povo concreto e histórico, cuja missão é aceitá-lo e vivê-lo, para desta forma converter-se em testemunho de Deus, de sua capacidade humanizadora em meio a outros povos. A grande tarefa de Israel é ser povo que aceita o Reino de Deus e converter-se em “luz para os gentios”, atraindo-os a fé em Yahvé”.⁵⁴

Esse objetivo salvador de Deus, que desenvolve-se ao longo da história de um povo, mas que não está restrito apenas a um povo, os que se convertem tornam visível a nova vida proporcionada por Deus, vida em fraternidade que precisa ter continuidade, então aceitar a soberania de Deus é colocar-se sob sua orientação para o próprio bem deste povo constituído. Essa visão difere dos grupos intrajudaicos que disputavam entre si quem seria o verdadeiro povo de Deus: os fariseus que por sua conduta e observância à Lei, julgavam-se separados ou os sectários de Qumran que refugiados no deserto eram ainda mais separados que os fariseus.

A proposta do Reino apresentada por Jesus, é um Reino sem fronteiras, sem exclusões, onde existe aceitação, que nos permite viver entre as pessoas sem segregá-las, e aqueles que estavam abandonados à própria sorte pela condição que viviam (doenças, situação marginal, pobres, etc.) são aceitos e acolhidos.

Esse movimento iniciado por Jesus, entrou em um período de transição após a crucificação. Jesus foi condenado sem provas pelo procurador Pôncio Pilatos.

⁵⁴ CARDEDAL, O.G. *Salvador del mundo*, p.72.

Apesar do processo acusatório deflagrado pelos líderes judeus, sua crucificação ocorre por motivos políticos. A crucificação era uma forma comum de execução para criminosos e escravos.

2.2.4. O cristianismo primitivo

Entre a morte de Jesus em 33 A.D. e a chamada conversão de Constantino por volta de 337 d.C. historicamente nos situamos na Era Apostólica ou Cristianismo Primitivo. Embora esse período seja dividido em três fases, é nesse momento histórico⁵⁵ que ocorre a transição do judeu-cristianismo, para um cristianismo inclusivo que se propagará em direção a todos os povos nas diferentes culturas.

a) a primeira fase está situada entre a época da vida de Jesus até o ano 100, data em que a maioria dos contemporâneos de Jesus já havia falecido; b) a segunda fase vai do ano 100 ao ano de 250, no momento em que o Cristianismo se propagava fora da Palestina, principalmente nas províncias romanas mais antigas (Síria, Ásia Menor, Egito e, é claro, pela Itália, especialmente em Roma), sem, no entanto, constituir uma religião universal; e c) o terceiro momento abrange a época em que o Cristianismo foi mais intensamente perseguido pelo Estado romano (entre 250 e 311) até sua aceitação como religião do Estado imperial romano a partir de 391.⁵⁶

Jesus não é o fundador de nenhuma religião ou templo, mas os primeiros ouvintes de sua mensagem eram judeus do primeiro século, e foi como judeus do primeiro século que escutaram, receberam⁵⁷ e interpretaram o evangelho. Por este motivo os seguidores de Jesus são percebidos em um primeiro momento como uma seita judia.

A contribuição dos judeus para o desenvolvimento e propagação do cristianismo foi imprescindível em diversos aspectos:

Receberam e preservaram a revelação de Deus: Valorizavam sua herança espiritual, sua identidade como povo de Deus, “seu monoteísmo ético que sustentava haver apenas um só Deus e que este requer além de um culto apropriado a justiça entre os seres humanos”⁵⁸, as “Leis” recebidas através de Moisés bem como os livros proféticos através dos quais Jesus era interpretado e

⁵⁵ Abordarei nesse tópico o período compreendido entre Pentecostes e o ano 100 de nossa era.

⁵⁶ CALDAS, M. *Vida e morte no cristianismo primitivo*, Niterói, ago. 2004. Disponível em: <[HTTP://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/05/e09a10.pdf](http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/05/e09a10.pdf)> Acesso em 13 dez. 2012

⁵⁷ GONZALES, J. *História del cristianismo. vol. I*. Miami, Editorial Unilit, 1994, p. 24.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 27.

identificado como Messias (At. 7.52). O cristianismo não produziu de imediato sua própria literatura, mas serviu-se dos escritos vetero-testamentários para respaldar a transmissão da fé, é através da herança espiritual dos judeus que o cristianismo torna-se compreensível.

Por exemplo no sermão de Pedro no dia de Pentecostes que inclui 27 versículos de Atos 2, 14-40, contém dez versículos do Antigo Testamento, na sequência: At. 2.17-21 de Joel 2.28-32; At. 2.25-28, do Salmo 16.8-11; At. 2.34-35, do Salmo 110.1, etc. O sermão de Paulo em Antioquia (At. 13. 16-41) inclui 26 versículos, nove dos quais provém do Antigo Testamento: do versículo 16 ao 22 se apresenta um resumo histórico do Antigo Testamento até os dias de Davi; o versículo 33 corresponde ao Salmo 2. 7; e 13. 34 foi tomado de Isaías 55: 3; o 35, do Salmo 16. 10; o 41, de Habacuque 1: 5, e o 47 de Isaías 49: 6. O Antigo Testamento era o livro sagrado da igreja primitiva."⁵⁹

A esperança messiânica: A expectativa de uma intervenção divina era compartilhada pelos judeus de forma geral a despeito das possíveis divergências intra-judaicas em seus diferentes grupos. Essa era a maior esperança de todos os judeus, o estabelecimento de um Reino de paz e justiça, embora existisse uma concepção, por muitos totalmente materialista ou até mesmo antagônicas como as aspirações nacionalistas de Horácio⁶⁰ em seu poema em que fala de um rei romano ideal que havia de vir⁶¹, os judeus aguardavam o cumprimento das promessas de Deus.

A diáspora: Outro elemento que contribuiu significativamente para a expansão do cristianismo foi à diáspora. No primeiro século a presença judaica era perceptível em praticamente todas as cidades do mundo conhecido. Para onde iam mantinham suas praticas religiosas, estabelecendo sinagogas⁶² e atraindo também gentios que poderiam tornar-se prosélitos ou tementes a Deus. Diferindo das religiões pagãs não apenas por suas práticas cerimoniais mas também por sua ênfase em uma conduta moral elevada, contribuíram para a penetração e aceitação do evangelho em razão de sua similaridade monoteísta, pela ênfase na conduta individual e pela expectativa messiânica. A maioria esmagadora dos judeus residia

⁵⁹ BARCLAY, W. *Introducción a la Biblia*. México D. F. , Casa Unida de Publicaciones, 1987, p. 55

⁶⁰ **Quinto Horácio Flaco**, em latim *Quintus Horatius Flaccus*, (Venúsia, 8 de dezembro de 65 a.C. — Roma, 27 de novembro de 8 a.C.) foi um poeta lírico e satírico romano, além de filósofo. É conhecido por ser um dos maiores poetas da Roma Antiga. (Nota da IHU On-Line 329 Ano X 17/05/2010)

⁶¹ CAIRNS, E. E. *O cristianismo através dos séculos*, São Paulo, Vida Nova, 1990, pg. 35

⁶² Surgiram em decorrência do cativeiro babilônico que como consequência lhes privava do templo, eram locais de reuniões dos fariseus pra ler a *Torá*.

fora da Palestina, estando dispersa pelas diversas províncias do Império Romano e por territórios situados fora do Império, como a Mesopotâmia (atual Iraque), a Pérsia (atual Irã) e a Península Arábica. Existem evidências de que uma grande parte dos judeus da Diáspora contribuiu para as adesões ao Cristianismo não apenas nos séculos I e II, mas também até por volta do século V.

Judeu-cristianismo: Ainda mesclado ao judaísmo, as primeiras comunidades cristãs eram vistas ainda como seitas judaicas pelos próprios judeus: “E pediu-lhe cartas para Damasco, para as sinagogas, a fim de que, se encontrasse alguns daquela seita, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém.” (At. 9.2); “Mas confesso-te isto que, conforme aquele caminho que chamam seita, assim sirvo ao Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na lei e nos profetas.” (At. 24.14). Paulo não faz uma nítida separação entre a fé cristã e a fé de Israel.

Internamente essas comunidades cristãs ainda não possuíam uma clareza ou distinção doutrinária em relação ao judaísmo e suas práticas cerimoniais, pelo contrário, viam-se como judeus e a vinda de Jesus como cumprimento das profecias concernentes a era messiânica.

Os primeiros cristãos não acreditavam pertencer a uma nova religião. Eles haviam sido judeus toda sua vida, e continuavam sendo. Isto é certo, não somente Pedro e os doze, os sete e até mesmo Paulo.

Sua fé não consistia em uma negação ao judaísmo, mas em uma convicção de que a idade messiânica, tão esperada pelo povo hebreu havia chegado. É o que Paulo expressa aos judeus em Roma até o final de sua carreira, *pela esperança de Israel estou com estas cadeias*” (At. 28.20). Quer dizer, que a razão pela qual Paulo e os demais cristãos são perseguidos não é porque se opunham ao judaísmo, mas porque crêem e pregam que em Jesus se cumpriram as promessas feitas a Israel.⁶³

Dessa forma, não assumem uma posição inclusiva em relação imediata aos não judeus. Ainda há uma distinção ou até mesmo uma visão discriminatória com relação a eles. Podemos afirmar que neste momento entre os judeus que abraçaram a fé crista não havia unanimidade quanto ao que devia ser mantido das observâncias judaicas. Por este motivo, fala-se de uma comunidade judeu-cristã, reunida em Jerusalém, em torno de Tiago, o irmão do Senhor.

R.E. Brown distingue quatro grupos: Um primeiro grupo de judeus e de pagãos cristãos teria exigido a plena observância da Lei mosaica, inclusive a circuncisão. São aqueles que nos Atos são chamados partidários "da circuncisão (11,2) e que

⁶³ GONZALES, J. *História del cristianismo*. vol. 1. p. 37.

são descritos como pertencendo ao partido dos fariseus (15,5). Um segundo grupo não impunha a circuncisão, mas exigia o respeito por certas práticas judaicas, entre as quais as leis alimentares. Parece que, segundo os Atos, foi esta a posição de Tiago, o irmão de Jesus (15,20), a qual Pedro teria se aliado, o que Paulo lhe lançara abertamente "em rosto" (Gl. 2,11). Um terceiro grupo não impunha nem a circuncisão nem a observância das leis alimentares, mas continuava ligado ao culto e as festas judaicas. É o caso de Paulo que parece celebrar ainda a Páscoa dos judeus e Pentecostes (At. 20,6.16) e que encontramos no Templo, fiel ao sistema de purificações e as oferendas (At. 21,26). Enfim um quarto grupo não retinha nada das observâncias do judaísmo.⁶⁴

A transição: Podemos agora falar em um momento de transição, onde o judeu-cristianismo pela ação do Espírito, gradativamente se abrirá aos gentios sem a necessidade de que primeiro eles tenham que tornar-se judeus. Segundo Justo Gonzáles a narrativa de Lucas dos Atos dos Apóstolos é também a narrativa dos atos do Espírito Santo.⁶⁵ No dia de Pentecostes temos não apenas o começo da vida da igreja, mas também, através da manifestação sobrenatural do Espírito em uma variedade de línguas, a sinalização da abrangência inclusiva da obra iniciada por Jesus. Movidos pelo Espírito os discípulos gradativamente constatarão que a abrangência do Reino pregado por Jesus, os direcionava em direção aos não Judeus.

O livro de Atos nos diz como este movimento iniciado com cento vinte pessoas (1: 15), e como todo ele foi obra do Espírito Santo (1: 8). O primeiro grande relato nos fala da vinda do Espírito Santo em Pentecostes (cap. 2). Deste ponto em diante, o Espírito direcionará o avanço da Igreja. Foi o Espírito quem aconselhou a Felipe para que se aproximasse do etíope (8. 29) ; quem indicou a Pedro que recebesse a comitiva enviada por Cornélio (10.19); quem auspicou a saída de Paulo e Barnabé, de Antioquia até a primeira viagem missionária (13 :2); quem guiou a Igreja para que aceitasse em seu seios aos gentios (15:28); e quem guiou os passos de Paulo desde a Ásia Menor até a Europa (16 :7). Na realidade Atos é o livro dos atos do Espírito Santo.⁶⁶

Essa ação do Espírito é contrastante com a narrativa de Babel encontrada no Genesis. Se por um lado o homem centrado em si mesmo e movido pelo orgulho produziu a desagregação humana, e a incompreensão (torre de Babel, Gen. 11)⁶⁷, a ação do Espírito é humanizadora, a espiritualidade não nos move apenas em direção a Deus, mas também em direção ao outro, agrega e produz paz.

⁶⁴ FUELLENBACH, J. *Igreja comunidade para o reino*, São Paulo: Paulinas, 2006, p.147.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 22.

⁶⁶ BARCLAY, W. *Introducción a Bíblia*, p. 67.

⁶⁷ BOFF, L. *Igreja carisma e poder*, São Paulo, Ática, 1994, p. 245.

Ao narrar o fato de Pentecostes, São Lucas faz o Espírito descer em forma de línguas de fogo. Todos os presentes, árabes, judeus, romanos e etc., entendem em sua própria língua a mensagem de Pedro.

Com isso quer ensinar: a mensagem da Igreja é destinada a reconstituir a primitiva unidade do gênero humano e a mútua concórdia entre os homens. Nela o “*shalom*” de Deus, isto é, a paz, a amizade, o espírito fraterno de compreensão e de humanidade.⁶⁸

Em Pentecostes, temos a humanidade representada através daqueles que vindo de variadas nações ouviram a mensagem de Pedro que lhes assegura que a promessa do Espírito era não apenas para aqueles que ali estavam, mas também para seus filhos, para todos que estavam longe e para todos que o Senhor chamar. (At. 2. 38, 39). A medida que a inclusão dos gentios se realiza, gradativamente o cristianismo se distanciara, do judaísmo adquirindo características próprias, sem nunca perder, no entanto, sua vinculação originária. Neste aspecto alguns fatores desempenharam um papel preponderante para que o cristianismo não sucumbisse as adversidades que surgiram.

Resistência e propagação: O cristianismo difundiu-se por todo Império Romano transformando a vida de milhares de pessoas, em apenas três séculos, o movimento de Jesus passou de um movimento religioso minoritário, para a categoria da religião oficial desse mesmo Império sem o uso das armas. Mesmo considerando-se as contribuições dos gregos, romanos e judeus como facilitadoras da propagação do evangelho as mesmas não eram suficientes para que o cristianismo sobrevivesse às perseguições e adversidades até a época da conversão de Constantino.

A sobrevivência do cristianismo neste período, deve-se a fatores preponderantes que podem ser encontrados no discursos de Estevão⁶⁹, Pedro⁷⁰ e de Paulo⁷¹: A identificação de Jesus como Messias e a certeza de sua ressurreição, e a um terceiro fator ação do Espírito Santo. Essas convicções dogmáticas eram transmitidas de forma enfática e constituíam-se em confissões de fé das primeiras comunidades cristãs.

⁶⁸ BOFF, L. *Igreja carisma e poder*, p. 246.

⁶⁹ BÍBLIA. Português. N.T. At. 7, 52

⁷⁰ Ibid., At. 2, 22-36

⁷¹ Ibid., At. 13, 26-37

Jesus o Cristo: “O termo Cristo, ou Messias expressa antes de tudo o que Jesus é e faz por nós.”⁷² Não resta dúvida que era um termo familiar para os judeus e não para os gentios, no entanto mediante a pregação dos discípulos a realidade messiânica de Jesus podia ser compreendida e crida também pelos não judeus⁷³.

Como messias Jesus é o maior exemplo de solidariedade, ao vir em carne assume plena identificação com nosso destino⁷⁴, Ele viveu inteiramente não para si mesmo, de fato deu sua vida: não casou-se, não dedicou-se a uma profissão, infringiu as formalidades cerimoniais da Lei em favor da valorização humana em diversas situações: realizou curas no sábado, não recriminou uma mulher considerada impura pela Lei em razão de sua hemorragia por tocá-lo, não condenou ao apedrejamento uma mulher adúltera. Ao dar sua vida em favor do homem lhe outorga valor absoluto.⁷⁵

A relação empática com os pecadores visa possibilitar-lhes a comunhão com Deus, sejam eles impuros, publicanos ou pecadores, algo que a piedade oficial não podia tolerar, ia contra a Lei,⁷⁶ As ações solidárias de Jesus, são referenciais e tornam-se prática entre os cristãos. O agir em favor do outro, prática assimilada pelas comunidades cristãs do primeiro século, dava-lhes um caráter distinto em uma sociedade caracterizada por fortes injustiças e desigualdades, entre as quais a escravidão. Segundo Schillebeeckx a solidariedade é imprescindível. “Sem solidariedade eclesial com os que sofrem, seja quem for, o evangelho das igrejas resulta tão incompreensível como inacreditável.”⁷⁷

Progressivamente, ao longo da experiência, a primeira comunidade reconhecerá em Jesus ressuscitado o Cristo de Deus. Por força de sentir o poder de sua ação no coração de cada crente e no coração de toda comunidade, acabar-se-á por deduzir que finalmente, é ele que cumpre as promessas das Escrituras e que não é preciso esperar por mais ninguém. Esta constatação não emana de uma revelação súbita que teria proclamado Jesus como o *Messias* e que teria desvendado toda a novidade do mistério cristão, mas é o fruto da experiência e da observação, da escuta e do acolhimento. Os discípulos estão bem conscientes de que a força que atua no meio deles ultrapassa a sua própria força, pois seu estatuto não mudou; eles continuam sendo os mesmos, sem novos recursos monetários, intelectuais, políticos ou outros. Diante dos resultados de suas intervenções, eles só podiam alimentar a convicção de que Jesus não só ressuscitou, mas que Ele reina e que é por conseguinte, o

⁷² SESBOUE, B. *Jesucristo el único mediador*, Salamanca, Secretariado Trinitário, 1990, p.20

⁷³ BÍBLIA. Português. N.T. At. 13, 46-48

⁷⁴ SESBOUE, B. op. cit., p. 102

⁷⁵ CARDEDAL, O.G *Salvador del Mundo*, p.16

⁷⁶ SCHILLEBEECKX, E. *Jesús La historia de un viviente*, p.269

⁷⁷ *Ibid.*, p.586.

Ungido, o Cristo. Descubrem ao mesmo tempo, o caráter totalmente inesperado do messianismo exercido pelo Ressuscitado, um messianismo pneumático que transcende todas as fronteiras.⁷⁸

Essa identificação de Jesus como messias, e a mensagem transmitida por Ele através de sua existência real, fizeram com que os discípulos não apenas apresentassem uma mensagem de salvação espiritualmente poderosa, mas também praticassem o amor ao próximo com maior intensidade que outros grupos, cuidando das pessoas mais vulneráveis, como as crianças, os idosos e as viúvas. Numa época histórica marcada por epidemias, que dizimaram a população do Império Romano e das regiões vizinhas, constatou-se um claro contraste entre a maioria da população, que fugia dos doentes, e os cristãos, que se dedicavam a cuidar não só dos seus enfermos, mas de toda a comunidade. Por isso, são abundantes os testemunhos de pessoas cuja primeira atração ao Cristianismo se deveu à obra de solidariedade praticada por eles, ainda que com o risco de suas próprias vidas.⁷⁹

Precisamos também salientar outro valor relevante na expansão do Cristianismo primitivo que foi o papel das mulheres. Existem fortes indícios de que as mulheres aderiram fortemente ao Cristianismo e contribuíram claramente para a sua difusão, o que se deve ao fato da mensagem cristã valorizar a dignidade da mulher, o que contrastava com os valores fortemente discriminatórios e patriarcais, então vigentes, tanto na sociedade judaica como na sociedade greco-romana.⁸⁰

As ações de Jesus tomadas como referencial, levaram os primeiros cristãos a dar continuidade à obra iniciada por Ele, ao propor uma ética baseada na valorização da dignidade da pessoa humana, eliminando a distinção de classes, o Cristianismo fortaleceu-se e não apenas abalou as estruturas do Império, mas marcou para sempre a História da Humanidade.

Após a morte e a ressurreição de Jesus, os primeiros cristãos deslocarão a mensagem da temática do Reino e a centralizarão em Jesus. E a força motivadora da mensagem será o amor. As barreiras que separam judeus e não judeus, tornar-

⁷⁸ MAINVILLE, O. *Escritos e ambiente do novo testamento: uma introdução*, p. 164.

⁷⁹ STARK, R. *The rise of Christianity: a sociologist reconsiders history*, Princeton, Princeton University Press, 1996, p. 74.

⁸⁰ ALVAR, J. *Cristianismo primitivo y religiones místicas*, p.84-85.

se-ão cada vez mais tênues por uma compreensão mais ampla da mensagem de Jesus, o cristianismo irá tornando-se cada vez mais inclusivo.

O movimento iniciado por Jesus é um movimento de Deus em direção à humanidade, Deus torna real sua presença entre nós através de Jesus. Embora inicialmente as orientações e a mensagem de Jesus fossem direcionadas aos judeus, no decurso de seu ministério suas palavras evidenciaram a dimensão inclusiva do Reino de Deus. *“Mas eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente e assentar-se ao à mesa com Abraão, Isaque, e Jacó, no reino dos céus;*⁸¹

Ao dar um rosto humano para Deus, Jesus através de sua própria vida torna evidente a real intenção e ação do Pai, em favor da humanidade, e o significado do Reino de Deus, a ênfase não está na compreensão do que ele é mas na percepção de seu acontecimento dinâmico entre nós, Günter Bornkamm assim expressa esse pensamento:

As palavras de Jesus mostram com clareza especial que o Reino de Deus não pode ser descrito como uma realidade terrestre nem como um distante país das maravilhas – toda tentativa de “definição” falhará, o Reino de Deus é acontecimento, ato, ação divina cheia de graças: Deus lhes consolará, lhes saciará, terá misericórdia deles, lhes chamará de seus filhos. Ele lhes dará a terra como herança, Ele lhes manifestará seu rosto: em favor deles Ele vai estabelecer seu Reino. E este Reino está perto. Por isso agora é tempo de alegria; o tempo de tristeza já passou. Quem ainda vai fazer penitência, quando chegou a hora do banquete nupcial?⁸²

O Reino de Deus é um reino acolhedor, Jesus recebeu em sua companhia os rejeitados e desprezados pela sociedade, ele é o referencial da Igreja ao manifestar concretamente o amor de Deus, sinalizando-lhe o caminho para o cumprimento de sua missão integradora e humanizadora. Da vida reconciliada com Deus (zoe) os homens podem ser participantes mediante a fé em Cristo (Jo 3:15). A vida eterna é presença presente daquele que crê em razão de sua relação com Cristo (Jo 5:24; 1 Jo 3:14), é a real possibilidade de experienciar o Reino de Deus..

A necessidade de mudanças é pertinente ao contexto de vida de Jesus de Nazaré, seu movimento inclusivo e de reforma dentro do judaísmo⁸³ fez-se necessário pelas circunstâncias vividas em seu tempo: o legalismo, as tradições, a

⁸¹ BÍBLIA. Português. N.T. Mt. 8,11.

⁸² BORNKAMM, G. *Jesus de Nazaret*, Salamanca, Ediciones Sigueme, 1975, p. 76.

⁸³ TEPEDINO, A. *Eclesiologia de Comunhão: Uma perspectiva*, Atualidade teológica: Revista do departamento de teologia da PUC-Rio, ano VI, 11, maio/agosto, 2002 p. 161

religião do templo, o desprezo pelos menos favorecidos. O movimento de Jesus é uma resposta de Deus para a realidade de seu tempo é o resgate do valor humano.

3. Igreja como povo de Deus: Uma sociedade contrastante.

Vimos no capítulo anterior, como o movimento de Jesus evoluiu gerando as primeiras comunidades cristãs, gradativamente essas comunidades inicialmente compostas exclusivamente por judeus, abrem-se à inclusão dos gentios, e vivenciam a solidariedade e a comunhão. Nesse capítulo irei ressaltar como essas primeiras comunidades, que se proliferaram por todo o Império Romano, assumem uma identidade própria, mas, ao mesmo tempo, vinculada ao judaísmo em razão de compartilharem uma relação de pertencimento comum em relação à Deus. Veremos também, que as comunidades cristãs em razão da vivência dos valores do Reino, contrastam com as sociedades nas quais estão inseridas, fator que contribuirá para a ocorrência de hostilidades e perseguições. Ainda assim a Igreja emergente prosseguirá em sua missão de propagadora da mensagem do Reino de Deus. Buscaremos realizar uma rápida e breve caminhada histórica, com a finalidade de perceber a Igreja como uma sociedade contrastante.

3.1. A origem do povo de Deus

Todo povo, aldeia, tribo, nação tem sua própria gênese. Em diferentes momentos da história humana, condições naturais, sociais ou circunstanciais foram desencadeadoras de mudanças, migrações ou novos começos que contribuíram para o surgimento de povos e nações. O povo de Deus surge por iniciativa de Deus, tal iniciativa de maneira alguma ocorre desassociada das condições acima citadas, pelo contrário é dentro destas condições da história real humana que se desencadeia a iniciativa divina.

Fato perfeitamente constatável nas narrativas que se fazem acerca de Deus ao longo da história, da poesia, e do profetismo bíblico, é sua intenção de relacionar-se. Percebe-se uma busca incessante de Deus por relacionamento

pessoal, é dele a iniciativa de aproximação em direção ao homem, através da qual espera acolhimento e resposta humana. Milton Schwantes⁸⁴ expressa a realidade relacional de Deus da seguinte forma:

Um Deus pessoal. “O Deus de ...” não está vinculado a nenhum lugar da natureza, ou da política, a árvores, pedras ou templo. Sua identidade reside em seu relacionamento direto e imediato com pessoas. O Deus dos patriarcas é um Deus pessoal.⁸⁵

O acolhimento à iniciativa divina (manifestação de seu amor), e resposta por parte do homem, o inserem em uma experiência relacional e de pertencimento, e os que vivem essa relação de pertencimento são constituídos povo de Deus. Embora possamos nos referir a Abel, Sete, Enoque, Noé e aos patriarcas, como homens que vivenciaram experiência relacional com Deus, e que pertencem ao seu povo, é no Êxodo que realiza-se a experiência fundante de Israel como povo de Deus.

A ação de Yahvé sobre o mar é criadora ao fazer emergir a terra seca em meio ao mar: Israel não apenas foi salvo por Yahvé, mas foi também “recriado”. A passagem pelo mar merece ser qualificada como “nova criação” por significar o nascimento de Israel como povo de Deus. Da servidão ao Faraó passou ao serviço de Yahvé. Ex 15,1 – 21 representa o primeiro testemunho de serviço cultural de Israel a Yahvé, seu novo rei soberano.⁸⁶

No Antigo Testamento o povo eleito como destinatário da palavra de Deus (Israel) e com o qual Deus estabelece relacionamento é chamado qahal⁸⁷: a congregação que reúne-se em resposta à convocação divina. É um chamado à vivência comunitária, em um novo modelo de sociedade para que juntos possam agir em concordância com os propósitos de Deus.

⁸⁴ MILTON SCHWANTES é Doutor em Bíblia pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Coordenou o projeto Bibliografia Bíblica Latino-Americana e foi editor da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (Ribla). Dentre suas publicações podemos citar: “História de Israel”, “As monarquias no Antigo Israel”, “A terra não pode suportar suas palavras”, “Dignidade Humana e Paz”, “Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português”. Em 1988, ingressou no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

⁸⁵ SCHWANTES, M. *Historia de los Orígenes de Israel*, Quito, Centro Bíblico Verbo Divino, 2003, p. 80

⁸⁶ LÓPEZ, F. G. *El Pentateuco*, Navarra, Editorial Verbo Divino, 2003, p. 171

⁸⁷ Verbo qahal, “congregar”. O verbo qahal, aparece 39 vezes, se deriva do substantivo qahal [congregação]. Significa “congregar-se” como um qahal em situações de conflito ou guerra, para finalidades religiosas e para julgamentos: “Então Salomão reuniu ante sua presença em Jerusalém os anciãos [qahal] de Israel” (1Rs 8, 1).

3.1.1.

A Eleição: Iniciativa de Deus para o estabelecimento de seu povo.

O povo de Deus é um povo eleito por Ele através de suas iniciativas salvíficas. A eleição de Israel é uma convocação para a restauração da humanidade. Não deve ser entendida como exclusivista ou excludente. A eleição deve ser entendida como uma oferta de Deus disponibilizando ao homem a possibilidade da vivência da verdadeira vida (“vida plena”,⁸⁸ segundo Jesus (Cf. Jo 10,10)) a partir da reconciliação com Ele, que resulta em verdadeira liberdade.

Para alcançar tal objetivo que reflete a glória de Deus se produz a eleição de um povo, Israel, cujo sacerdócio deve ser entendido como compromisso missionário: para que narre as ações de Yahvé e dê testemunho delas (Sal 9,12; 96,3; 105,1), para que convoque as nações (Sal 66; 117,1), porque Yahvé é Rei de todos os povos e quer estabelecer seu senhorio em toda a terra (Sal 22,29; 47,9; 96,10-13; 98,9). Toda eleição (ou vocação) é intrinsecamente envio, missão.⁸⁹

A eleição deve ser comprovada através de uma relação identitária. Israel é constituído povo de Deus, não apenas por força da eleição, mas por acolhimento de Sua palavra. Essa relação constitutiva entre Deus e seu povo foi institucionalizada através da *Aliança*. A Lei de Deus outorgada ao povo eleito, resulta na responsabilidade de vivenciá-la⁹⁰, longe de ser um código legalista a Lei reflete o amor de Deus, abrangendo as relações com Deus e com o próximo seja ele israelita ou não, a lei possibilitava a inclusão de qualquer pessoa na comunidade cúlta de Israel mediante o mesmo rito iniciático a que estavam submetidos os israelitas: a circuncisão. (Cf. Êxodo 12, 48,49)

Deus mostra-se inclusivo em relação ao estrangeiro e solidário em relação aos desfavorecidos, e exige de seu povo a mesma atitude na Torá. Em sua abordagem do capítulo 22 do Livro de Êxodo, Frank Crüsemann de forma propícia comenta:

O peso teológico da intervenção nas regras econômicas, deduz-se claramente das formulações do v. 26. Ao grito do pobre que perdeu sua última roupa se afirma um apoio como resposta divina. Com isso, declara-se que o Deus por trás do Código da aliança tem um cuidado especial com os pobres e injustiçados. O que determina

⁸⁸ Zoe (vida plena). emprega-se no NT “da vida como um principio, vida no sentido absoluto, vida como a tem Deus, aquela que o Pai tem em si mesmo, e que Ele deu ao filho encarnado, que tinha, vida em si mesmo (Jo 5, 26), e que o Filho manifestou ao mundo (1 Jo 1, 2).

⁸⁹ FUENTE, E. B. *Eclesiologia*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998, p.258.

⁹⁰ KONINGS, J. *La bíblia, su história y su lectura*, Navarra, Editorial Verbo Divino, 1995, p. 87.

essa postura é a bondade de Deus e sua graça. Por ser Deus misericordioso, por ouvir o clamor dos pobres, o direito dos pobres de poder fazer empréstimos em hipoteca e sem cobrança de juros é uma parte essencial da Torá. Uma glosa posterior do v. 24 procura indicar essa consequência teológica. A expressão “meu povo” cai fora da sequência normal do texto e é um esclarecimento teológico para a palavra “pobre”. Esses pobres são de forma especial povo de Deus.⁹¹

A incorporação dos valores de Deus, proporcionam a seu povo uma característica distintiva em relação aos demais povos, suas experiências comunitárias ou vivências do cotidiano, produzem aperfeiçoamento possibilitando ao homem viver uma relação identitária tornando-se semelhante a Deus por adotar os valores de Deus em sua existência. Erich Fromm⁹² expressa este pensamento da seguinte forma:

Na Bíblia, este conceito de aproximação de Deus está expresso da seguinte forma: “Falou Jeová a Moisés dizendo: Fala a toda a congregação dos filhos de Israel e dize-lhes: “Santos sereis, por que eu o Senhor vosso Deus sou santo.” (Lev. 19:1-2)2. Se considerarmos que o conceito de “santo” (kadosh) expressa a qualidade essencial de Deus, a que o separa do homem, qualidade em que nas etapas primitivas da religião havia transformado Deus em um tabú e inacessível, o resultado claro e importante desta afirmação indica que o homem pode ser santo. Nos profetas, de Amós em diante, encontramos o mesmo conceito. O que o homem deve fazer é adquirir e praticar as principais qualidades que caracterizam a Deus: justiça e amor (rajamin). Miquéias formulou sucintamente este princípio: “Ele te declarou, ó homem o que é bom; e o que é que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia e andes humildemente com teu Deus. (cf. Mq. 6, 8) Nesta formulação encontramos outra descrição das relações entre Deus e o homem. O homem não é Deus, porém se adquire as qualidades de Deus, não está abaixo de Deus, mas anda com Ele.⁹³

Essa nova maneira de viver, à luz da palavra de Deus, e que proporciona ao homem andar com Deus chamamos de “santidade”. A santidade em seu sentido absoluto é prerrogativa exclusiva de Deus, no entanto, é Ele que torna sua santidade extensiva aos eleitos: através da Lei, Deus propõe ao homem um novo viver no qual Seus valores estão inseridos. Segundo Gehard Von Rad, santidade é

⁹¹ CRÜSEMANN, F. *A Torá: Teologia e história social da lei do Antigo Testamento*, Petrópolis: Vozes, 2012, p. 265

⁹² Erich Fromm descendente de uma família judia extremamente religiosa. Estudou direito, mudando depois ao estudo da sociologia em Heidelberg, doutorando-se em 1922 junto a Albert Weber sobre lei judaica. Formou-se no Instituto de Psicanálise de Berlim, tendo atuado como analista leigo, por não possuir formação médica. Depois da tomada do poder por Hitler, Fromm mudou-se para Genebra, emigrando em maio de 1934 para os Estados Unidos, onde trabalhou na Columbia University de Nova Iorque. Em 1950, Fromm se mudou para a cidade do México e lecionou na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM).

⁹³ FROMM, E. *El humanismo Judio*, <HTTP\www.scribd.com/doc/77600539/Erich-Fromm-El-Humanismo-Judio> Acessado em 06/09/2012

um estado de pertença a Deus que conduz o homem à renúncia pela fé ao que não seja santo⁹⁴.

A eleição deve levar Israel a testemunhar às nações acerca da justiça e santidade de Deus não apenas de forma narrativa, mas por aplicar-se em viver os valores de Deus e desfrutar os benefícios decorrentes. Willian Dyness citando Andrew B. Davidson faz o seguinte comentário:

A justiça de Deus, tal e como se revela progressivamente busca encarnação e reflexo no povo de Deus, para que sejam como Ele (Isaías 51, 6, neste caso, “libertação” é a palavra hebraica que significa justiça). A. B. Davidson disse de forma clara que a justiça é muito mais que um simples atributo; é também efeito da obra de Deus. “É algo produzido no mundo pelo Senhor, uma condição sua ... porque quando se produz, os homens e o mundo serão em atributo o que Ele é” (Davidson, 143). Como no caso da santidade, chegamos outra vez ao princípio da imitação de Deus que ... é um princípio básico da ética do Antigo Testamento.⁹⁵

Como vimos até aqui, a iniciativa divina na constituição de seu povo não resume-se a um momento único. Deus persiste em seu propósito em direção a humanidade, a falha de Israel na vivência da aliança não pode frustrar o propósito de Deus. O Antigo Testamento menciona a intenção de Deus de estabelecer seu Reino entre os homens, não de forma transitória, mas permanente (Cf. 1Cr 22,9-10; Sl. 2, 7,8).

“O profeta Jeremias chama este Reino de “novo pacto” (Jer 31, 31-34) Escrevendo em meio da destruição de todos os símbolos externos das promessas de Deus, imediatamente antes do exílio, Jeremias insiste que Jeová não terminou com seu povo do pacto. Deus prometia estabelecer algum dia um novo pacto, novo no sentido que seria distinto ao pacto anterior que os pais haviam rompido (versículo 32). A construção da frase hebraica, neste ponto, implica ainda que o novo pacto terá êxito onde o antigo fracassou, fará avançar (além de substituir) a realidade do pacto mosaico.”⁹⁶

3.1.2.

A igreja: compreendida como povo eleito de Deus.

O ponto culminante da iniciativa divina em constituir seu povo está no envio de Jesus. Jesus é a manifestação real do amor de Deus. A introdução de Jesus na história da humanidade suscita misericórdia e justiça, perdão e

⁹⁴ RAD, G. *El libro de Genesis*, Salamanca: Sigueme, 1982 p. 415

⁹⁵ DYRNESS, W. *Temas de La teologia Del Antiguo Testamento*, p. 42

⁹⁶ *Ibid.*, p. 95

plenificação da vida humana.⁹⁷ Com sua vida Jesus dá um rosto humano para Deus, que vem ao encontro dos que sofrem e que será chamado em seu momento mais crítico de *Abbá*⁹⁸ (Cf. Mc 14, 36).

Jesus realiza a reconvocação do povo de Deus, a “*Ekkesía*” através do “*kerygma*” do Reino. Seus discípulos formaram as primeiras comunidades cristãs, que após Pentecostes serão chamadas de Igreja como observamos nos relatos de Lucas (Cf. At. 2, 47; 5, 11; 8, 1,3). De forma nítida a igreja não apenas emerge dentre os judeus, mas está unida a Israel em sua identidade como povo de Deus. Com muita propriedade, a utilização da palavra Igreja (*Ekklesia*) empregada pelos tradutores da Septuaginta para a palavra *qahal*, a congregação que responde à convocação divina, nos permitem identificar a igreja como povo de Deus cujas raízes encontram-se em Abraão.

A auto-compreensão da igreja como povo de Deus, deverá torná-la consciente, da natureza de sua missão no mundo. Ser povo de Deus não é desfrutar de um privilégio, mas envolver-se na “*missio Dei*”, a missão reconciliadora empreendida por Jesus. A natureza da missão pode ser sintetizada em Isaías 42,1, Israel é mencionado como servo de Deus: aquele que esta a serviço de Deus na implantação de uma sociedade mais justa.

Ser “chamado por Deus” significa ser incluído no próprio plano de Deus e na missão do Filho, que se estende à missão da Igreja. Por causa desse chamado, uma pessoa escolhida por Deus é “santa, consagrada, separada”. Mas isso acontece com um propósito específico: ser “enviado” (Mc 3, 13-15), engajar-se ativamente na missão de Deus, tornar-se um cooperador de Deus para a salvação-transformação do mundo no projeto final de Deus. A missão é, portanto, o fim último de todo chamamento de Deus. Não somos chamados para ocupar um lugar de honra ou para receber vantagens pessoais. Ser chamado por Deus significa que estamos desempenhando uma tarefa em favor de Deus.⁹⁹

A igreja primitiva atribuiu a referência de Isaías 42.1 a Jesus.¹⁰⁰ Através dEle a verdadeira justiça de Deus alcança e se faz presença real na humanidade. Como povo de Deus a Igreja vive em seguimento ao legado de Jesus, e a partir da missão confiada inicialmente aos doze, e que estende-se à Igreja, deverá Ela dar prosseguimento a missão e recebendo de Cristo a sustentabilidade para o cumprimento de sua missão, como nos afirma Lohfink.

⁹⁷ CARDEDAL, O. G., FAUS, J. I. G., RATZINGER, J. C. *Salvador del mundo*, p. 16

⁹⁸ FABRIS, R. *Jesus de Nazaret: História e Interpretacion*, Salamanca: Sigueme, 1985 p. 225

⁹⁹ FUELLENBACH, J. *Igreja: comunidade para o reino* p. 21

¹⁰⁰ LOHFINK, G. *Deus precisa da igreja? Teologia do povo de Deus*, São Paulo: Loyola, 2008 p. 224

A partir dessa missão confiada aos doze, a Igreja desenvolveu o “múnus apostólico”. Não se trata de uma invenção da Igreja. Esse múnus já está estabelecido na missão confiada por Jesus aos doze. O próprio termo missão já quer dizer que existe algo que não tem a sua origem no poder e na capacidade humanos. Na missão se repassa aos outros aquilo que vem exclusivamente de Deus. O múnus eclesiástico significa, em última análise, que o poder messiânico de Jesus é transmitido e conservado vivo dentro da Igreja¹⁰¹.

A importância da Igreja no que diz respeito à revalorização humana, está diretamente ligada à sua identidade como povo de Deus. O que a igreja pode experimentar torna-se razão e força motivadora para que possa continuar a missão que lhe foi confiada. O Reino anunciado por Jesus tornar-se palpável na vida comunitária.

A igreja é a comunidade na qual o reino agora é experimentado e celebrado, e onde já se anuncia como numa aurora, o futuro cumprimento do grande desígnio de Deus para a criação. É a comunidade onde a vida futura com o Deus triuno já está acontecendo em sinais ocultos, mas reais, pois a igreja é um ícone da Trindade.¹⁰²

A igreja de Cristo que emerge em continuidade ao movimento de Jesus, não é apenas a agregação dos rejeitados ou marginalizados sociais, mas uma comunidade de discípulos, daqueles que andam em seguimento ao Mestre. Como povo de Deus, esta comunidade não emerge com uma identidade totalmente inovadora, é a evolução da encarnação histórica do projeto de Deus desde Abraão. Embora a igreja esteja plenamente identificada com Cristo e que por este motivo os que a ela pertencem sejam chamados cristãos, o povo de Deus não é um povo que surge a partir do advento do cristianismo é um povo que perpassa a história.¹⁰³

Estando ciente de sua incumbência em dar continuidade à missão iniciada por Jesus, a Igreja tomando-o como referencial, deverá agir de forma concreta para que a obra por ele iniciada, propague-se em todos os seus aspectos: a inclusão, o amor ao próximo, a aceitação mútua, a valorização do outro, o rompimento das fronteiras sociais, étnicas e culturais que segregam e desvalorizam, transmitir a fé e o amor que nos aproximam de Deus e de nossos semelhantes, atuando afirmativamente frente aos desafios existentes em todas as épocas.

¹⁰¹ LOHFINK, G. *Deus precisa da igreja? Teologia do povo de Deus*, p. 305

¹⁰² FUELLENBACH, J. *Igreja comunidade para o Reino* p. 9

¹⁰³ TILLARD, J.-M.R., *Iglesia de Iglesias*, p.97

3.1.3.

A Igreja: Povo de Deus em comunhão.

A compreensão da verdadeira comunhão, nos remete a Trindade. Pensar a trindade como “*communio*” é discernir a perfeita harmonia entre três diferentes pessoas que coexistem com um mesmo propósito em amor. Essa inter-relação existente entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo torna-se referencial para pensarmos a comunhão eclesial, antes, porém, é necessário observarmos a propriedade com que é utilizada a palavra “*communio*” em sua etimologia:

A palavra *communio*, traduzida, significa a princípio simplesmente comunidade, porém, em virtude de sua origem linguística, tem por conotação duas imagens. (*Com-*) *munio* remete, em primeiro lugar, a raiz *-mun*, que significa fortificação (mania = muralha). Homens que se encontram em *communio*, estão juntos por trás de uma fortificação comum, estão unidos por um espaço vital comum que lhes está demarcado e que lhes une em uma vida comum onde um depende do outro.¹⁰⁴

A comunhão eclesial, deve refletir dinâmica inter-relacional trinitária. Pai, Filho e Espírito Santo, interagem em amor, que torna-se a força propulsora de suas ações, o amor que necessita do outro para expressar-se, que não podendo encerrar-se em si mesmo vai ao encontro do outro, para que possa encontrar sua própria razão de ser, neste sentido, a salvação é expressão do amor trinitário.

Por este motivo, a vinda de Jesus ao encontro com a humanidade, como realização máxima do amor divino, não é uma mediação, mas a vinda do próprio Deus ao nosso encontro. Na Trindade, as três pessoas coexistentes não subsistem em individualidade desagregada, mas como abertura voluntária em amor, como aproximação e compartilhar de vida.

Deus é um ser relacional: sem a ideia de *communio* não seria possível falar sobre o ser de Deus, comunhão¹⁰⁵, ou salvação. A comunhão é uma relação que se vivência e é sustentada sob dois pilares principais amor ao próximo e humildade. Se o amor ao próximo é um amor entre pares¹⁰⁶, então faz-se necessário renunciar à superioridade, é esta renúncia que permite aproximação e relacionamento profícuo entre Deus e o homem e entre os homens.

¹⁰⁴ GRESHAKE, G. *El dios uno y trino; una teología de la Trinidad*, Barcelona, Herder, 2001, p. 220

¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 74

¹⁰⁶ Theissen, G. *A religião dos primeiros cristãos: Uma teoria do cristianismo primitivo*, São Paulo, Paulinas, 2009 p. 31

Paulo relata na Epistola aos Filipenses que esta ação “*kenótica*” (humildade e amor) estava presente em Cristo Jesus e deve ser o paradigma para o desempenho da missão confiada à igreja e para a vivência comunitária¹⁰⁷. É uma iniciativa que espera acolhimento e resposta. A palavra acolhida gera mudanças que afetam de forma integral toda a dimensão existencial de cada indivíduo, inserindo-o em uma inovadora experiência: a vida em comunhão.

A vida em comunhão também descrita como reconciliação ou harmonização (cf. 2Co 5. 18,19): a vivência da fé e a experiência do Espírito que conferem sentido existencial ao homem em razão das mudanças que nele se processam. É com razão, que Pedro em sua segunda Epistola, apresenta os cristãos como participantes da natureza divina. (cf. 1Pe. 1, 4) Nesse sentido a intenção do Pai é compartilhada e torna-se manifesta através do povo de Deus, como iniciativa reconciliadora. Essa reconciliação adquire visibilidade através da comunhão. Não se pode pensar no homem reconciliado e desagregado.

A harmonização da criação é harmonização com Deus, com o próximo e com a natureza. Nessa condição harmonizadora temos o ambiente propício onde desenvolvem-se o sentimento de pertença, a aceitação e valorização mútua, as dinâmicas interativas processam-se gerando coesão e fortalecimento. Em suas abordagens acerca da vivência comunitária o Antigo Testamento, Jesus e os Apóstolos enfatizam a mútua responsabilidade do povo de Deus na reafirmação de sua identidade.

Podemos então estabelecer uma conexão entre os benefícios prometidos a Israel em razão de sua vivência relacional com Deus e que em um primeiro momento parecem demonstrar certa exclusividade. E como de forma abrangente Deus constitui seu povo todo aquele que acolhe e responde a sua oferta de amor incondicional. Tillard assim expressa essa nova condição inclusiva:

Os gentios que acolhem o evangelho são submersos pelo Espírito, na comunhão que até então era um privilégio de Israel, a misericórdia e o carinho a Israel, o amor e a fidelidade a Israel, a herança de Israel, a promessa a Israel, a filiação de Israel, a esperança de Israel, a fé de Israel. Seus títulos – filhos (Gal 3,26; Rom. 8, 16), herdeiros (Gl. 3,29), amados (Rm. 1, 7), chamados (Rm. 1, 6) eleitos (Rm. 8, 33), crentes (Rm 1, 16) – são uma comunhão nos títulos que acompanharam Israel desde sua origem, muitas vezes de forma dramática.¹⁰⁸

¹⁰⁷ BÍBLIA, Portugues, N.T. Fil. 2, 5-8

¹⁰⁸ TILLARD, J-M. *Iglesia de Iglesias*, p. 105

Acolhimento e resposta fazem do homem participante ativo no projeto salvífico de Deus inserindo-o na vivência comunitária¹⁰⁹. Na vivência em comunhão é recriada a humanidade que Deus quer. Enquanto o homem centralizado em si mesmo tende ao isolamento e ao egocentrismo, aquele que acolhe a palavra deixa de viver apenas em razão da satisfação de seus desejos e encontra sentido na *koinonia* que Tillard com muita propriedade assim define:

A *koinonia* (...) é a restauração da relação fundamental entre comunhão e singularidade, tornando possível a autêntica existência humana, tanto no plano individual como no plano do destino coletivo da humanidade.¹¹⁰

A *koinonia* não ocorre pela adesão de pessoas a comunidade de fé, não é um ajuntamento de pessoas sob a égide de uma instituição, é uma comunhão gerada pelo Espírito, é a partir da experiência individual de conversão que o indivíduo pode perceber-se como membro do corpo e conseqüentemente suas responsabilidades em relação a edificação e preservação da unidade do corpo. “*O Espírito pode ser o princípio de comunicação e de comunhão entre Deus e nós e entre todos nós.*”¹¹¹

3.1.4.

Povo de Deus: Corpo de Cristo em desenvolvimento.

Tendo abordado anteriormente a comunhão do povo de Deus como sua característica intrínseca, é na imagem do corpo que podemos vislumbrar "diakonia", interdependência e valorização de forma mais precisa, já que a existência em interação dinâmica com Deus e a prática da palavra mediante a fé, proporcionam experiências que conduzem a restauração das relações humanas, e uma relação confiante com o criador. Dessa forma o povo de Deus mesmo em meio a sua heterogeneidade, constitui-se em uma realidade homogênea que Paulo chama de corpo cuja cabeça é Cristo.

Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Do qual todo corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor.¹¹²

¹⁰⁹ BÍBLIA. Português. N.T . 1Co 3, 9

¹¹⁰ TILLARD, J-M. *Iglesia de Iglesias*, p. 29

¹¹¹ CONGAR, Y. M-J. *El Espíritu Santo*, Barcelona: Helder, 1991, p. 60

¹¹² BÍBLIA. Português. N.T Ef. 4, 15,16.

A Edificação do Corpo: A imagem de corpo de Cristo utilizada por Paulo apresenta com muita propriedade a realidade existencial do povo de Deus, essa imagem descarta a vivência da fé de forma isolada, acentua no entanto a necessidade da vivência comunitária, da *koinonia*, que produz o desenvolvimento do corpo e que se realiza pela convivência, trazendo à tona a responsabilidade e o comprometimento de cada membro. Expressa também a vinculação e relação identitária com Cristo como cabeça do corpo.

Esta afirmação parte da antiga ideia segundo a qual a cabeça constitui o centro das funções e da vida do corpo. Aplicado a Igreja, o que é expresso nessa imagem, quer dizer que Cristo habita de forma viva na Igreja, com intensidade máxima em uma forma total, sendo um com ela. Isto é tão certo, que pode afirmar-se que a igreja é uma realidade que substitui a existência terrena de Jesus e ao mesmo tempo manifesta e garante sua permanência e sua presença permanente no mundo e no tempo.¹¹³

Tomar a imagem de corpo é torná-la real, é uma possibilidade na medida em que a *metanóia* é vivenciada pelos membros, o que lhes confere característica distinta em relação ao entorno social: enquanto na sociedade a busca pelo poder, pela fama e pelo prestígio que constituem-se em alvos existenciais, intra corporalmente os discípulos são orientados a buscar a valorização do outro. “*Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo*”.¹¹⁴ , um caminho que contrasta com as estruturas de poder e dominação existentes.

Os apóstolos são os portadores da *paradosis* (da essência da mensagem e dos eventos salvíficos de Cristo); este fato lhes confere uma autoridade especial; mas essa autoridade não funda nenhum privilégio, nenhuma dominação de liberdade dos outros; devem ser servos dos servos. A “*exousia*” funda a *diakonia*. Viver o poder como serviço e função diaconal constitui o grande desafio da Igreja-instituição.¹¹⁵

É necessário notar que nesta imagem corpórea transmitida por Paulo, pensar o povo de Deus como corpo é admitir características similares à figura de um corpo real: Identificação, a importância de seus órgãos e membros sua interdependência e contribuição para o seu desenvolvimento. Todas as partes estão em sua devida posição e ligadas entre si em constante interação, a

¹¹³ HENRICH, F. *Aspectos de La iglesia*, Madri: Crisandad, 1965 p. 80.

¹¹⁴ BÍBLIA. Português. N.T. Fil. 2, 3

¹¹⁵ BOFF, L. *Igreja, carisma e poder*, p 111

mutualidade torna-se evidente, é um corpo que atua de forma consolidada e que desenvolve-se de forma contínua. Por este motivo, a expressão uns aos outros será utilizada repetidas vezes por Paulo. A ênfase situa-se na ação individual em favor do corpo. Esta percepção mostra-nos que o povo de Deus deve atuar de forma objetiva visando edificação e crescimento.

Em sua atuação *intra corporis* o povo de Deus deve vivenciar a realidade de ser corpo de Cristo, tornando real e fomentando a *diakonia*, que traz como consequências imediatas a valorização e a interdependência. É na dinâmica interativa do corpo que a importância do outro é percebida, unidade e pluralidade coexistem no exercício de diferentes dons e funções entre os diferentes membros do corpo. Na pluralidade de seus membros que o povo de Deus percebe e valoriza a necessidade do outro.¹¹⁶

A referência para a *diakonia* encontra-se em Jesus, pois incorpora a ideia do exercício de uma função desprovida de status social é o serviço de lavar os pés, de servir as mesas¹¹⁷, do escravo, de servo. Servir a Deus é servir ao outro O povo de Deus deve atuar intracorporalmente, para que a imagem da igreja como corpo seja vivenciada em sua realidade concreta produzindo edificação.

A unidade do corpo: está diretamente ligado à visão do Reino, embora ao referir-me ao corpo, esteja referindo-me ao povo de Deus, e a imagem de corpo possa sugerir delimitação, quando analisamos o crescimento do corpo a partir da visão do Reino proclamado por Jesus podemos concluir que o Reino é a expansão do corpo em sua total abrangência inclusiva do povo de Deus. Hans Kung estabelece uma conexão entre povo de Deus e corpo de Cristo da seguinte forma:

O fato de ambas as imagens serem típicas de Paulo e nele se unam sem ruptura, mostra que não tem porque contradizer-se. Ambas noções de Igreja querem expressar a união da Igreja com Cristo e de seus membros entre si. É importante que a Igreja interpretada como corpo de Cristo não se entenda partindo de uma ideia abstrata de corpo, senão como o povo de Deus instalado na história a partir de Cristo.¹¹⁸

O crescimento do corpo: É o alvo de Deus, por esta razão seus membros são chamados a atuar plenamente para seu desenvolvimento, dito isto cabe ressaltar que o crescimento do corpo não é resultado do desejo humano, mas encontra-se fundamentado no desígnio escatológico de Deus. Para que este

¹¹⁶ BONHOEFFER, D. *El precio de la gracia: El seguimiento*, Salamanca: Sígueme, 2004 p. 177

¹¹⁷ FUENTE, E. *Eclesiologia*, p. 182

¹¹⁸ KÜNG, H. *La Iglesia*, Barcelona: Herder, 1968, p. 271

desígnio torne-se real e atual ao longo da história, o corpo ligado a “cabeça” (Cristo) será capacitado através do Espírito na manifestação dos diferentes dons.

É um corpo ainda em construção, e esta vai se aperfeiçoando a partir da cabeça, concretamente de Cristo, que ascendeu sobre todos os céus, e que deu seus dons a Igreja para sua estruturação e crescimento.¹¹⁹

É a ação do Espírito, que anima o povo de Deus para o cumprimento de sua missão, ao produzir a real experiência do amor de Deus, gera unidade e o desejo de compartilhar a verdadeira vida através da proclamação e ações que evidenciam o amor ao próximo. Seja na utilização da imagem de corpo de Cristo ou como povo de Deus, manifestar-se-á uma comunidade inclusiva vocacionada ao crescimento.

A inserção no corpo ocorre como resposta ao "*kerigma*" criando a unidade da fé. A palavra acolhida é geradora de fé, não apenas como expectativa futura, ou seja, como fonte de esperança, mas a fé que nos introduz em uma vivência relacional no presente com o próximo e com Deus, gerando *koinonia* e *diakonia*. Essa relação de pertencimento à Cristo, e inserção no corpo, são assim descritas por Lohfink:

A fé e o batismo nos fazem pertencer a Cristo. A ligação com Ele é tão estreita como aquela com a roupa que vestimos. Mas a fórmula “estar em Cristo”, frequente em Paulo, não se refere apenas à ligação íntima entre o batizado individual e Cristo; ela significa a integração num corpo social, ou seja, no corpo de Cristo, na Igreja. Paulo descreve no texto citado (cf Gl 3, 26-29) expressamente o caráter social novo e revolucionário desse corpo: nele já não há fossos que separam os povos, as classes sociais, e os dois sexos. Nessa nova família, em que todos se tornaram igualmente filhos e filhas de Deus, soam dispensáveis os egoísmos nacionais, as lutas de classe e entre os gêneros, de modo que pode cumprir-se a promessa feita a Abraão.¹²⁰

Acolhimento não é a simples retenção da palavra pela mente humana, não é também conclusão do intelecto humano posterior ao escrutínio da razão, é o assentimento à proposta de vida, é resposta de fé à interpelação de Deus que motiva a ação. A interpelação de Deus é uma proposta de vida. Pelo acolhimento entramos em concordância (cremos) com o propósito de Deus, e nos tornamos cooperadores para a vivência dos valores de seu Reino, e para seu pleno estabelecimento.

¹¹⁹ SCHNAKENBURG, R. *Reino y reinado de Dios*, Madri: Fax, 1967 p. 283

¹²⁰ LOHFINK, G *Deus precisa da igreja*, p. 365

Ao responder afirmativamente ao chamado de Deus em sua individualidade, cada pessoa torna-se aliada em participação ativa em favor da libertação humana, que tem como precedente a conversão, que deve ser prática e não apenas teórica, a mudança da mente deve gerar ações concretas. Nesse sentido a conversão consiste em criar novas relações em todos os níveis da realidade pessoal e social.¹²¹ É a práxis dos valores do Reino que gera uma sociedade reconciliada.

O chamado à reconciliação, apresentam um reino sem fronteiras, um reino a partir do qual consegue-se enxergar ao outro sem discriminação, que viabiliza a alteridade. Embora pareça utópico, nele se encontra a resignificação da vida, seus valores são prioritariamente empáticos, sobrepujando as fronteiras que geram desagregação e fragmentação na sociedade humana. A ênfase aos desfavorecidos encontra sentido, pelo fato de que os mesmos são deixados à margem da sociedade, excluídos sem possibilidades. Mas através de seu povo, Deus volta-se em sua direção inserindo-os em seu corpo e gerando uma sociedade contrastante.

Essa multiplicidade de dons, que Paulo apresenta aos coríntios usando a imagem de um organismo vivo com sua diversidade de membros, responde a uma das questões mais prementes da humanidade, para qual até agora nenhuma entidade social encontrou a solução: como é possível que pessoas totalmente diferentes, cuja riqueza consiste justamente nessa diversidade, motivo pelo qual não devem ser homogêneos, consigam conviver em paz e harmonia? Pois as pessoas não são iguais nem querem sê-lo. Com toda razão, todos querem ser únicos. Mas como é possível fazer jus a essa aspiração sem que isso leve à desintegração da sociedade?

A solução chamada “povo de Deus”, que no Novo Testamento é definido mais exatamente como “corpo de Cristo”, é toda baseada na liberdade e na voluntariedade. Ela pressupõe, porém que a desigualdade humana não seja negada, devendo antes ser transformada em meio de enriquecimento mútuo. O elemento que une as forças dispares é o ágape, que não pode vir dos homens, mas apenas em, forma de dom do espírito de Deus, Espírito que se tornou disponível em razão da entrega que Jesus fez de sua vida.¹²²

Dessa forma Ele nos permite vislumbrar ainda que de forma incipiente o ideal divino de harmonização da criação, harmonização esta que ocorre, quando o homem saindo de si permite-se ser conduzido pelo amor de Deus. Quando a Igreja (povo de Deus) vivencia a experiência de comunhão é capaz de apresentar ao mundo uma imagem de um Deus que coloca-se a favor do homem e não em oposição a ele.

¹²¹ BOFF, L. *Jesucristo y la liberacion del hombre*, Madri, Cristiandad, 1981 p.31.

¹²² LOHFINK, G. *Deus precisa da igreja?* p. 448, 449

É por este motivo que Paulo afirma que Deus estava em Cristo reconciliando¹²³ consigo o mundo (Cf. II Cor. 5, 19). O que possibilita o crescimento do corpo é a iniciativa reconciliadora de Deus. Ao afirmar a iniciativa reconciliadora de Deus, apresenta-nos sua abrangência salvífica que é oportunizada a toda humanidade, embora os que dela se beneficiem diretamente sejam aqueles que respondem à interpelação de Deus. Paulo afirma ainda o ministério (*diakonia*) da reconciliação que haviam recebido da parte de Cristo os constituía embaixadores. Esse ministério que não restringe-se apenas a Paulo e seus cooperadores estende-se ao povo de Deus. Essa é a iniciativa de Deus que possibilita e incita o crescimento do corpo (Cf II Cor 5, 20).

... pensemos nos efeitos positivos que uma linguagem cuidadosa pode ter neste ponto com vistas a ir educando a consciência Cristã em uma imagem autêntica de Deus que é “amor” que esta trabalhando sem reservas e nem descanso para nossa salvação e que nos convoca a acolhê-lo e a colaborar com Ele. A mesma Escritura, lida com essa sensibilidade, oferece exemplos muito adequados nesta direção. Em relação ao indivíduo nos fala que Deus esta a porta e chama, para ver se abrimos e deixamos que nos preencha com sua presença. Em relação a comunidade nos pede outra coisa, através de Jesus, que possamos ajudá-lo amando nossos irmãos: “tive fome e me deste de comer” (Mt 25,35). E de forma geral, Paulo nos exorta: “ Por Cristo nos pede que nos reconciliemos com Deus. (2 Cor 5, 20).¹²⁴

O engajamento do povo de Deus em seu projeto não significa contudo, que não existam obstáculos que devam ser superados e que por vezes parecem estorvar seu propósito, sendo o maior deles a liberdade humana que possibilita a rejeição. Deus não se impõe à liberdade humana, de forma violenta ou usurpando-lhe seu poder de decisão, antes oferece ao homem uma proposta de vida pedindo-lhe que a aceite em amor. Sem a liberdade o homem não seria de fato homem, o que impediria um relacionamento autêntico com o criador.

A história do povo de Deus, não é concretizada pelas estratégias humanas, seus aparentes fracassos são percebidos posteriormente como elementos reveladores de ações inovadoras e surpreendentes da parte de Deus, basta lembrar por exemplo a afirmação de Paulo em face a rejeição dos judeus: “*Era mister que*

¹²³ No grego encontramos o vocábulo “*katallage*” que indica uma “transformação completa”. Essa palavra grega é usada nos escritos clássicos para indicar o “câmbio” de moedas. A ideia de modificação é inerente a este termo. Em sentido religioso aparece com a ideia de modificação das relações entre o homem e Deus. A reconciliação no N.T. consiste no livramento conferido ao homem de suas dificuldades por ele mesmo criadas, e que ele, por sua arrogância e perversidade, causou sobreviver contra si mesmo.

¹²⁴ QUEIRUGA, A.T. *Fin del cristianismo premoderno: retos hacia un nuevo horizonte*, Cantabria: Sal Terrae, 2011 p88

a vós se vos pregasse primeiro a palavra de Deus, mas, visto que a rejeitais, e não vos julgais dignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios” (Cf. At. 13, 46).

O fato é que em meio, à descrença, à inversão de valores e a todo poder do mal, em sua visão apocalíptica João pode afirmar “*e vi um novo céu e uma nova terra*” (Cf. Ap. 21, 1), a revelação recebida por João mostra-nos que mesmo em meio à liberdade humana, que possibilita a rejeição a proposta divina em razão do pecado,¹²⁵ o projeto de Deus não será frustrado.

Os catecismos antigos perguntavam no capítulo sobre as qualidades de Deus: "Por que dizemos Deus é onipotente?" E respondiam: "Dizemos Deus é onipotente porque ele pode fazer o que quiser". Essa resposta é certamente correta. Mas, mesmo assim, ela não exprime suficientemente o que o Símbolo Apostólico, tendo como pano de fundo a Bíblia, quis dizer com a fórmula "Creio em Deus Pai, todopoderoso" (pantokrátora). Quando a Sagrada Escritura chama Deus de *Pantokrátor*, ela não busca em primeiro lugar fazer uma declaração abstrata sobre seu ser, antes fala sobre sua ação concreta na história: Deus é o soberano sobre todos e sobre tudo. Ele faz que sua vontade alcance o objetivo. Sua criação não se transforma num contra-senso. A onipotência de Deus consiste justamente no fato de que seu projeto com o mundo será bem-sucedido.¹²⁶

3.2. Uma sociedade contrastante em suas origens

Em geral o significado de sociedade refere-se a um grupo de pessoas que se inter-relacionam convivendo em uma determinada época ou em um espaço determinado de forma organizada, e que praticam normas comuns de convivência que chamamos de cultura. “Todas as sociedades são unidas pelo fato de que seus membros são organizados em relações sociais estruturadas, de acordo com uma cultura única.”¹²⁷

Na convivência em sociedade, somos influenciados por forças históricas e sociais que modelam nossas vidas e as dos outros, assim como também exercemos influência, seja contribuindo para as mudanças que se processam ou perpetuando valores adquiridos na convivência social. O homem é um ser em constate interação social. Outra característica humana reside em nossa capacidade de

¹²⁵ BOFF, L. *Igreja Carisma e poder: Ensaio de eclesiologia militante*, p. 165

¹²⁶ LOHFINK, G. *Deus precisa da igreja: Teologia do povo de Deus*, p. 80

¹²⁷ GIDDENS, A. *Sociologia*, p. 37

construir novas sociedades que embora não totalmente distintas de nossas sociedades de origem, possuem características próprias ou adaptadas de acordo com as necessidades existentes.

3.2.1.

Origem do povo de Deus como sociedade contrastante.

A construção do povo de Deus como sociedade contrastante a partir de Abraão começa com uma convocação imperativa: O chamado à saída. É o momento da desinstalação, do êxodo que se faz necessário para a inovação, é em primeiro lugar uma saída de si mesmo, vínculos precisam ser quebrados, novos hábitos precisam ser estabelecidos, esse imperativo não surge como uma arbitrariedade de Deus, existe participação humana em interação com a revelação divina. É necessário perceber humanamente a inadequação do que se está vivenciando, para que se possa buscar o adequado, a insatisfação para que se busque satisfação.

A saída de Ur dos caldeus não é apenas uma mudança física de cidade. É um rompimento com todo sistema vigente, social, religioso e familiar, uma ruptura com todas as raízes naturais, que não atendiam as expectativas de Abraão e ao ideal de Deus. No entanto, a radicalidade da resposta de Abraão ao chamado de Deus, em abandonar a pátria e romper vínculos hereditários era quase impossível.¹²⁸ Sua saída de Ur é uma saída para um recomeço. Para isso precisa entregar-se à direção de Deus.

O êxodo de uma sociedade antiga deverá dar ensejo a uma nova sociedade. Deus escolhe um indivíduo que, deixando para trás sua pátria, seu clã e sua família, deverá migrar para uma terra da qual não é mencionado nem mesmo o nome.¹²⁹

Abraão é convocado por Deus para participar da construção de um projeto de abrangência mundial: *Em ti serão benditas todas as famílias da terra.*¹³⁰ é a construção de uma nova sociedade na qual podemos vislumbrar fragmentos do Reino vindouro. Sendo o Reino de Deus um projeto de abrangência universal, percebe-se então, que embora tenha iniciado com Abraão o projeto de Deus não está restrito aos laços de sangue, à descendência, a uma família, um clã ou uma

¹²⁸ RAD, G. *El libro de Genesis*, Salamanca, Sigueme, 1982, p. 195

¹²⁹ LOHFINK, G. *Deus precisa da igreja?* p 61

¹³⁰ BÍBLIA. Português. A.T Gen. 12.3

nação, é um projeto unificador que supera todas as barreiras e fronteiras territoriais, sociais e étnicas que impedem a vivência em unidade.

A saída de Abraão de Ur, daria início a uma nova sociedade, na qual estariam presentes atividade cültica monoteísta, o aprendizado da vivência pela fé, a prática da justiça, e um sinal físico distintivo que representava relacionamento e pertencimento, e também de aceitação da vontade divina revelada: a circuncisão. Através das gerações subsequentes a consolidação das práticas acima citadas não apenas distinguiriam os descendentes de Abraão como redundariam em benção de Deus para seu povo.

3.2.2.

O Êxodo: saída constitutiva de uma nova sociedade.

A migração dos descendentes de Abrão ao Egito e a conseqüente escravidão a que foram submetidos, apresentam-nos um quadro de injustiça, sofrimento, desigualdade, temos nesse momento, os filhos de Israel imersos em uma sociedade onde a degradação humana atinge proporções alarmantes, a escravidão do homem pelo homem distancia-se da sociedade pretendida por Deus.

O Êxodo é uma nova saída, é o povo chamado a celebrar ao Deus único, mas que simultaneamente inicia uma nova sociedade sob uma legislação dada pelo próprio Deus. Na continuidade histórica do projeto de Deus iniciado em Abraão, teremos a ocorrência de um segundo êxodo, agora liderado por Moisés. É um êxodo de abrangência ampliada, em relação ao número de pessoas envolvidas. A narrativa do êxodo, nos mostra a saída de uma sociedade onde imperam a desigualdade, a injustiça e o desvalor humano, onde o clamor gerado pelo sofrimento e o anseio por uma sociedade justa, coincidem com intervenção de Javé que se faz necessária no prosseguimento de seu projeto. “O objetivo do êxodo era o de criar um povo novo que celebrasse, para sempre, seu Deus numa nova sociedade.”¹³¹

A necessidade da constituição de uma nova sociedade pode ser percebida no relato bíblico de Números. 20,15 acerca da situação vivenciada no Egito. Descrito como uma sociedade onde a opressão e o sofrimento estão institucionalizados a partir do poder dominante. O povo aspira por uma nova sociedade onde o

¹³¹ FUELLEMBACH, J. *Igreja comunidade para o Reino*, p. 40

sofrimento não lhes seja imputado e por este motivo clamam a Deus pedindo-lhe uma intervenção social, onde a exploração e degradação já não se façam presentes, pois tais condições são incompatíveis com o propósito de Deus.

No Monte Sinai, Israel foi transformado numa nova sociedade em sua caminhada através do deserto. Após essa transformação, seu povo agora entraria na terra prometida, onde corria leite e mel, a fim de celebrar uma festa para Javé. O objetivo do êxodo era o de criar um povo novo que celebrasse, para sempre, seu Deus numa nova sociedade.

O significado disso é que a saída de uma sociedade empobrecida somente seria uma retirada e remoção genuína se levasse à constituição de uma nova sociedade que já não conhece a pobreza, e em cujo meio Javé, seu Deus, é celebrado numa festa perene. Javé pretende criar uma sociedade de irmãos e irmãs em que já não existirão pessoas pobres. Por meio do êxodo, os pobres do Egito devem tornar-se uma espécie de sociedade contrastante, que é fruto da vontade divina.¹³²

Segue-se a convocação do povo, que deve em resposta, ao chamado de Deus dirigir-se para o deserto, é neste ambiente de saída e encontro com Deus que temos a constituição de um povo não apenas como aglomerado de pessoas, mas que posteriormente deverá viver sob a égide de uma nova constituição: o decálogo e a Torá que lhes são outorgados para seu próprio bem. (Dt. 6.20-25). Temos então a resposta de fé e o êxodo como elementos presentes na formação do povo de Deus. A esse respeito J. Fuellenbach tece o seguinte comentário:

A aliança com o povo é a visão, da parte de Deus, do modo como Ele imagina uma sociedade na qual os seres humanos viverão como filhos de Deus, numa situação de justiça e paz entre todos. Os humanos devem formar uma sociedade contrastante oposta à sociedade do faraó, na qual haviam vivido sob opressão e injustiça. Era este o pressuposto no qual se fundava a própria razão de existir de Israel. Ao ser uma tal sociedade, o povo da aliança já revelava o que Deus tinha preparado para toda a humanidade.¹³³

Na evolução histórica de Israel, suas características distintivas que lhes davam contraste em relação aos povos circunvizinhos tornar-se-ão por vezes tênues, em alguns momentos chegando a assimilar a prática cultural a outros deuses, Deus no entanto, mantém seu propósito constitutivo de uma nova sociedade, sinalizando a vinda do Messias e mencionando uma nova aliança, onde as características distintivas de seu povo estarão situadas em seu coração e conseqüentemente em suas ações. Este será o fio condutor que perpassará a história de Israel, que será enfatizado através dos profetas.

¹³² FUELLENBACH, J. *Igreja comunidade para o reino*, p.40

¹³³ *Ibid.*, p.41

Quando através de Jeremias, Deus se propõe a realizar uma nova aliança com seu povo, dando-lhe característica distintiva, apresenta-nos a ideia de que o encontro relacional com seu povo bem como o sentido de pertencimento, estão relacionados à presença de seu Espírito e à interiorização de sua palavra, esta já não estará em tábuas de pedra, mas nos corações, que devem ser ensináveis, sensíveis e não resistentes, desta forma, o povo de Deus adquire uma identidade atualizada em sua história.

3.2.3. A Igreja como sociedade contrastante

No relato do Novo Testamento a metodologia de convocação, resposta de fé e êxodo tornarão a evidenciar-se como elementos que se fazem perceber na formação do povo de Deus, inicialmente através do movimento batista, sua pregação ocorre no deserto, lugar de recomeço. Nesse momento Israel não encontrava-se em um território estrangeiro, mas dentro de seu próprio território, no entanto sua expressão como povo de Deus havia se deteriorado, longe de expressar o ideal de Deus assemelhava-se à sociedade da qual havia sido retirado no Antigo Testamento.

(...) o Batista quer recolocar o povo de Deus na mesma situação em que Israel se encontrava no deserto, para que lá aprenda de novo a confiar em Deus; e saindo do deserto ele o quer levar pelas águas do Jordão até a entrada da terra prometida. Isso significa que ele reconstitui para o povo de Deus a situação de recomeço – a situação de uma nova geração que já não reclama e Crê na promessa. Israel provocou a ira de Deus. Não adianta apelar para a condição de descendente carnal de Abraão. Só um recomeço absoluto, igual àquela travessia do rio Jordão é capaz de salvar o povo de Deus.¹³⁴

É nesse cenário que o movimento batista encontra sentido. Sua proclamação denuncia que em meio a diversos movimentos que se intitulavam ser o "verdadeiro" Israel, grande parte da população vivia sob a prevalência de um sistema onde a desigualdade, a opressão, exploração e o abandono social eram evidentes, torna-se então imprescindível a construção de uma nova realidade social com a participação do povo, nessa nova sociedade onde o outro adquire valor, importância e deve ser integrado (cf. Lc 3, 11). João atraiu diversos seguidores, entre eles Jesus.

¹³⁴ LOHFINK, G., *Deus precisa da Igreja?*, p. 121

João o Batista não se dirige à humanidade em geral, nem a cada um dos indivíduos separadamente, senão aos membros do povo de Deus. Lhe preocupa a existência de Israel. Dessa mesma preocupação compartilham os fariseus, os essênios, e os zelotes. Todos esses grupos e movimentos apontam em última instância para a renovação de Israel, a reunião do verdadeiro Israel; um Israel que faça a vontade de Deus. Em nossa mentalidade moderna poderíamos dizer: numerosos grupos e movimentos daquele Israel buscavam a verdadeira identidade do povo de Deus.¹³⁵

A convocação do Batista deixava claro que havia uma necessidade de recondução do povo a Deus: o templo, o sacerdócio, os sacrifícios do templo e os diversos grupos sectários existentes mostravam-se incapazes de produzir o verdadeiro ideal de Deus como sociedade contrastante: os fariseus centravam-se numa santidade e pureza estéreis, os zelotes buscavam a libertação do domínio romano e os partidários de "Qumram" separavam-se enquanto a maior parte da população permanecia subjugada pela exploração, evidência concreta de um sistema injusto com a aquiescência da aristocracia judaica. É necessário que Israel seja de fato uma sociedade de contraste.

Na sequência de João Batista, temos o movimento de Jesus. Ele não deu uma forma institucional ao movimento que iniciou, mas ao agregar a si os discípulos e na designação dos doze apóstolos, dava continuidade ao projeto de Deus na constituição de seu povo, ainda que naquele momento histórico Israel como povo de Deus se encontrasse desagregado,¹³⁶ distanciado do ideal de Deus, seu desígnio escatológico permanecia inalterado. Possuíam a adoção de filhos, e a glória, e as alianças, e a lei, e o culto e as promessas, como nos afirma o Apóstolo Paulo (Rm 9. 4).

Considerada em seu conjunto, a instituição dos Doze é uma das evidências mais claras da decidida dedicação de Jesus a Israel. Jesus quer reunir o povo de Deus. Deseja a restauração de Israel perdido e disperso.¹³⁷

Por este motivo, os discípulos convocados por Jesus foram inicialmente enviados as ovelhas perdidas da casa de Israel para reconduzi-los a sua posição e função escatológicas na economia divina. A interpretação escatológica dos discípulos à sua própria existência, constituiu-se em força motivadora para a proclamação. Israel deve converter-se, esta percepção dos discípulos é decorrente de sua autocompreensão como povo de Deus.

¹³⁵ LOHFINK, G., *La Iglesia que Jesus queria* p. 19

¹³⁶ *Ibid.*, p. 38

¹³⁷ *Ibid.*, p. 21

Quando Mt 10,6 fala das ovelhas perdidas não se refere apenas a uma parte do povo: aos pecadores e aos apóstatas, mas refere-se a totalidade do povo, que é comparado a um rebanho desgastado e extraviado. Ezequiel, no capítulo dos pastores (Ez. 34), descreve de forma ampla a situação do povo de Deus, abandonado e abatido. Não cometemos nenhum abuso, ao supor que Jesus alude a Ezequiel quando fala das ovelhas perdidas da casa de Israel. E isto significa, ao mesmo tempo em que Jesus está convencido de que a reunião escatológica das ovelhas enfermas e abandonadas de Israel, prometida pelo profeta, já começou agora, neste momento. Deus mesmo reúne agora seu povo, servindo-se dele, do Pastor messiânico. (cf. Ez. 34.23s).¹³⁸

Jesus ampliará a mensagem de João, enfatizando não apenas a "metanóia", mas a chegada do Reino, embora ainda não manifestado em sua plenitude, a comunidade de discípulos deveria vivenciar antecipadamente como realidade desejável de uma sociedade mais justa, seus valores não coadunam-se com a sociedade na qual estão inseridos. Moltmann assim descreve essa nova realidade:

Por isso a estruturação da vida e os ministérios desta comunidade não seguem princípios ordenadores gerais da coletividade em que ela se insere, senão os "princípios" da paz de Deus. [...] Daqui se segue uma atitude de contraste e uma alternativa frente ao estado, à sociedade e à vontade de poder do homem manifestada no estado e na sociedade: "Sabeis que os que julgam ser príncipes dos gentios, deles se assenhoreiam, e os seus grandes usam de autoridade sobre elas. Mas entre vós não será assim; antes qualquer que entre vós quiser ser grande, será esse que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos, pois porque o Filho do Homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos. A paz vindoura do reino é vivida no seguimento de Cristo e no serviço recíproco da liberdade. A ordem de paz da comunidade se converte desta maneira em sinal e ponto de partida para a superação das relações desumanas baseadas na dominação do homem pelo homem."¹³⁹

Esse modelo de sociedade distinto da sociedade circundante não prioriza a busca do poder ou satisfação pessoal, que produz afastamento e separação, não deve existir separação, mas solidariedade, Jesus apresenta uma reformulação social criando um ambiente propício à valorização onde o outro que passa a ser visto como irmão, vivenciando justiça e compaixão.¹⁴⁰

Com a mensagem de Jesus já não há mais necessidade da simbologia do deserto. O êxodo dar-se-á no interior de cada indivíduo, pode-se recomeçar a partir de onde nos encontramos. É o rompimento com antigas estruturas desenvolvidas ao longo da existência voltadas exclusivamente para si, com

¹³⁸ LOHFINK, G., *La iglesia de Jesus queria* p. 21

¹³⁹ MOLTSMANN, J., *La iglesia, fuerza Del Espíritu*, Salamanca: Sigueme, 1978 p.344

¹⁴⁰ FUELLENBACH, J., *Igreja Comunidade para o Reino*, p. 42

pensamentos modelados visando apenas à satisfação do eu e que produzem uma existência injusta.

Em contraste com os regimes deste mundo sua força procede da caridade e do serviço recebidos do Senhor que passam a ela. Deste modo, ela é na história a comunidade que aceita livremente o reino de Deus em seu Senhor Jesus. ... Nela, por outra parte, começa a tomar forma a reestruturação do gênero humano; retrocede discretamente o escândalo de Babel.¹⁴¹

A comunidade, que evoluiu do movimento de Jesus, nasceu quando os discípulos deixaram-se transformar pelo amor e pelo poder de Deus - era uma comunidade para o Reino. Dirigindo-se inicialmente à Israel, gradativamente os discípulos irão perceber o caráter inclusivo, o chamado à vivência da comunhão com os demais povos na constituição do povo de Deus. É a comunhão gerada pelo Espírito que faz da Igreja sinal do Reino como nos afirma Tillard.

No pentecoste dos gentios, na casa de Cornélio, descobrem de forma surpreendente que o “dom do Espírito Santo” se derrama agora sobre as nações pagãs, que estas recebem o Espírito do mesmo modo que os judeus, que é possível ouvir os gentios “falando também em línguas e celebrando a grandeza de Deus” (At. 10. 44-48). Por isso, quando Paulo escreve que “já não há judeu, nem grego, escravo ou livre, nem homem e nem mulher, porque todos são a mesma coisa em Cristo Jesus, destaca um dos elementos essenciais da salvação. O Espírito de Cristo aproxima aos crentes em uma unidade de tal categoria que suas diferenças se veem arrastadas pela força do pertencimento comum, aquela que na cruz, rompeu com tudo o que transformava as dessemelhanças em divisões.¹⁴²

Lucas tem interesse em sinalizar como a Igreja entre os gentios nascida do Espírito atualiza a comunhão, porém dando-lhe amplitude universalista, que desde o encontro de Pedro e Cornélio aparece com toda clareza como um dos elementos essenciais para identificá-la como povo de Deus. Desta forma quando se denominam "*ekklesia*" (I Cor. 15.9) estabelecem um elo de ligação, vinculam-se ao povo da aliança de Javé, percebem-se como povo eleito ou povo santo (At. 9,13) como mencionado em Daniel 7.

Essa é também a compreensão da comunidade de discípulos expressa no discurso de Pedro em pentecostes no qual a pregação dirigida a Israel enfatiza a necessidade de conversão.¹⁴³ À necessidade de conversão Pedro adicionará o

¹⁴¹ TILLARD, J-M. *Iglesia de Iglesias* p. 70

¹⁴² *Ibid.*, p. 166

¹⁴³ LOHFINK, G., *La Iglesia que Jesus queria: Dimensión comunitaria de la fé Cristiana*, Bilbao: Desclée Brouwer, 1986 p. 85

batismo que como ato de fé e resposta humana consolidam a relação de pertencimento e inserção ao povo de Deus.

Tendo como pano de fundo o batismo de João, o batismo cristão é um rompimento com tudo o que houve antes, é salvação das imposições repassadas de geração em geração, é entrada na terra da promessa, é inserção na nova sociedade da Igreja. O batismo mostra que ninguém é integrado naturalmente na Igreja pelo nascimento. "Não se é cristão em virtude da ascendência ou do vínculo com um determinado povo ou uma determinada cultura. Alguém é cristão porque Deus o escolheu livremente em sua graça e porque a pessoa respondeu a esta escolha optando livremente pela fé."¹⁴⁴

A Igreja como povo de Deus, é a continuidade de um projeto iniciado por Deus e que pertence a Deus. *“Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara que vos deu á luz; porque, sendo ele só, o chamei, e o abençoei e multipliquei.”* (Is. 51,2). Não é uma chamada impositiva, Deus não se impõe de forma violenta, mas convoca à liberdade e ao seguimento. A igreja, ao participar deste projeto engaja-se no plano de Deus.

A compreensão da igreja como sociedade inclusiva, igualitária e contrastante continuará sendo desenvolvida na fase apostólica através das epístolas gerais e paulinas em continuidade à visão transmitida por Jesus. Segundo Tillard esse contraste é percebido por uma nova proposta existencial em uma vivência comunitária em harmonia. Nesse sentido ao mesmo tempo em que contrasta com "o mundo" constitui-se em sinal para "o mundo" expressando uma sacramentalidade que lhe é inerente em razão de sua vocação.¹⁴⁵

É provavelmente que a Carta aos Efésios onde se dá o contraste mais claro, em relação explícita com a natureza da Igreja de Deus. Se trata da oposição que temos assinalado entre um mundo em que se levantam muros de separação, barreiras de divisão, paredes de ódio, e o mundo que se faz possível pelo sangue de Cristo (2. 12-17). Se oferece uma nova possibilidade de existência, caracterizada pela qualidade de paz que estabeleceu a destruição do ódio. É a atualização de uma relação concreta com Deus (2. 1-5) e de uns com os outros baseada no perdão.¹⁴⁶

3.2.4.

Perseguição em razão de suas características distintivas.

Após a ressurreição de Jesus, seu movimento expandiu-se e começou a ser percebido em diversas partes do vasto Império Romano, até o ano de 250 não

¹⁴⁴ LOHFINK, G., *Deus precisa da igreja*, p. 122

¹⁴⁵ TILLARD, J., -M.R. *Iglesia de iglesias*, p 166

¹⁴⁶ *Ibid.*, p162

havia perseguições orquestradas diretamente pelo governo romano, sendo antes fruto de ações populares, após este período, o governo adotou estratégias conscientes de perseguição. A razão da perseguição por parte das comunidades judaicas, não é porque se opunham ao judaísmo, mas porque creem e pregam que Jesus é o messias.¹⁴⁷

Foram unânimes em reconhecer que sua culpa se reduzia apenas a isso: em determinados dias costumavam comer antes da alvorada e rezar responsabilmente hinos a Cristo como a um deus; obrigavam-se por juramento, não a algum crime, mas a abstenção de roubos, rapinas, adultérios, perjúrios e sonegação de depósitos reclamados pelos donos.¹⁴⁸

Além disso, seus valores, sua praxis e sua fé, distoavam da prática popular. Eram continuadores do movimento de Jesus, por esse motivo procuravam superar distinções¹⁴⁹. Não havia nenhuma distinção entre seus membros, nem em suas reuniões. Um escravo podia ser eleito bispo na igreja. Tudo isso eram coisas inaceitáveis para a mentalidade dos nobres, para os filósofos e para as classes governamentais. Como diz John Dominic, provocavam uma revolução social.

Não era um chamado a revolução política; antes postulava uma revolução social que afetava perigosamente aos fundamentos da mente humana. A distinção entre judeus e gentios, entre homem e mulher, livres e escravos, ricos e pobres estava totalmente abolida, e deixava de ser importante.¹⁵⁰

Após a destruição do templo, quando o cristianismo assume uma identidade distinta do judaísmo a religião cristã passa a ser vista como uma seita nociva aos interesses do Império, o comprometimento de seus membros não contribuiu para a estabilidade do Estado, já que o culto ao imperador praticado pela população era um fator de integração e subordinação, e na medida em que os cristãos recusam-se a prática do culto imperial, politicamente passaram a ser considerados subversivos.

A causa político-religiosa, não era a única razão para a perseguição, também havia causas sócio econômicas: a influência do cristianismo nas classes mais pobres da sociedade, poderiam acarretar um levante popular, os cristãos

¹⁴⁷ GONZALES, J., *Historia Del Cristianismo*, Miami, Unilit, 1994, Vol. 1, p. 35.

¹⁴⁸ BETTENSON, H. *Documentos da igreja cristã*, São Paulo: ASTE, 1967, p. 29.

¹⁴⁹ PIKAZA, X. *Hijo de hombre: historia de Jesus galileo*, Valencia: Tirant lo Blanch, 2007 p. 196.

¹⁵⁰ CROSSAN, J. D. *Jesús: biografía revolucionaria*, Barcelona, Grijalbo Mondadori, 1996, p. 212

defendiam a igualdade entre todos os homens, (Cf. Cl 3, 11; Tg 2, 1-9); Em relação ao aspecto econômico Earle E. Cairns¹⁵¹, faz o seguinte comentário:

Não se pode esquecer que as questões econômicas são parte das causas de perseguição aos cristãos. A oposição que Paulo recebeu dos fabricantes de ídolos em Éfeso, mais preocupados com o perigo que representava o cristianismo para seus negócios do que com a possível ameaça ao culto de Diana (At. 19, 27), é uma chave para a compreensão da reação daqueles cujos interesses do “ganha-pão” estavam ameaçados pelo avanço do cristianismo. Sacerdotes fabricantes de ídolos, videntes, pintores, arquitetos e escultores dificilmente se entusiasmariam com uma religião que ameaçasse seus sustento.¹⁵²

Apesar das diferentes motivações para a perseguição, ao que chamavam de superstição cristã, o que de fato suscitava toda tentativa de erradicação da fé, era a realidade de sua situação contrastante em relação as sociedades nas quais os grupos cristãos estavam inseridos. A resistência cristã em não amoldar-se aos valores circundantes demonstravam uma clara distinção entre trevas e luz.

3.3.

Preservação de suas características identitárias.

Sendo à identificação com Cristo prerrogativa da Igreja, convém pontuarmos o que lhe confere em sua historicidade maior semelhança com Ele, bem como o que lhe faz diferir de maneira, que sua identidade se ache comprometida. Não podemos esquecer que a Igreja é chamada a testemunhar, e precisamos entender que o testemunho Cristão está intimamente ligado à práxis, sendo esta última a que lhe confere autenticidade e credibilidade.

O povo de Deus está inserido na história e na cultura de seu tempo, sua identificação histórica, não reside em seu asceticismo ou legalismo, mas na assimilação e prática dos princípios ensinados por Jesus, a força atrativa da mensagem de Jesus proclamada pela Igreja reside nesta distinção, que longe de ser segregacionista, atua como referencial de vida, e evidencia ao mundo sua identidade cristocêntrica. Quando suas características identitárias diluem-se é concebível o surgimento de grupos, movimentos ou pessoas que buscam resgatar sua identificação primeira. Por este motivo, pontuaremos movimentos históricos

¹⁵¹ Professor emérito do Wheaton College, onde atuou por trinta e cinco anos, como professor e chefe do departamento de história da igreja. É membro da Academia Americana de História da Igreja, da Associação Americana de História e da Conferência sobre Fé e História.

¹⁵² CAIRNS, E. E., *O cristianismo através dos séculos*, p. 73

de grande importância, que visavam manter e resguardar a identidade do povo de Deus: monasticismo, movimentos reformadores e a influência dos místicos.

3.3.1.

O monasticismo.

E. Cairns¹⁵³ identifica quatro períodos de crescimento do movimento monástico: do final do IV século ao VI; durante as reformas monásticas dos séculos X e XI; a era dos frades no século XIII; na contra-reforma século XVI com os jesuitas.

O Império vinha experimentando no III século, uma profunda crise externa: crescimento da ameaça persa e pressão dos povos germânicos. Internamente é um período de instabilidade política e econômica. Os imperadores procuram eliminar todos os fatores de divisão, estreitando o vínculo dos habitantes do império através do culto ao imperador¹⁵⁴.

Septímio Severo, destaca-se por sua política de unificação sincretista religiosa, procurando deter a expansão do cristianismo e do judaísmo de forma violenta, com o recrudescimento da perseguição. Décio seu sucessor agiu de forma ainda mais implacável, decretou que todos os cidadãos do império teriam que sacrificar aos deuses e obter um certificado comprobatório de tê-lo realizado.

Ainda que o édito de Décio que iniciou a perseguição não se tenha conservado, temos como resultado claro, que Décio não ordenou que os cristãos fossem destruídos, mas que retornassem ao culto dos velhos deuses. Por mandato imperial, todos teriam que sacrificar ante os deuses, e queimar incenso ante a estátua do imperador. Os que assim fizessem obteriam um certificado como prova. E os que não possuíssem o certificado, seriam tratados como criminosos, por desobediência ao édito imperial.¹⁵⁵

Neste período três alternativas são percebidas como viáveis: martírio, fuga e deserção. Ainda que nem todos os que permaneceram nas cidades foram martirizados, a fuga para o deserto, com o objetivo de retornar posteriormente ao fim da perseguição, constituiu-se em uma experiência de solidão, na qual muitos decidiram permanecer. A rejeição à vida em sociedade, gerava uma sociedade contrastante assim como o martírio. Podiam entender, as duras condições de vida

¹⁵³ CAIRNS, E. *O cristianismo através dos séculos*, p. 122

¹⁵⁴ GONZÁLES, J., *História del cristianismo*, Vol. 1 p. 31

¹⁵⁵ *Ibid.*, p. 107

no deserto, como um *martyrion* (testemunho) cotidiano que se prolongava no decorrer da vida.

Neste período, duas formas de vida mais radicalizadas e contrastantes podiam ser observadas entre membros da igreja: O primeiro supera a natureza e a conduta normal, evitando matrimônio e relações sexuais, dedicando-se a consagração a Deus¹⁵⁶ e ao serviço aos demais, outros retiram-se (gr. *anakhorese*) para os desertos a fim de viver melhor sua consagração. Se distanciaram de suas famílias e de suas cidades: fizeram-se solitários (gr. *monakhoi*).

Se no período das perseguições a identidade cristã poderia ser percebida na reafirmação da fé, mesmo em risco da integridade física, do encarceramento e do martírio, aqueles, que nesta nova fase da história da igreja, desejavam confessar a Cristo de forma radical, viam na retirada para o deserto uma forma de manter sua identidade cristã. Era para eles neste momento, a forma de expressar a realidade contrastante que foram chamados a viver, pois sempre que o povo de Deus vivencia a fé é impossível não contrastar com o mundo.

E. E. Cairns, considera também influentes outras questões nas decisões dos anacoretas: a filosofia clássica que situava em polos opostos o corpo e a alma, o que impediria a plena liberdade da alma e a interpretação dada às palavras do Apóstolo Paulo, no que diz respeito ao casamento, já que a opção por não casar confere liberdade para o serviço a Deus¹⁵⁷. Tais pontuações, nos permitem perceber que mesmo antes de uma maior difusão do movimento monástico, haviam homens e mulheres que buscavam através da “separação”, uma espiritualidade que lhes conferisse uma maior identificação com Cristo.

Gradativamente, a perseguição ao cristianismo deixou de ser uma política prioritária do Império, o édito de tolerância promulgado por Galério em 311 e a “conversão” de Constantino, inserem a Igreja em uma nova fase histórica. O cristianismo torna-se religião oficial, não apenas pela crença de Constantino na ajuda do Deus cristão em suas batalhas, mas também pelo reconhecimento de sua contribuição para a saúde pública¹⁵⁸.

Apesar das perseguições padecidas no final do século III, não surpreendeu aos cristãos a mudança da política religiosa sob Galério e Constantino. Porta-vozes cristãos haviam demonstrado a algum tempo sua lealdade ao Estado, e inclusive

¹⁵⁶ GÓMEZ, J. A. *Historia de la Iglesia: I. Edad Antigua* p. 321

¹⁵⁷ GONZÁLES, J., *História del cristianismo*, Vol. 1 p. 153

¹⁵⁸ LENZENWEGER, J.; et al. *Historia de la iglesia católica*, Barcelona: Herder, 1989, p. 97

havam contemplado a possibilidade de uma cooperação entre Igreja e o Estado. Os cristãos aproveitaram os grandes períodos de tranquilidade para crescer e organizar-se. E chegaram a oferecer-se como interlocutores nos quais o Estado podia depositar plena confiança.¹⁵⁹

Após a época de perseguições que exigia uma clara identificação com Cristo, iniciou-se um novo período na história da Igreja. Com a nova política do Estado, a Igreja gradativamente perdeu o fervor e a coerência de uma fé radical, com isso arrefeceu em sua característica profética, Hilário de Poitiers¹⁶⁰ percebeu este momento descrevendo da seguinte forma:

Não nos colocam em cárceres, mas nos honram em seus palácios para nos escravizar. Não rasgam nossas carnes, mas destroem nossa alma com seu ouro. Não nos ameaçam publicamente com a fogueira, porém nos preparam sutilmente para o fogo do inferno. Não lutam pois tem medo de ser vencido. Pelo contrário adulam para poder reinar ... Teu genio sobrepassa o do diabo, com um novo triunfo e inaudito: Consegue ser perseguidor sem fazer mártires¹⁶¹

Embora esta não tenha sido a intenção de Constantino, a “Aliança” político-religiosa, beneficiou o Império e não à igreja. Assim ao findar o século IV, aquela Igreja dos mártires, pujante, que conseguiu geração após geração, permanecer frente a todas as perseguições do maior Império do mundo encontrava-se já sem o mesmo vigor.

A Igreja, não é uma associação comunitária a qual as pessoas podem aderir como simbolo de status, modismo, mediante a imposição ou para a prática de obras assistencialistas, o pertencimento a igreja está inexoravelmente ligado a conversão. Conversão, que deve ser entendida como voltar-se inteiramente para Deus. As consequências da inserção de inconversos fragiliza, deforma a igreja diluindo sua identidade. Leonardo Boff aborda a conversão da seguinte forma:

A conversão postulada por Jesus não é somente uma mudança de convicções (teoria), mas sobretudo mudança de atitudes (prática), e não somente o homem considerado como irredutibilidade de uma liberdade pessoal (coração), senão do homem como ser concreto, envolvido em uma rede viva e ativa de relações. A conversão consiste em criar novas relações em todos os níveis da realidade pessoal e social, de tal forma que essa conversão se concretize em libertações e antecipe o Reino. O pessoal está em dialética com o social e vice-versa.¹⁶²

¹⁵⁹ LENZENWEGER, J. et al.. *Historia de la iglesia católica*, Barcelona: Herder, 1989, p. 94

¹⁶⁰ (300 - 368 d.C.) Bispo na cidade romana de Pictavium, atual Poitiers, na Gália, é um dos Doutores da Igreja. Também muitas vezes chamado de "Martelo dos Arianos" e o "Atanásio do ocidente".

¹⁶¹ GÓMEZ, J.A. *História de La Iglesia: I – Edad Antigua*, Madri, Biblioteca de Autores Cristianos, 2001 p. 330

¹⁶² BOFF, L. *Jesucristo y La liberación Del hombre*, p. 31.

O quadro vivido no quarto século, distancia-se desta abordagem. A inserção na Igreja, não estava necessariamente vinculada a conversão, como exemplo podemos citar o decreto do imperador Teodósio, declarando o cristianismo como religião oficial do estado: *lex* obrigatória, impondo aos súditos professarem o cristianismo. Utilizava também uma metodologia missionária impositiva, incorporando ao “cristianismo” milhares de inconversos, travando-se por este motivo, uma batalha interna e externa contra a influencia pagã.

(...) obrigados por lei a serem cristãos, os distintos grupos religiosos fizeram-se cristãos, carregando para dentro das comunidades cristãs, toda sorte de ritos, crenças, doutrinas e hábitos religiosos.¹⁶³

Ao adentrar neste novo período na história cristã, percebemos que a indentidade, construída a partir do primeiro século esta enfraquecida: já não existem mais perseguições que exijam uma entrega radical; a adulação aos bispos silenciou-lhes a voz profética, e inconversos, são incorporados em grande quantidade à igreja. Ambição, busca pelo poder, e conduta mundana permeavam a vida religiosa.

Polarizando com tais práticas, a luta pela manutenção da identidade da igreja é buscada na ortodoxia e na ortopraxia, através de cristãos piedosos, dentre eles Monica mãe de agostinho e Jeronimo que em sua crítica a vida delitosa dos cléricos romanos escreveu: *A facilidade é sempre irmã gêmea da mediocridade*¹⁶⁴.

Uma perspectiva possível neste momento, era a de que um conformismo apático acabaria por prevalecer, e aquela Igreja como sociedade contrastante deixaria de existir. A verdadeira igreja no entanto não foi suplantada pelo mundanismo, Justo Gonzales descreve a reação de muitos cristãos verdadeiros neste período:

A resposta de muitos não se fez esperar: fugir da sociedade humana; abandonar tudo; subjugar o corpo e as paixões que dão ocasião a tentações. E assim, ao mesmo tempo em que a igreja se enchia de milhares de pessoas que pediam o batismo, houve um verdadeiro exodo de outros milhares que buscavam na solidão a santidade.¹⁶⁵

¹⁶³ BOFF, L. *Igreja carisma e poder*, p. 164.

¹⁶⁴ GÓMES, J. A. *História de la iglesia*, p. 331

¹⁶⁵ GONZALES, J. *História Del cristianismo. Tomo I*, p. 152

O monacato tornou-se mais difundido inicialmente, no IV século, através de Antão em sua retirada para as cavernas do norte do Egito, período em que começaram a surgir também, as comunidades monásticas ou cenobitas (gr. *koinos bios*). Comunidades contrastantes cuja forma de vida expandiu-se pelas igrejas do oriente e do ocidente. Atribue-se a Pacomio a formulação das regras do monaquismo comunal. Os mosteiros não eram apenas lugar de isolamento para a conservação da pureza identitária do cristianismo, mas podemos afirmar a grande contribuição dos monges para o desenvolvimento da humanidade.

“Os monges não eram somente os líderes da igreja, mas também filósofos, arquitetos, os principais conselheiros dos reis, peritos em agricultura, músicos, construtores, e peritos em muitas outras artes e ofícios. Nos mosteiros maiores, faziam cópias de grandes obras literárias do passado que eram zelosamente guardadas em suas bibliotecas. Muitos monges passavam toda sua vida neste labor. Por isso não é exagero dizer que os mosteiros foram os principais instrumentos de evangelização da Europa, em evitar a perda de muitas obras literárias romanas e cristãs da antiguidade... ”¹⁶⁶

Os mosteiros, constituíam-se também em lugar de acolhimento e de envolvimento com as comunidades próximas: o cuidado com os pobres, o tratamento de doentes, proteção aos mais fragilizados como mulheres e crianças inclusive, em alguns se desenvolvia a agricultura. Demonstravam de fato uma identificação com Cristo, e embora contrastassem com a sociedade nela atuavam dando significado à vida devota, longe de perder-se em abstrações manifestavam o amor ao próximo e a revalorização humana. O conhecimento preservado pelos mosteiros era também compartilhado, os monges eram professores e fomentavam a disseminação do conhecimento e em suas abadias foram criadas muitas universidades da Europa.

A relevância da vida monástica levou diversos bispos e eruditos a apoiar e a difundir o ideal monástico pela percepção do valor do testemunho monástico para a vida diária da igreja.¹⁶⁷ Nesta opção de vida estavam articuladas a devoção, a caridade, estudo e a fé. Dentre as ordens monásticas convém destacar: os Beneditinos, Cistercenses, Franciscanos e Dominicanos. Os grandes expoentes da fé Cristã surgiram nos mosteiros: Pacomio, Basílio de Cesaréia, Martin de Tours, Antonio de Atanásio, João Crisóstomo e etc.

¹⁶⁶ BOER, H. R., *Historia de La iglesia primitiva (A.D. 1-787)*, Miami: Unilit, 2011 p. 90

¹⁶⁷ GONZÁLES, J., *História del cristianismo Vol. 1*, p. 160

Embora sejam encontrados pontualmente equívocos ligados à vida monástica, quando em alguns mosteiros ocorreram desvirtuamentos de seus propósitos tais como: crescimento da riqueza e a conseqüente produção de uma vida luxuosa¹⁶⁸, ociosa e até imoralidade, o desenvolvimento da vida monástica deixou marcas indelévels não apenas no que concerne à fé cristã, mas em toda a história humana.

3.3.2. Os místicos

A contribuição dos místicos para a preservação da identidade da igreja, relacionava contemplação e serviço, este evidenciava-se como fruto da união mística com Deus. Desvencilhando-se de todo formalismo buscavam contato direto com Deus, a experiência da alma. E. E. Cairns afirma que “o movimento significou também um protesto e uma reação contra uma igreja decadente e corrompida”¹⁶⁹. Dentre os místicos podemos citar: Bernardo de Claraval, Francisco de Assis, Catarina de Siena, Gerhard de Groote, Tomás de Kempis.

Bernardo de Claraval (1090 – 1153) foi o grande propulsor da reforma cisterciense¹⁷⁰, sua vida devota tornou-se referencial, a fama de sua devoção atraiu multidões ao movimento cisterciense¹⁷¹, no entanto, sua atividade não restringiu-se à vida monástica, na França atendendo a uma convocação real recebeu a responsabilidade de decidir quem era o verdadeiro papa, decidindo a favor de Inocêncio,¹⁷² o não envolvimento político de Bernardo (em busca de poder, fama ou prestígio) e por conceber o Papa como sucessor de Cristo, evidenciaram-se quando Inocêncio visitou a abadia de Claraval e foi recebido de forma simples, sem ostentações.

“Ali não ressoaram os sinos, nem os monges se vestiram de gala, não havia brilho de ouro. Pelo contrário, tudo seguiu seu curso, e se conta que muitos monges sequer levantaram a vista do sólo para ver o Papa. A pompa era necessária para impressionar os senhores do mundo. Porém os monges de Claraval não necessitavam dela para honrar ao sucessor de um pescador galileu, ao representante do carpinteiro que entrou em Jerusalém montado sobre um asno.”¹⁷³

¹⁶⁸ CAIRNS, E. E., *O cristianismo através dos séculos*, p. 126

¹⁶⁹ Ibid., p. 203

¹⁷⁰ VELASCO, J. M., *El fenómeno místico*, Madri: Trota, 1999, p. 215

¹⁷¹ Citeaux: de cujo nome latino, Cistercium deriva o termo cisterciense.

¹⁷² GONZALES, J., *História del Cristianismo I*, p. 446

¹⁷³ GONZALES, J., *História del Cristianismo I*, p. 446

Este ato que não deve ser visto como desprezo, ou falta de reconhecimento à autoridade papal, nos remete a uma essência maior, que era interpeladora ainda que pudesse não ser compreendida: como associar luxo, riqueza, e ostentação de poder com Jesus de Nazaré? Onde se encaixariam os valores transmitidos por Ele nesse contexto? Não foi um ato revolucionário, mas um ato de protesto ou discordância. Indicação de que a Igreja institucional continuava distante de sua identidade.

Francisco de Assis (1182 – 1226) era também uma voz profética em seu tempo, sua vocação leva-o a renunciar aos bens familiares, sua adesão aos pobres, seu cuidado com os enfermos, demonstram claramente sua santidade e devoção a Deus, seguindo em direção oposta à igreja institucional. Não buscava reconhecimento, não deseja fundar nenhuma nova ordem religiosa, seu desejo era apenas servir, e aqueles que desejavam aderir a seu modo de vida eram proibidos de receber qualquer espécie de remuneração¹⁷⁴.

Optou pela vida fora do mosteiro a fim de que pudesse juntamente com seus discípulos ir ao encontro daqueles que necessitavam. Em seu encontro com Inocêncio III, recebeu permissão oral para pregar, com a condição de que questões dogmáticas não fossem abordadas. Sua dedicação a Deus bem como seu estilo de vida produziram a transformação de centenas de pessoas em todo mundo mesmo após sua morte. A vida de Francisco poderia ter sido percebida pela igreja institucional como um sinal de quão distante se encontrava da simplicidade do evangelho, demonstra também que a força de uma vida consagrada produz resultados reais que beneficiam a promoção do Reino de Deus, o que difere totalmente dos resultados produzidos pelos jogos de poder.

O pobre de Assis era uma voz profética em seu tempo. Francisco ainda que destituído de poder humano, temporal, conseguiu juntamente com seus seguidores, apresentar ao mundo de seu tempo uma visão muito mais aproximada do ideal de Cristo, os desdobramentos de sua vida e obra permanecem até nossos dias.

Na vida de Catarina de Siena (1347 – 1380), podemos perceber também de forma nítida, a ação de Deus em prol da humanidade e de sua Igreja. Em razão de sua vida devotada a Deus, suas experiências místicas nos revelam uma

¹⁷⁴ HERRERO, J.S., *História de la iglesia II. Edad Media*, Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005 p. 384

espiritualidade humanizadora, que não se aparta da Igreja ainda que em sua forma institucionalizada. Duas vertentes podem então ser enfocadas: a dedicação de Catarina ao ensino, serviço aos pobres e enfermos; e seu empenho pela restauração interna na Igreja.

O empenho de Catarina pelo retorno do Papa a Roma, é uma clara demonstração do desejo de restauração da Igreja como povo de Deus e corpo de Cristo. A permanência do Papa em Avignon, independente dos motivos pelo qual lá se encontrava, não era a vontade de Deus. A afirmação de Catarina neste aspecto, além de ser uma revelação que ela afirmava ter recebido, era também coerente em relação às circunstâncias vividas naquele momento.

A manutenção dos papas em Avignon requeria amplos recursos economicos para manutenção de uma vida luxuosa; a indisposição dos fiéis em contribuir voluntariamente fez com que um sistema de tributação fosse instituído para este fim. Nesse momento, faltava à Igreja instituída coragem para ser Igreja de Cristo não apenas de forma nominal. A estrutura da Igreja encontrava-se comprometida, o que faziam os Papas também faziam os bispos e arcebispos. O povo era explorado, havia ainda o pluralismo¹⁷⁵, o nepotismo, as indulgências, a simonia¹⁷⁶ e o absentismo¹⁷⁷ como fonte de recursos para a manutenção de uma vida luxuosa, contrastando de forma drástica com a verdadeira identidade da Igreja.

Gerhard de Groot (1340 – 1384) – foi o fundador dos Irmãos de vida comum. Educado em Paris, consagrou-se a uma vida de devoção e simplicidade. Condenou abertamente a mundanidade da Igreja, sendo por este motivo censurado pelo Bispo de Utrech. Reuniu-se nas terras do Reno, com seguidores que tinham dedicação semelhante a sua, para uma forma mais radical de vida cristã, sem clausura e nem estabilidade. Dedicavam-se ao cultivo de uma vida interior¹⁷⁸.

Em 1374 doou a casa que havia herdado de seu pai em Deventer, para ser abrigo para viúvas e mulhres solteiras¹⁷⁹. Sua formação espiritual incluía estudo, meditação e uma intenção cosnciente de imitar a Cristo. Tomás de Kempis, Nicolás de Cusa e Desidério Erasmo foram influenciados por este grupo.

¹⁷⁵ A nomeação para vários cargos, sem que nenhum deles fosse de fato assumido.

¹⁷⁶ Venda de cargos eclesiásticos: Recebe esse nome pelo fato de Simão (Cf. At. 8, 18) o mágico ter sido o primeiro a desejar comprar o dom de Deus.

¹⁷⁷ Ausência – Ocupar um cargo e residir em outro lugar.

¹⁷⁸ SANTIDRIÁN, P. R. *Breve dicionário de pensadores cristãos*, Aparecida: Santuário, 1997, p. 548

¹⁷⁹ SCHAFF, P. *History of the Christian Church, volume VI: The Middle Ages. A.D. 1294-1517*, Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2002, p. 228

Os irmãos de vida comum, constituem a elite daqueles fieis que, não possuindo vocação monástica e que não desejando integrar-se as ordens religiosas, buscavam viver de forma intensa a vida cristã¹⁸⁰.

Tomás de Kempis (1380 - 1471) - Os irmãos de vida común, buscavam no desenvolvimento da espiritualidade, uma forma de vida mais assemelhada à Cristo. Contrastavam em sua maneira de viver, com os valores priorizados na vida social. A obra inicia da por Gerhard de Groote, teve a participação de Tomás de Kempis que escreveu o livro *Imitação de Cristo*, um livro que exalta as práticas morais, propondo a separação do mundo e desprezo pela ciência vã, já que não é capaz de produzir frutos de piedade.

O que podemos observar na vida dos místicos, é que em sua aproximação com Deus, não procuravam apenas as experiência do Sagrado, ou um fator de diferenciação social, mas uma espiritualidade prática, que os levava a se importar com seu tempo atuando na sociedade na qual estavam inseridos. Tornaram-se mais humanos, não buscavam glória, mas servir, as experiências interiores abriram seus olhos para o mundo, ofereceram suas vidas para que através delas Deus pudesse estar presente entre os homens.

O movimento místico, a forma clássica de piedade católica, decorreu de uma reação contra o ritual sacerdotal formal e mecânico e contra o escolasticismo árido da Igreja de seu tempo. Refletiu a tendência constante para o aspecto subjetivo do cristianismo que sempre se manifesta quando se acentua demais os atos externos de adoração crista. Neste sentido, o misticismo pode ser visto como antecipador do toque mais pessoal da religião que seria uma das características fundamentais da Reforma.¹⁸¹

3.3.3. Os movimentos reformadores (Séc. XVI)

Acerca da Reforma Protestante, nosso objetivo nesse trabalho não é abordar as diversas conjecturas que contribuíram para seu acontecimento histórico, mas pontuar algumas manifestações que lhe antecederam que visavam resgatar sua identidade como povo de Deus. Assim como na história de Israel, a Igreja como povo de Deus em sua continuidade histórica, enfrentou e enfrentará desafios

¹⁸⁰ HERRERO, J. S. *História de la iglesia II. Edad Media*, p. 518

¹⁸¹ CAIRNS, E. E., *o cristianismo através dos séculos*, p. 204

internos e externos, avivamentos e arrefecimentos, que fornecerão ensinamentos em direção ao seu aperfeiçoamento.

A busca de resignificação da Igreja como povo de Deus, de restauração e preservação de sua identidade, é decorrente de sua missão escatológica, de ser quem ela é, e de sua vinculação à pessoa de Cristo. Quando os valores da igreja deixam de ser os valores de Cristo, já não há missão à cumprir, o sal torna-se insípido. Sua razão de ser torna-se questionável.

Se durante o monasticismo, são buscados elementos que evidenciam uma clara identificação entre Cristo e seu povo, representado pelos que adotavam a vida monástica, institucionalmente a igreja evolui perdendo gradativamente sua identidade cristocêntrica: envolvimento político, violência, disputas internas pelo poder, nepotismo, simonia, absentismo, a vida luxuosa de seus líderes, e principalmente o Cativo e o Grande Cisma, desfiguram a igreja institucional tornando-a semelhante ao mundo com o qual deveria contrastar. Sua credibilidade torna-se duvidosa em razão da incoerência entre práxis e discurso. O desejo de recondução da igreja a sua identidade, gerou movimentos que buscavam uma reforma interna da Igreja.

As coligações políticas entre Estados soberanos, envolvem até nossos dias articulações que visam resguardar interesses mútuos, e que em muitos casos privilegiam normalmente as classes dominantes, concessões e cobranças funcionam como instrumento de troca dentro de toda estrutura de poder. Na Idade Média, embora a Igreja não fosse um Estado soberano, sua influência, em meio às nações-estado existentes havia se tornado extremamente proeminente, o poder papal era de fato um poder capaz de intervir na história, chegando em determinados momentos a estar acima do poder monárquico.

Envolvida em meio ao poder, a Igreja e a autoridade papal, tornaram-se fonte de interesse e instrumento de domínio, recebendo em troca concessões e benefícios, que tornaram-se geradores de disputas internas e externas. Ainda assim, podemos estabelecer um paralelo de idéias, com a história de Israel durante o governo de Acab, quando Elias segundo o relato bíblico pensava ser o último profeta restante (1Rs. 19, 14). Paulo utiliza-se desta história para afirmar a existência de um remanescente fiel (Rm 11,5): dessa forma, não podemos esquecer a origem divina da Igreja, e que mesmo em meio a avanços e retrocessos

continuará sendo povo de Deus e que ao longo de sua história sempre existirão fieis.

Como afirma J. Fuellenbach a profecia permaneceu viva na igreja e em constante tensão com a Igreja institucional. Uma igreja menos preocupada com o poder, e mais suscetível ao Espírito se constituiria de fato em sacramento. Seria capaz de transmitir a verdadeira imagem de Cristo, conseguiria mesmo em meio às imperfeições humanas cumprir de forma mais eficiente sua vocação.

Por esse motivo, nosso olhar não se transfere de forma repentina para o Monge Agostiniano Martinho Lutero fixando suas Teses em Wittenberg, precisamos nos lembrar que o anseio pela unidade da Igreja e pela restauração de sua identidade com Cristo não era uma oposição a Igreja institucional ou uma oposição a sua hierarquia, mas de um desejo de retorno às suas origens, na simplicidade e no amor expressos pela vida de Jesus, na vivência da graça. Desejo compartilhado, por outros que antecederam a Lutero. Seja através de palavras ou atos, Cristãos devotados à causa de Cristo, que através dos movimentos reformadores deixaram suas marcas ao longo da história eclesiástica.

Os místicos tinham tentado tornar pessoal a religião, mas os reformadores, como Wyclif, Huss e Savonarola empenharam-se mais numa tentativa de fazer a Igreja voltar ao ideal do Novo Testamento. Wyclif e Huss foram capazes de capitalizar o sentimento nacionalista anti-papal durante o período do Cativo babilônico quando o papa residia em Avignon.¹⁸²

Além dos místicos, haviam movimentos reformadores que originaram-se no meio acadêmico: Wyclif na Universidade de Oxford, Huss na Universidade de Praga, e Savonarola em Florença. Suas idéias difundidas não apenas por eles, mas também por pregadores fervorosos expunham a situação vigente e encontraram eco entre a população pobre e a classe operária.¹⁸³

No Renascimento a Reforma surgiu como reivindicação de determinados grupos frente ao Pontificado. Não era apenas uma acusação. Arrastavam consigo uma onda de sentimentos e posturas em que expunham os abusos cometidos pela Curia Romana em cada país: o senhorio no qual estava atrelada a economia eclesiástica; o aparato institucional da Igreja e sua prática sacramental que deveriam ser substituídos por uma eclesiologia puramente espiritual e interior; a teologia escolástica como elucubração teórica frente a única verdade contida na Bíblia; o governo monárquico do pontificado considerado despótico. Essas reivindicações, iniciadas por mestres universitários e difundidas por pregadores fervorosos,

¹⁸² CAIRNS, E.E., *o Cristianismo através dos séculos*, p. 204

¹⁸³ GONZÁLES, J., *História del cristianismo*, Vol. 1 p. 521

penetraram fortemente nas classes populares, para as quais não houve resposta moral, apenas condenação oficial.¹⁸⁴

Wyclif possuía lógica e erudição reconhecida por todos, era inflexível e disposto a seguir seus argumentos até às últimas consequências. Dedicou-se ao serviço da coroa argumentando a favor desta, em razão das tensões existentes acerca dos impostos, atacou a teoria da qual o poder temporal deriva do espiritual. O Grande Cisma e a questão do senhorio fizeram com que Wyclif assumisse posições cada vez mais ousadas. Eram questões que de fato deixavam de ser apenas acadêmicas, mas que eram também razão de descontentamento em meio ao povo.

Suas posições no entanto incomodavam também aos nobres já que suas declarações falavam sobre limites de poder do Papa, mas também do Estado. Dentre sua doutrinas constam:

- Não a outro senhorio a não ser o de Deus;
- O senhorio que existe para seu benefício próprio é usurpação;
- Se a autoridade papal existe para impor impostos para seu próprio bem estar ela é ilegítima;
- A autoridade das escrituras acima do poder Papal;
- Rejeição à doutrina da transubstanciação – porque parecia contradizer a doutrina da encarnação: quando o verbo se encarnou, se uniu a um homem, essa união não destruiu a humanidade de Jesus Cristo. Afirmava que Cristo espiritualmente estava presente no sacramento.
- Fomentou a tradução da Bíblia para o vernáculo.

As doutrinas de Wyclif foram difundidas entre os aristocratas pelos lolardos, que posteriormente difundiram seus ensinamentos entre o povo percorrendo o país pregando.

Com idéias similares, John Huss se propôs a reformar a Igreja na Boêmia, sua pregação propagou-se em um momento, em que havia um sentimento nacionalista contra o controle da Boêmia pelo Sacro Império Romano principalmente em razão da simonia e da corrupção moral. Muitos reis boêmios haviam limitado o poder da hierarquia eclesiástica e apoiavam o movimento de reforma. Acerca J. Huss Timothy George fez a seguinte afirmação:

¹⁸⁴ ORO, J. G. *Historia de la iglesia III: Edad Moderna*, Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005 p. 68

Insistia, entretanto, que os sacerdotes e os papas perversos – presumivelmente entre os *praesciti*, com base no princípio de “pelos frutos os conhecereis” – não deveriam ser obedecidos.¹⁸⁵

A luta dos reformadores não era uma busca de separação, ou invalidação da autoridade papal, mas uma busca pela identidade da verdadeira igreja. Os elementos distoantes que roubavam-lhe a autoridade profética precisavam ser estirpados para o resgate de sua verdadeira identidade. Fuellenbach e Leonardo Boff fazem duas afirmações propícias acerca da Reforma:

A vontade de estabelecer critério da verdadeira Igreja nasce de um contexto de polêmicas e de uma verdadeira concorrência confessional: em que grupo se realiza a verdadeira Igreja de Cristo? Como discernir a verdadeira da falsa Igreja? Esta questão se tornou crucial no século XVI nas controvérsias eclesiológicas com Huss e Lutero.¹⁸⁶

A história da Reforma poderia ter sido diferente se a Igreja estivesse aberta ao Espírito profético da época.¹⁸⁷

3.3.4. Renascença e reforma.

Paralelamente aos movimentos reformadores, a Europa, vivia um momento que contribuiu de forma decisiva para a reforma, nos séculos 14, 15 e 16 produziu-se um despertar da consciência humana, que provocou mudanças tão profundas que foi chamado de renascimento ou renascença. Uma era de progresso, descobertas e conquistas. As grandes navegações, a descoberta do Sistema Solar por Copérnico, a invenção da imprensa (1450). Proporcionaram a humanidade adentrar a uma nova realidade, informação e de conhecimento..

Insuflados por essa nova mentalidade, o mundo aspirava por algo mais. E nesse aspecto, a Renascença descortinava, possibilidades até então impensadas em todos os aspectos, a disseminação da língua grega possibilitou a leitura do Novo Testamento, muitos humanistas, como eram conhecidos os estudiosos dessa renovação cultural, tomaram-se reformadores. Isso se verificou especialmente na Alemanha, França e Inglaterra. João Colet, de Oxford e Erasmo, representam esse resultado religioso do Reavivamento da Cultura.

¹⁸⁵ GEORGE, T. *Teologia dos reformadores*, São Paulo: Vida Nova, 1993, p.38

¹⁸⁶ BOFF, L., *Igreja Carisma e poder*, p. 186

¹⁸⁷ FUELLENBACH, J., *Igreja comunidade para o reino*. P. 197

Os humanistas interessados, no problema religioso fortaleceram grandemente o espírito da reforma na Igreja. Eles também provocaram um grande interesse pelo estudo da Bíblia, contribuindo para a formação de leitores, e indagadores das Escrituras para uma forma de religião mais verdadeira. Finalmente, todo o movimento da Renascença, por sua influência na elevação da mente humana, fomentou o uso da razão. Ela foi uma poderosa precursora da renovação que se aproximava das ideias religiosas. Sem a Renascença a Reforma não teria ocorrido.

A Reforma protestante insere-se na busca da recuperação da identidade da igreja, não tentando reproduzir a realidade do primeiro século, mas uma identidade à semelhança de Cristo adequada à idade média. Podemos perceber, que a igreja enquanto organismo vivo precisa adequar-se a realidade de cada fase da história humana, fazendo-se presente trazendo a realidade à presença de Cristo.

4

Povo de Deus em uma sociedade pós-moderna

Na história das sociedades, os momentos de transição são geradores de sentimentos de ansiedade, de uma certa tensão e de variadas expectativas. Afinal somos fruto de uma formação racionalista, que acostumou-se a trabalhar com conceitos pré-definidos, e modelos explicativos, para todos os fatos que nos envolvem.

Na análise do momento vivido pela sociedade hodierna, diversos pensadores sociais tem apresentado múltiplas abordagens e visões do momento de transição que vivemos. Ao introduzir este capítulo utilizo o pensamento de Michel Maffesoli¹⁸⁸, pelo convite que nos faz a reflexões mais aprofundadas, não realizando apenas uma abordagem conceitual, contribuindo para que saindo das nuvens negras da incerteza, possamos desenvolver uma melhor compreensão desta nova configuração social que gradativamente se apresenta.

4.1. Para compreender a Pós-modernidade

A fim de compreendermos a pós-modernidade, inicialmente abordaremos a necessidade de uma correta atitude aproximativa, é uma atitude de despojamento de visão negativa, ideias pré-concebidas e desesperança. Embora a presente pesquisa tenha caráter acadêmico, tal fato não significa um distanciamento insensível de uma realidade na qual estamos inseridos.

Procuraremos também ainda que de forma sintética abordar o fio condutor filosófico que conduz a esse momento, sem a pretensão de um detalhamento histórico ou cronológico, apenas buscando compreender que a realidade social de hoje é resultante de articulações, conexões e desdobramentos, que se processam ao longo da história, na qual estamos envolvidos.

E finalmente nos utilizaremos da visão de diferentes pensadores que embora não sejam unânimes ao nomear este momento social em que vivemos,

¹⁸⁸ MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*, Petrópolis: Vozes, 1998.

compactuam da percepção comum de que mudanças estão se processando, e que diferem do que foi experienciado na modernidade.

4.1.1. Aproximação da realidade pós-moderna

A forma como realizamos a abordagem de qualquer assunto, é sempre crucial para os resultados de nossa tentativa de compreensão. O pensamento de M. Maffesoli é profícuo, por não realizar apenas a exposição de uma conclusão, mas pela contribuição para a compreensão.

M. Maffesoli inicia seu livro *Elogio da razão sensível*, de forma muito propícia convidando-nos a saída, ao recuo para que possamos circunscrever¹⁸⁹ esta nova socialidade emergente. Nosso olhar que busca essa circunscrição, não pode e não deve dar-se a partir de nosso padrão formativo racional, com nossos conceitos pré-estabelecidos, precisamos nos permitir um reaprendizado interpretativo, o recuar que Maffesoli se refere não é isolacionista ou distante, é um recuar em nossas idéias pré-concebidas permitindo-nos uma aproximação em abertura a este novo momento. Essa mesma forma de abordar o atual momento é compartilhado por Victor Codina:

[...]. Porém as vezes se experimenta uma ruptura epistemológica com o que foi anteriormente aprendido, há uma mudança de paradigma que nos obriga a abrimos a algo qualitativamente novo, inesperado, que não se pode justapor ao anterior. Isto que sucede em momentos de grandes mudanças culturais, acontece também dentro da igreja. Neste caso é preciso começar por desaprender o que até agora foi aprendido e abrir-se a novidade e reaprender.[...] ¹⁹⁰

A correta atitude aproximativa, torna-se necessária pelo fato de que momentos de transição, produzem percepções capazes de gerar diferentes sensações emocionais: tensão, ansiedade, preocupação excessiva e etc. Podem também proporcionar expectativas positivas, por seu conteúdo desafiador, que nos possibilitam avançar e contribuir para construção de uma sociedade melhor. Essas diferentes percepções são explicadas pelo filósofo Olinto Pegoraro:

¹⁸⁹ MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*, p. 8.

¹⁹⁰ CODINA, V. *Desaprender, uma tarefa Cristiana urgente*. www.buenastareas.com/ensayos/aprender-a-desaprender/3900623.html, acessado em 12/03/2013.

“Ademais, o olhar sobre a civilização é sempre um indivíduo que observa, analisa e tira conclusões; isto é, trata-se de uma elaboração subjetiva, pessimista ou otimista, segundo a ótica e os humores de cada intérprete.”¹⁹¹

Outro ponto que desperta nossa atenção, é que na pós-modernidade o “saber” não é fundamentalista, é um saber que se constrói na união de diversos saberes que passa pelo senso comum, pela vivência comunitária é uma atitude realmente dialógica. A utilização de novos paradigmas para a compreensão da sociedade nascente, torna-se então imprescindível, já que os paradigmas da modernidade mostram-se inadequados, para responder aos questionamentos da pós-modernidade. Dessa forma nossa cosmovisão será atualizada adequada ao nosso tempo. Segundo Olinto A. Pegoraro essa construção deve desenvolver-se da seguinte forma:

Para se construir uma *Weltanschauung*¹⁹² [...] é necessário o diálogo de convivência crítica entre os principais saberes, [...] *Weltanschauung* não é a soma das informações produzidas por estas ciências, mas a formação de uma visão geral do mundo, do homem e da história numa determinada época da civilização; assim, a época grega construiu uma imagem ético-metafísica do mundo; a Idade Média propôs uma imagem teológica criacionista da natureza, do homem e da história; em nossos dias prevalece a imagem tecnocientífica.

Portanto, uma boa noção de *Weltanschauung* é a passagem dos saberes restritos para uma visão de conjunto mais elevada e global: é uma intuição, um *insight* que “amarra” todos os saberes num só “olhar”, num só conceito metafísico, teológico ou tecnocientífico. [...] nossas ciências pontuais, podem integrar-se num saber mais alto [...].¹⁹³

¹⁹¹ PEGORARO, O, *Freud, Ética & Metafísica: O que ele não explicou*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 17-18.

¹⁹² Segundo Fabiano de Almeida Oliveira em Reflexões críticas sobre weltanschauung significa: a orientação fundamental do coração, que se manifesta na integralidade da experiência humana através da apreensão pré-discursiva, tácita e abrangente da realidade, configurando um campo hermenêutico de significado por meio do qual a *vida-no-mundo* é interpretada imediata e intuitivamente, podendo ser articulada discursivamente através de conceitos e sistemas teóricos de pensamento. *Weltanschauung* é o estofado de toda manifestação cultural e pode ser expressa esquematicamente como consistindo de camadas ou matrizes sobrepostas de motivações, pressupostos, crenças, compromissos, certezas e idéias por meio das quais se experiência e se interpreta a realidade desde o nível subjetivo-privado ao nível objetivo-institucional compartilhado pela sociedade. Sendo assim, é possível postular, também, que a aceitação ou aderência a toda forma possível de ideologia, teoria e “crença justificada” se deve, antes de tudo, a um compartilhamento de interesses e motivações comuns – quando seus pressupostos fazem sentido dentro do campo hermenêutico (*Weltanschauung*) no qual o indivíduo se encontra imerso –, e a maior responsável em amalgamar estes interesses e motivações de diferentes grupos sociais em torno de objetivos comuns é a “*Weltanschauung* primordial”, a matriz hermenêutica primária, ou como diria Dooyeweerd, os “motivos básicos religiosos” resultantes do substrato fundamental da subjetividade humana, o coração.

¹⁹³ PEGORARO, O.A., *Freud, ética & Metafísica: O que ele não explicou*. p. 55-56.

Essa união de diversos saberes, deverá ser vista como uma atitude aproximativa, em que a alteridade se realiza, gerando enriquecimento mútuo. Entendemos que o estabelecimento de novos paradigmas, não acontece de forma imediata, e a ausência destes ou modificação, podem em um primeiro momento desnortear nossa caminhada. O que nos levará a uma atitude criativa ou adaptativa para nossa própria sobrevivência, assim tem sido ao longo da história.

Uma mudança de paradigmas, não significa uma ruptura com nosso passado ou com quem somos, mas uma nova maneira de analisar os fatos que se processam entre nós principalmente no que diz respeito às relações humanas: familiares, afetivas, institucionais (igreja, escola), lazer, relações virtuais e religiosas. Viver em uma nova realidade paradigmática, não significa concordar com tudo ou olhar com uma mórbida apatia, continuamos como diz o apóstolo Paulo a utilizar nossa capacidade de discernimento entre licitude e conveniência¹⁹⁴.

Nesse novo paradigma não ocorre uma abdicação do intelecto, mas um intelecto permeado pela sensibilidade. Unindo o intelecto à sensibilidade podemos então nos aproximar com uma condição ampliada de compreensão, onde extrapolamos os modelos formatados que fracassaram tanto no sistema capitalista como no socialista.

A pós-modernidade não é uma criação humana, mas uma evolução da sociedade moderna, que com seus conceitos racionais duros, abdicou da compreensão que envolve sensibilidade, sombra e luz entremeados onde o dever ser é substituído pelo deixar ser¹⁹⁵. Tal posicionamento, reflete aceitação e liberdade de expressão. Onde essas atitudes estão presentes temos, como resultado a autenticidade. Pessoas de fato serão o que são e não o que queremos que elas sejam. O pós-moderno é também uma consequência, do aumento da consciência política entre os cidadãos, e da demanda por mais cidadania, e por inclusão nas decisões, particularmente naquelas concernentes à direção e ao interesse de grupos bem formados.

No âmbito da pastoral tais abordagens somam-se à intelectualidade e ao dogma, porque estes não podem subsistir na clausura que se distancia. Nosso novo posicionamento, nos permite pensar o dogma em diálogo o que não implica em

¹⁹⁴ BIBLIA, português, N.T. 1ª Cor 10, 23

¹⁹⁵ MAFESOLI, M. *Elogio a razão sensível*, p. 32

uma perda de sentido ou esvaziamento, embora existam verdades inegociáveis no cristianismo, mas pensar dialogicamente produz aproximação da verdadeira práxis cristã do Jesus "kenótico".

Nessa nova configuração indivíduos são verdadeiramente indivíduos, e não simples peças do jogo social, pois na pós-modernidade tornamo-nos observadores sociais sem posição impositiva, como parte integrante do objeto estudado o que nos permite captar pelo menos em parte suas razões subjetivas.¹⁹⁶ É nesse sentido, que M. Maffesoli em sua abordagem da pós-modernidade, fornece-nos subsídios para uma pastoral pertinente ao nosso tempo, retirando-nos de uma visão meramente pessimista, para uma visão de possibilidades.

A pós-modernidade faz parte de um fluxo, como um rio no qual podemos aprender a navegar.

4.1.2. Evolução e transição

A civilização continua a crescer, quando sua resposta bem-sucedida ao desafio inicial, gera um ímpeto cultural que leva a sociedade, para além de um estado de equilíbrio, que então se rompe e se apresenta como um novo desafio. Desse modo, o padrão inicial de desafio e resposta é repetido em sucessivas fases de crescimento, pois cada resposta bem sucedida produz um desequilíbrio que requer novos ajustes criativos.¹⁹⁷

A citação acima de Fritjof Capra, expressa o pensamento que desenvolveremos neste tópico. Em nossa busca pela compreensão da pós-modernidade, faz-se necessária não apenas sua conceituação, mas a apresentação do pensamento predominante em períodos históricos, que culminam com a mentalidade pós-moderna. Matizando-os a partir do Renascimento e durante o período subsequente, o Iluminismo e Modernidade.

O Renascimento (séculos XIV a XVII) – É um período de transformações de grande significado e impacto na história, levando-se em conta valores e crenças que lhe eram subjacentes. A relevância dessas transformações, deve-se sobretudo a sua abrangência holística, que a mudança na perspectiva do relacionamento Deus x homem ocasionou. Até então a realidade vivida no período que antecede ao Renascimento, estabelecia a posição central ocupada pela divindade.

¹⁹⁶ MAFFESOLI, M., *Elogio a razão sensível*, p. 105

¹⁹⁷ CAPRA, F., *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982 p. 25

Situar Deus no centro da vida, era possuir uma perspectiva transcendental da existência, onde o homem atuava de forma coadjuvante. O pensamento religioso fazia com que de forma predominante, a individualidade, as relações humanas e a política gravitassem em torno da “vontade de Deus”. Pertencia a Igreja a palavra final em todas essas questões, embora não se constituíssem em uma sociedade teocêntrica.

No Iluminismo o homem deixa de ocupar uma posição periférica, é revalorizado, sua autonomia identificada. Nessa nova configuração estabelece-se também uma nova cosmovisão, agora antropológica. Ocorre um renascimento do desenvolvimento cultural e do aprendizado, os pensadores renascentistas que eram também humanistas, haviam aderido aos valores humanos manifestos nos escritos clássicos. Essa nova abordagem gera um deslocamento gradual na posição ocupada pelo homem. Klaas Woortmann a respeito da transição deste momento, cita Minois:

O humanismo triunfante e sua virtude enervante – no sentido etimológico – ganha as mais altas esferas do clero, inclusive os papas. As preocupações intelectuais se sobrepõem às exigências espirituais e dogmáticas, o saber sobre o agir, as veleidades sobre as decisões. O imenso apetite de cultura inverte os limites impostos pela fé dos séculos precedentes. O espírito se abre a todos os domínios do conhecimento humano; os exclusivos recuam. O mundo dos intelectuais começa a se instalar no terreno, com uma retomada de admiração pelas antigas obras pagãs, um desejo de usufruir os bens presentes e um otimismo sorridente para o futuro, que os engenheiros já povoam de máquinas fantásticas que tornarão a vida mais agradável. O Céu não é esquecido, por certo, mas, por enquanto, não há pressa¹⁹⁸

Iluminismo e Modernidade

É o surgimento de um novo universo teórico, que proporcionará o desenvolvimento do racionalismo, o adentrar a uma nova transição, o Século das Luzes. Nesse novo momento de transição, Francis Bacon afirma que através da ciência o homem seria dotado de poder e dominaria a natureza¹⁹⁹. A supremacia da razão desenvolve-se aliada ao empirismo, diante dessas possibilidades o homem assume a posição central que antes era ocupada por Deus, o pensamento iluminista desenvolveu-se principalmente através de Locke, Descartes e Hume. O

¹⁹⁸ WOORTMANN, K., *Religião e ciência no renascimento*. Brasília: Universidade de Brasília, 1996, p. 5

¹⁹⁹ GRENZ, S.J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. São Paulo, Vida Nova, 1997, p. 95

Iluminismo ocorre na Idade Moderna que é definida por Giddens da seguinte forma:

Estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Isto associa a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial.²⁰⁰

Usufruindo das mudanças que se processaram durante o Renascimento, o Iluminismo consolidou a posição do homem como indivíduo²⁰¹ autônomo, possuindo consciência própria, passa a reconhecer-se como agente responsável. Essa nova condição emancipada, faz do homem protagonista de sua história deve utilizar a razão, e adquirir conhecimento e desvencilhar-se das superstições que lhe mantinham subjugado.

Após a queda do feudalismo, o mundo tornou-se capitalista. Nessa nova realidade a produtividade tornou-se a força propulsora do progresso, e o trabalho humano foi transformado em mercadoria. Para que níveis elevados de produtividade pudessem ser implementados, a fim de que o sistema pudesse apresentar sua real eficiência e superioridade gerando lucros, foi necessário implementar a disciplina, a organização e a busca constante por novas tecnologias de produção.

O capitalismo encontra no racionalismo o paradigma propício, para sua expansão. Distanciando-se da visão inicial de Bacon que buscava dominar a natureza para o bem estar da humanidade, gradativamente ao longo da história, transforma-se em um racionalismo de dominação e exploração, procurando formular leis relativas ao comportamento humano e à ação²⁰². Uma concepção egocêntrica que passa a permear o pensamento moderno: dominação, competição e ganho. Desta forma, o homem pré-moderno, anteriormente subjugado pela

²⁰⁰ GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*, São Paulo: UNESP, 1991 p. 8

²⁰¹ O surgimento das noções de **individualidade**, no sentido moderno, pode ser relacionado com a dissolução da ordem social, econômica e religiosa medieval. No movimento geral contra o feudalismo, houve uma nova ênfase na existência pessoal do homem sobre e para além do seu lugar ou função em uma rígida sociedade hierárquica. No protestantismo, também houve uma ênfase na relação direta e individual do homem com Deus, em oposição à relação mediada pela Igreja. Mas foi apenas no final do século XVII e no século XVIII que uma nova modalidade de análise, na lógica e na matemática, postulou o indivíduo como entidade substancial (as “mônadas” de Leibniz), da qual outras categorias, em partícula as coletivas derivavam. O pensamento político do Iluminismo seguiu principalmente este modelo. O argumento partia dos indivíduos, que tinham uma existência inicial e primária, e as leis e formas de sociedade derivavam deles: por submissão com em Hobbes; por contrato ou consentimento ou pela nova versão da lei natural, no pensamento liberal. Raymond WILLIAMS, *Palavras – Chave: um vocabulário de cultura e sociedade*, p. 229.

²⁰² GRENZ, S. J. *Pós-modernismo*. P. 96

lógica da religião, torne-se agora dominado pela lógica da razão, vivendo uma emancipação fictícia. Frente aos novos detentores de poder.

Essa competitividade será definida por Weber como cenário da vida moderna, para ele a racionalidade não é apenas o uso da razão, mas uma cosmovisão, e esta afeta todas as relações humanas: em relação à natureza, ela existe para nos servir, devemos atuar sobre ela para que ela nos forneça meios de subsistência; em relação ao outro ele é visto como competidor; o homem vê a si mesmo em sua subjetividade, o agir visando o ganho.²⁰³

Na evolução do racionalismo desenvolveram-se o cientificismo que considera o conhecimento científico como único realmente válido e o conceito mecanicista de Newton. Tais paradigmas foram aplicados à natureza e ao homem, gerando expectativas de solução para todos os problemas existentes. Essas abordagens produziram um mundo menos humano cada vez mais materialista. Capra critica a visão racionalista da seguinte forma:

A ênfase dada ao pensamento racional em nossa cultura está sintetizada no célebre enunciado de Descartes, "Cogito, ergo sum" — "Penso, logo existo" —, o que encorajou eficazmente os indivíduos ocidentais a equipararem sua identidade com sua mente racional e não com seu organismo total. Veremos que os efeitos dessa divisão entre mente e corpo são sentidos em toda a nossa cultura. Na medida em que nos retiramos para nossas mentes, esquecemos como "pensar" com nossos corpos, de que modo usá-los como agentes do conhecimento. Assim fazendo, também nos desligamos do nosso meio ambiente natural e esquecemos como comungar e cooperar com sua rica variedade de organismos vivos.²⁰⁴

As aspirações da modernidade, de que o mundo poderia ser transformado através da racionalidade e da ciência produzindo uma sociedade melhor, geraram expectativas sociais que não se cumpriram, seus ideais foram considerados utópicos. Paralelamente a sociedade tornou-se cada vez mais secularizada como diz Emile Durkheim.

Ora, se há uma verdade que a história pôs fora de dúvida, é a de que religião engloba uma porção cada vez menor da vida social. Originalmente, ela se estende a tudo; tudo o que é social, é religioso, as duas palavras são sinônimas. Depois, pouco a pouco, as funções políticas, econômicas e científicas se emancipam da função religiosa, constituem-se a parte, adquirem um caráter temporal, cada vez mais acentuado. Deus, se é que podemos nos exprimir assim, que antes estava

²⁰³ NOBRE, R. F., *Racionalidade e tragédia cultural no pensamento de Max Weber*, in *Tempo Social, Revista de Sociologia*. USP, S. Paulo, 12(2): 85-108, novembro de 2000.

²⁰⁴ CAPRA, F. *Ponto de mutação: A ciência, a Sociedade, e a Cultura emergente*. p. 30

presente em todas as relações humanas, retira-se progressivamente delas, ele abandona o homem e as suas disputas.²⁰⁵

O avanço da secularização, não significa a prevalência isolada da racionalidade de forma generalizada, a busca pelo sentido da vida não está encerrada, o homem é marcado pela angústia, não possui resposta para questões essenciais de sua existência: razão da vida, a morte, sofrimento, desigualdades ou porque estamos aqui. Uma realidade da qual não pode fugir, embora possa ocupar-se em uma variedade de atividades, que acabam por dispersar-lhe em suas reflexões existenciais desviando-se por vezes de confrontar-se com tais questões.

(...) a esperança de proporcionar a chave do sentido da vida; aclarar racionalmente, porque vivo, trabalho, sofro, me esforço, peno e morro. Uma explicação racional da existência humana que, facilmente, se articule com a pretensão de possuir a chave da história, de dispor do instrumental que proporcione, ao menos, a possibilidade de uma sociedade humana mais justa, livre e racional. O sonho ilustrado da razão como ferramenta para a construção de uma humanidade definitivamente liberada de toda superstição e de toda ignorância.²⁰⁶

Em meio a todo progresso e avanço tecnocientífico, a "Era da Razão", produziu armas de destruição em massa, o holocausto, as desigualdades se acentuam, o homem moderno desencantou-se com a sociedade moderna, pela sua ineficiência na produção de um Estado organizado, produtor de justiça, de um capitalismo civilizado, que lhe garantisse qualidade de vida. A desilusão com a modernidade produziu o pensamento pós-moderno.

A Pós-modernidade

Nas sociedades desenvolvidas, características sociais distintivas do período moderno, tornam-se cada vez mais perceptíveis, tais distinções podem ser consideradas como uma evolução ou decorrência, da cosmovisão moderna. Ou seja é preciso ver, pensar o mundo de outra forma, se na modernidade não foram alcançados os resultados pretendidos (a felicidade), seus paradigmas perdem o caráter absoluto, e tornam-se relativos, pode-se descartar o que não produziu resultados, destituindo as formas normativas de aplicação geral e dotar o indivíduo de liberdade para buscar a solução que lhe seja mais conveniente ou a sua própria felicidade, toda responsabilidade reside agora em seus ombros.

²⁰⁵ DURKHEIM, É., *Da divisão do trabalho social*, São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 151-152

²⁰⁶ MARDONES, J.M. *Hacia dónde va la religión? postmodernidad y postsecularización*, México, D.F.: Cuadernos Fé Y Cultura, Universidad Ibero Americana, 2004 p. 16

As transformações que se processam nas sociedades desenvolvidas, são inovadoras quanto aos seus postulados, mas historicamente fazem parte da dinâmica evolutiva da sociedade humana: desde os primórdios da civilização, a humanidade utiliza sua capacidade de adaptação e criação, para promover ajustes ou agir de forma criativa, visando criar condições adequadas de sobrevivência como também responder às questões existenciais, morais e sociais. Há uma constante busca de sentido, nessa dinâmica interativa de mútua influência, homem x sociedade e sociedade x homem as transformações que se processam, demandam constantemente novas análises.

Quando na antiguidade o pensamento mítico não foi capaz de responder às questões pertinentes à existência humana, a filosofia emergiu como aprofundamento da reflexão em busca de respostas plausíveis²⁰⁷. Posteriormente a religião em particular o cristianismo, assumiu não apenas a reflexão, mas também a autoridade em prover respostas e apontar caminhos, que deveriam plenificar a vida humana e o desenvolvimento social.

Sabemos no entanto, que os ideais humanos não se realizaram pelo autoridade da religião, que por sua inflexibilidade e sua força impositiva, suplantavam a criatividade e a liberdade. Mesmo considerando os fatores históricos sociais, onde a dominação pela força (injusta) esteve sempre presente, tais regimes estão fadados ao fracasso. Embora na história das civilizações, ascensão e declínio seja uma realidade inequívoca, a coerção ou a dominação terminam por insuflar a busca por mudanças. Fritjof Capra faz o seguinte comentário:

Quando estruturas sociais e padrões de comportamento tornam-se tão rígidos que a sociedade não pode mais adaptar-se a situações cambiantes, ela é incapaz de levar avante o processo criativo de evolução cultural. Entra em colapso e, finalmente, desintegra-se. Enquanto as civilizações em crescimento exibem uma variedade e versatilidade sem limites, as que estão em processo de desintegração mostram uniformidade e ausência de inventividade. A perda de flexibilidade numa sociedade em desintegração é acompanhada de uma perda geral de harmonia entre seus elementos, o que inevitavelmente leva aos desencadeamento de discórdias e à ruptura social²⁰⁸

²⁰⁷ MARCONDES, D. *Iniciação a História da Filosofia: Dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010 p.21

²⁰⁸ CAPRA, F., *Ponto de mutação*, p. 26

4.1.3. Caracterizações Pós-modernas

Podemos dizer que é um período, em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Jameson cita como uma das características pós-modernas a perda de profundidade individual, hoje as pessoas são muito mais coisas, e estão mudando constantemente o que não significa superficialidade, mas multiplicidade. Comentando acerca das diferenças entre modernidade e pós-modernidade, ele diz:

A primeira e mais evidente é o nascimento de um novo tipo de insipidez ou falta de profundidade, um novo tipo de superficialidade no sentido mais literal, talvez o traço mais formal de todos os pós-modernismos, que temos oportunidade de observar, nos mais variados contextos.²⁰⁹

O tema pós-modernidade²¹⁰ não possui uma visão ou conceituação unificada, por este motivo minha abordagem, pontuará caracterizações deste momento sob a ótica social filosófica de pensadores sociais como: Baumann, Lyotard, Lipovetsky, Giddens e Mafesolli, que contribuem para que possamos ter uma melhor compreensão do momento presente. Não é o propósito deste tópico realizar uma abordagem conclusiva ou exaustiva, mas ampliar nossa percepção do momento atual.

A hipermodernidade.

Segundo G. Lipovetsky, as mudanças sociais que vivemos não são inovadoras, mas decorrentes de um processo histórico. Segundo ele, quando Nietzsche anunciou a morte de Deus, retratava uma mudança paradigmática que ao longo da história, tornou-se perceptível pelas fragmentações de valores vigentes e a consolidação do reinado da razão. Desde então as sociedades modernas vem perdendo suas garantias, nada mais lhes dá segurança, não há sentido, e o resultado é mais angústia, mais pessimismo²¹¹ e falta de sentido.

Ninguém melhor do que Nietzsche conseguiu teorizar a angústia do homem moderno diante da “morte de Deus”. Mais nada é verdadeiro, mais nada é bom: quando os valores superiores perderam o direito de dirigir a existência, o homem ficou sozinho com a vida. Enquanto o sentimento de vazio aumenta, multiplicam-

²⁰⁹ JAMESON, F. *El posmodernismo o la lógica cultural del capitalismo avanzado*, Barcelona: Paidós Ibérica, 1991, p. 29

²¹⁰ Utilizo o tema pós-modernidade em razão de uma nítida percepção que nos permitem distingui-la da modernidade.

²¹¹ LIPOVETSKY, G. *La era del vacío: ensayos sobre el individualismo contemporáneo*. Barcelona: Anagrama, 2000, p. 36

se comportamentos inebriantes para escapar à noite de um mundo sem valor, ao abismo de falta de objetivo e de sentido.²¹²

Este sentimento expressa a realidade que se desenvolveu durante a modernidade, fazendo eclodir a pós-modernidade. Produzindo sociedades que não possuem mais fundamento teológico, e que a partir da quebra das certezas, geraram tanto na sociedade quanto nos indivíduos, um fim sistemático das perspectivas de futuro. Desde Nietzsche muitas coisas já passaram, a crise cultural atual não tem a ver somente com a ausência de Deus, a falta de referenciais faz com que se instale também um sentimento de incerteza: Na modernidade haviam referenciais que norteavam o pensamento humano, acreditava-se na democracia, na ciência, no socialismo, podia-se acreditar em valores ou ideologias que seriam capazes de proporcionar avanços ou uma sociedade melhor.

Queremos então, pontuar a realidade comportamental e filosófica da sociedade pós-moderna, não procurando abarcar toda a realidade em razão de sua própria dinâmica progressiva, mas observando pontos claramente perceptíveis e seus reflexos sociais.

Enquanto na modernidade, a razão apontava possíveis caminhos por onde trilhar, na pós-modernidade, qualquer caminho é válido ou politicamente correto. Esse novo pensar é fazer-se compreender dentro de uma lógica dedutiva: se a razão falha em responder ou mostra-se insuficiente para responder as demandas humanas, sua eficácia torna-se questionável, abrindo espaço para uma ética do vale-tudo, resultado do desengano²¹³.

Essa permissividade que não é vista apenas em adultos, capazes de relativizar seus atos e decisões, foi incorporada ao desenvolvimento infantil. Segundo Lipovetsky o capitalismo subsidia a nova sociedade e é subsidiado por ela, propagando a satisfação da vida hedonista, onde felicidade torna-se sinônimo de satisfação dos desejos, tal posicionamento torna-se incompatível com enquadramentos disciplinares, que são considerados repressores do verdadeiro desenvolvimento dos desejos individuais, por esse motivo, uma nova metodologia escolar despojada de disciplina foi implantada.²¹⁴

²¹² LIPOVETSKY, G. *A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 p. 31

²¹³ BAZAN, P.M, *Para entender La postmodernidad*, in *Selecciones de Teologia*, vol. 30 N° 118, 1991

²¹⁴ LIPOVETSKY, G., op. cit., p. 151

Como consequência, temos uma juventude narcisista com uma imensa necessidade de satisfação dos desejos o que resulta em outro desdobramento a insatisfação. Nunca o que se experiência é suficiente, a transitoriedade das emoções gera a de necessidade de mais. Por este motivo surgem novas drogas, os jovens entregam-se cada vez mais ao alcoolismo, deteriorando-se em uma busca sem fim, onde a responsabilidade é vista como algo ultrapassado.

Os ideais da modernidade sucumbiram pela incapacidade de produzir os resultados esperados. O descrédito que se instala é resultante de uma realidade diametralmente oposta: aquecimento global, crise econômica, familiar, o problema das drogas, a violência, e a fragmentação das ideologias, nem capitalismo e socialismo apresentaram soluções, não há resposta e também não há alternativa, avançamos sem saber para onde, este quadro Lipovetsky é define como era do “*hiper*”, um período posterior a pós-modernidade, neoindividualista com as seguintes caracterizações:

Hipermodernidade: uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisam adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer.

Hiperconsumo: um consumo que absorve e integra parcelas cada vez maiores da vida social; [...] se dispõe em função de fins e de critérios individuais e segundo uma lógica emotiva e hedonista que faz com que cada um consuma antes de tudo para sentir prazer.

Hipernarcisismo: época de um Narciso que toma ares de maduro, responsável, organizado, eficiente e flexível e que, dessa maneira, rompe com o Narciso dos anos pós-modernos, hedonista e libertário.²¹⁵

Acerca da questão do narcisismo há uma grande necessidade de ver e ser visto, ver para comparar, ser visto para projetar a própria imagem. As redes sociais constroem uma nova forma de relacionamento, nos quais a pessoa deixa de ser importante, sendo superada pela imagem que projeta de si mesma. James Potter Moreland, enfoca o narcisismo com o seguinte pensamento:

O narcisismo é um sentimento impróprio de obsessão pelo próprio eu pelo qual o indivíduo se move única e exclusivamente segundo o que lhe interessa e satisfaz em nível pessoal. (...) . O narcisista é superficial e considera os outros meros objetos, simples meios de alcançar seus fins egoístas.²¹⁶

²¹⁵ LIPOVETSKY, G. *Tempos hipermodernos*, São Paulo, Barcarolla, 2004 p 26.

²¹⁶ MORELAND, J.P. *O triangulo do Reino*, São Paulo, Vida, 2011 p. 189

Para Lipovetsky a pós-modernidade foi o momento em que todos os fatores limitadores da expressão individual se desintegraram, em que as estruturas socializantes perderam a autoridade. Em sua perspectiva, essas são características já ultrapassadas, sua utilização do prefixo hiper é decorrente da percepção de novas mudanças. Essa distinção feita por Lipovetsky entre pós e hiper não afetam nossa análise da conjuntura atual, nosso foco não restringe-se a conceituação, mas as caracterizações do momento no qual a igreja está inserida.

A hipermodernidade com suas características suscita questionamentos que emergem de forma premente: que mundo esta sendo construído onde as realidades comerciais são mais importantes que as espirituais? De que forma a igreja como povo de Deus pode aparecer como relevante? A essas e outras questões abordaremos no tópico igreja e pós-modernidade.

A morte dos grandes relatos ou fim das grandes certezas ideológicas

Jean-François Lyotard, destaca outra caracterização deste momento: “a morte dos grandes relatos”. Segundo ele haviam metarrelatos norteadores da modernidade sob os quais tentávamos ordenar uma grande variedade de acontecimentos: o relato Cristão da redenção, do Reino de Deus e sua consequente plenitude; relato marxista da emancipação da exploração e da alienação pela socialização do trabalho ou seja uma vitória do proletariado; relato *aufklärer*²¹⁷ da emancipação da ignorância e da servidão da ignorância e por meio do conhecimento e o igualitarismo; relato capitalista da emancipação da pobreza pelo desenvolvimento tecnoindustrial, prosperidade para todos.²¹⁸

A condição da pós-modernidade é caracterizada por uma evaporação da *grand narrative* – o “enredo” dominante por meio do qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro predizível. A perspectiva pós-

²¹⁷ Aufklärung - Os filósofos do séc. XVIII se concebiam a si mesmos como inimigos das “trevas” da ignorância e da superstição e do despotismo. Por isso, procuram situar-se no registro das Luzes ou *Razão (do *Enlightenment*, em inglês, das *Lumières*, em francês). Kant define as Luzes do iluminismo dizendo que elas são aquilo que permite ao homem sair de sua menoridade, ensinando-lhe a pensar por si mesmo e não depender de decisões do outro. “*Sapere aude!* tenha coragem de usar sua própria inteligência. Esi a divisa das Luzes.” JAPIASSÚ, H. *Dicionário básico de Filosofia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999, p. 20

²¹⁸ LYOTARD, J-F. *La posmodernidad (explicada a los niños)*, Barcelona: Gedisa, 1987 p. 36

moderna vê uma pluralidade de reivindicações heterogêneas de conhecimento, na qual a ciência não tem um lugar privilegiado.²¹⁹

A morte dos grandes relatos ou sua deslegitimação não ocorreram por opção da sociedade, sucumbiram por sua ineficiência de comprovação, sua insustentabilidade diante das interrogações sociais e científicas, não há uma certeza teleológica, sendo por este motivo classificados conforme outra mentalidade:

Selvagem, primitivo, subdesenvolvido, atrasado, alienado, feito de opiniões, de costumes, de autoridade, de preconceito, de ignorância, de ideologias. Os relatos são fábulas, lendas, mitos, bons para as mulheres e as crianças. Nos melhores casos, tentar-se-á fazer penetrar a luz neste obscurantismo, civilizar, educar, desenvolver.²²⁰

Com a morte dos grandes relatos, novos paradigmas são fomentados, torna-se contracenso avaliar a sociedade contemporânea pelos antigos padrões, por este motivo os grandes relatos fragmentam-se em pequenos relatos sob a ótica individual, a inexistência de padrões norteadores conduzem à permissividade exacerbada, a relatividade dos conceitos, estabelece-se o caos seguindo uma lógica irracional.

A crítica pós-moderna aos valores da modernidade não são infundadas, possuem uma lógica diante dos resultados incoerentes de um longo período da história humana.

Z. Bauman e a Modernidade Líquida

Z. Bauman não abdicou da expressão pós modernidade, mas paralelamente conceitua este momento contemporâneo utilizando-se de forma propícia da expressão metafórica "modernidade líquida" uma opção conceitual em claro contraste com a solidez do período moderno propriamente dito.

A fluidez é qualidade dos líquidos e dos gases. Segundo nos informa a Enciclopédia Britânica, o que os distingue dos sólidos é que "em descanso não podem sustentar uma força tangencial cortante "e, por tanto" sofrem uma continua mudança de forma quando submetidos a esta tensão.²²¹

A era da razão instituiu normas, regras e procedimentos, uma metodologia inflexível apoiada em uma lógica cartesiana e no fordismo, gerando expectativas

²¹⁹ GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*, p.9

²²⁰ LYOTARD, J-F. *O pós-moderno*, Rio de Janeiro: José Olímpio, 1991 p. 49

²²¹ BAUMAN, Z. *Modernidad líquida*, Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica de Argentina, 2001 p. 7

de resultados. Uma sociedade altamente produtiva, acerca da qual se estabeleciam pressupostos, de crescimento, melhor distribuição de renda, condições adequadas de vida. Pensava-se que algo estava sendo construído, que não se realizou, como se acordássemos de um sonho. Nesse despertar percebe-se a inveracidade da solidez do projeto moderno, o que era sólido se desvanece, a consequência do fordismo é o consumismo.

O que temos em mente é que a nossa sociedade é uma “sociedade de consumo” no sentido, similarmente profundo e fundamental, de que a sociedade dos nossos predecessores, a sociedade moderna nas suas camadas fundadoras, na sua fase industrial, era uma “sociedade de produtores”. Aquela velha sociedade moderna engajava seus membros primordialmente como produtores e soldados; a maneira como moldava seus membros, a "norma" que colocava diante de seus olhos e os instava a observar, era ditada pelo dever de desempenhar esses dois papéis. [...]. A maneira como a sociedade atual molda seus membros é ditada primeiro e acima de tudo pelo dever de desempenhar o papel de consumidor. A norma que nossa sociedade coloca para seus membros é a da capacidade e vontade de desempenhar esse papel.²²²

Neste estado "aquoso", não há estabilidade tudo é circunstancial, não há garantia de durabilidade, ao mesmo tempo, que essa situação desestabilizadora produz medo e insegurança, o indivíduo é forçado a constantes readaptações pois é a realidade de cada momento que determinará o comportamento mais adequado. O consumo se impõe como norma de inclusão e pertença social, somos identificados pela imagem que transmitimos: o que você veste, o restaurante que você frequenta, o tipo de amigos que possui e etc. A verdadeira felicidade é poder consumir sempre, a esse respeito Bauman faz a seguinte afirmação:

O valor mais característico da sociedade de consumidores, na verdade seu valor supremo, em relação ao qual todos os outros são instados a justificar seu mérito, é uma vida feliz. A sociedade de consumidores talvez seja a única na história humana a prometer felicidade na *vida terrena, aqui e agora* e a cada "agora" sucessivo. Em suma uma felicidade *instantânea e perpétua*.²²³

Essa liquidez enfatizada por Z. Bauman aplica-se também às relações humanas, os laços sociais não são garantidos e também nada garantem, existe solidão, o mundo virtual com todas as suas possibilidades interativas fragmenta os laços humanos, pode-se conectar ou desconectar a qualquer momento, é uma sociedade de consumidores mediada pelo mercado de bens de consumo. Por este

²²² BAUMAN, Z. *Globalização: As consequências humanas*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 87-88

²²³ BAUMAN, Z. , *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 p. 60

motivo a inserção nesta sociedade é viabilizada pelas marcas de pertença visíveis encontradas nas lojas (aquisição de emblemas).

E no caso de um pleito amplamente reduzido à exibição de emblemas, que começa com a aquisição de emblemas, passa pelo anúncio público de sua posse e só é considerado completo quando a posse se torna de conhecimento público, o que se traduz, por sua vez, no sentimento de "pertença".²²⁴

Neste modelo social, os consumidores convertem-se em produtos, que precisam ser expostos, vistos e consumidos. Essa luta por pertencer mediada pelo mercado, produz solidão, segregação e abandono. A identidade individual se dilui e a nova identidade é construída de acordo com os emblemas adquiridos: roupas, automóveis, férias, restaurantes e etc. Tais valores fomentados pelo marketing, tornam as necessidades humanas insaciáveis, fomentando um desejo incontrolável de consumo constante.

A. Giddens e a Globalização

Um outro fenômeno vivido concomitantemente com a pós-modernidade, é a globalização, fomentada pelo capitalismo e pelo avanço da tecnologia da informação, proporciona a interconexão social, econômica e cultural. Consequentemente, a globalização pode ser vista como difusora da pós-modernidade até mesmo nos países do terceiro mundo, onde sequer a modernidade existe como realidade social consolidada.

A pluralidade cultural do mundo globalizado, torna-se geradora de tensões sociais, entre a preservação de tradições e a necessidade de mudanças ou adequações, entre fundamentalismo e abertura ao diálogo ou tolerância, que tornam possível a inserção na aldeia global. Acerca desta realidade presente Giddens faz a seguinte consideração:

O campo de batalha do século XXI irá opor fundamentalismo à tolerância cosmopolita. Num mundo globalizante, em que informação e imagens são rotineiramente transmitidas através do mundo, estamos todos em contato com outros que pensam e vivem de maneira diferente de nós. Os cosmopolitas acolhem essa complexidade cultural com satisfação e a abraçam. Os fundamentalistas a veem como perturbadora e perigosa. Seja nos campos da religião, da identidade étnica ou do nacionalismo, eles se refugiam numa tradição renovada e purificada - e, com muita frequência, na violência.²²⁵

²²⁴ BAUMAN, Z. , *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*, p.110

²²⁵ GIDDENS, A., *Mundo em descontrole*, Rio de Janeiro: Record, 2007 p. 16

A globalização não versa apenas sobre uma integração entre nações e culturas diversificadas, ela diz respeito também ao indivíduo, a sua família, a localidade onde vive e aos seus relacionamentos, gerando consequências no que tange ao seu comportamento, aos seus valores e crenças. Embora exista de fato toda essa interação global, ou seja uma mútua influência cultural, percebe-se uma influência preponderante dos países do primeiro mundo em particular dos Estados Unidos sobre os demais, ou ainda mais acentuada do ocidente sobre o oriente.

Podemos comparar a influência americana com aquela vivenciada no primeiro século, no surgimento do movimento de Jesus, embora naquele momento histórico ocorresse uma imposição pela força da cultura Greco-romana. Em nosso tempo essa imposição realiza-se mediante a comunicação global. Essa comunicação que transmite a ideia de felicidade do mundo desenvolvido mediante o consumo e uma plena liberdade individual, possui também sua nuance positiva ao contribuir para a difusão de imagens da luta de povos por sua emancipação e a consequente libertação de opressões totalitaristas.

Sinteticamente podemos dizer que, a globalização é um mundo sem fronteiras, onde uma sinergia global acontece num intrincado relacional onde acontecimentos em um determinado ponto do mundo, geram efeitos colaterais positivos ou negativos fazendo-se sentir em outra parte.

Posso então concluir nossa compreensão pós-moderna não sucumbindo a uma visão fatalista, mas também pontuando as possibilidades deste momento. Não estamos diante de uma sociedade alienada desprovida de senso crítico ou propósito, pelo contrário podemos perceber uma maior capacidade de mobilização, o envolvimento de voluntários em questões sociais e humanitárias, e o engajamento dos grupos de causa única. Mudanças que vem ocorrendo na consciência do indivíduo e na coletividade. Podemos então pensar a relevância da igreja como povo de Deus, a mensagem do Reino e sua possibilidades no momento atual.

4.2. Igreja e Pós-modernidade

Em meio às considerações do tópico anterior, temos a existência real de um organismo vivo e pulsante: A igreja de Cristo. Essa igreja, que não apenas

atravessou a história e suas transformações, mas dela faz parte em uma constante interação, depara-se agora com um novo ambiente, no qual as transformações processam-se de forma inigualável na história da humanidade. A igreja sobreviveu às perseguições, às guerras, às transformações sociais, às crises institucionais, aos cismas e às influências políticas. Precisamos então pensar suas possibilidades, sem que sua relevância e identidade diluam-se ante esta nova fase da história humana.

4.2.1. Igreja: Povo de Deus em missão.

Podemos sintetizar a missão do povo de Deus no mundo em dois objetivos principais: anúncio e vivência ou proclamação e testemunho. Tais objetivos serão denominados por Paulo como ministério da reconciliação.²²⁶ O cumprimento deste duplo objetivo, torna-se possibilidade real a partir de três conceituações fundamentais: Identidade, mensagem e destinatários. Segundo Leonardo Boff, a correta articulação destes conceitos, propiciam à igreja o cumprimento de sua missão histórico-salvífica.

Cumpra articular numa ordem correta estes três termos. Primeiro vem o Reino como a primeira e última realidade englobando todas as demais. Depois vem o mundo como o espaço da historificação do Reino e de realização da própria Igreja. Por fim vem a Igreja como realização antecipatória e sacramental do Reino dentro do mundo e mediação para que o Reino se antecipe mais densamente no mundo. [...] a sanidade eclesiológica reside na correta relação entre Reino-mundo-Igreja, na sequência como enunciamos acima, de tal sorte que a realidade da Igreja sempre apareça na ordem do sinal concreto e histórico (do Reino e da salvação) e do instrumento (da mediação) em função de serviço salvífico ao mundo.²²⁷

De acordo com esses conceitos, para que o povo de Deus possa promover a reconciliação, deve ele próprio reconhecer-se como instrumento de reconciliação, ou seja aqueles tem experienciado a realidade do Reino anunciado e mediado por Jesus. Essa experiência nos situa no mundo como disse Leonardo Boff: espaço da historificação do Reino, e ao mesmo tempo fora dele nas palavras que João atribui a Jesus "*não são do mundo*"²²⁸. A igreja esta em uma situação contrastante que requer abertura ao diálogo como atitude aproximativa .

²²⁶ BÍBLIA, português N.T. II Cor. 5, 18-20

²²⁷ BOFF, L. *Igreja carisma e poder*, p. 20, 21

²²⁸ BÍBLIA, português Jo. 17, 14

A identidade igreja que lhe é conferida pelo acolhimento da iniciativa salvífica e pela experiência do Espírito, chamamos de reconciliação interior, que conduz em direção ao outro, à alteridade. Juan Martin Velasco diz que esta experiência religiosa, não retrai, não pertence ao âmbito privado:

"Reconciliado em seu interior, o homem religioso é capaz de assumir as tensões que constituem sua existência não como força centrífuga que ponham em perigo sua consistência senão como dinamismos confluentes, complementares que contribuem para a realização deste microcosmo, desta suma realidade que é o homem.

Porém esta reconciliação interior não é uma reconciliação privada. O homem religioso, reconciliado consigo mesmo pela aceitação de sua condição na presença dinamizadora da transcendência, está em melhores condições de viver reconciliado com os demais e cooperar com a efetiva reconciliação de todos os homens."²²⁹

A reconciliação com Deus nos retira do fechamento, nos desinstala do fundamentalismo²³⁰, para que saindo dos enquadramentos tradicionais possamos nos deixar guiar pelo *Ruah* de Deus em direção a toda humanidade visando a reconciliação de toda a criação, baseia-se no amor incondicional de Deus. Podemos então assumir a missão que comunica a mensagem do Reino.

É em Jesus que podemos apreender em plena compreensão a mensagem do Reino em sua real expressão. Ele não permite que os paradigmas de seu tempo venham a estorvar a apresentação do Pai, com sua vida desconstrói todas as barreiras até então erguidas. Vivendo a plena reconciliação com o Pai e com os homens, despoja-se de toda forma exterior de religiosidade optando por viver um Reino sem fronteiras.

O que vejo é um novo retrato de Jesus. Ele foi mais profunda e plenamente vivo que qualquer outra pessoa que conheci em minha vida, na história ou na literatura. Vejo-o apontando para algo que ele denomina "reino" de Deus, onde novas possibilidades exigem nossa consideração. Vejo-o retratado como aquele que constantemente desmontava as barreiras que separava as pessoas umas das outras. Vejo-o convidando seus seguidores a juntar-se a ele para caminharem sem temor para além daqueles limites de segurança que sempre proibem, bloqueiam ou negam nosso acesso a uma humanidade mais profunda. Talvez, sobretudo, ele seja para mim um eliminador de fronteiras, que me permite visualizar a possibilidade de

²²⁹ VELASCO, J.M., *La religion en nuestro mundo: Ensayos de fenomenología*, Salamanca: Sigueme, 1978, p 87, 88

²³⁰ Entre 1910 e 1915, em resposta as críticas bíblicas em geral e principalmente ao desafio de Charles Darwin em particular, um grupo de cristãos conservadores publicou uma série de panfletos intitulada "Os fundamentos". A partir daí o termo "fundamentalismo" entrou no vocabulário religioso como sinônimo das crenças literais dos cristãos conservadores.

minha própria humanidade atravessar minhas barreiras humanas para alcançar a divindade que sua vida revela, que de fato nós, cristãos, dizemos que ele possui.²³¹

A mensagem do Reino teocrático apresentado por Jesus, está centrada na vontade do Pai, o amor adquire primazia absoluta e incompatibiliza qualquer tipo de exclusão, evidenciando a plena manifestação da graça para toda humanidade (Tem. 2, 11), é um chamado à conversão, a uma nova condição existencial. Essa abertura que deve caracterizar a vida da Igreja, dá sentido a mensagem do Reino, é uma mensagem libertadora, descentraliza o "eu" e abre-se ao outro.

Essa descentralização, esvaziamento de si, é conseqüentemente aceitação, é permitir-se ser tocado por Deus e pelo outro em interação construtiva, é a vivência dos valores do Reino, é a liberdade integral. É dizer não a todo tipo de opressão e dominação que impede a plena expressão humana, e a exemplo de Jesus, é doação.

Por este motivo a mensagem do Reino não é proselitista, o objetivo primário não é retirar o homem de um sistema religioso inserindo-o em outro, é uma recondução a verdadeira vida, que só existe em Deus e que foi mediada por Jesus. "*Nele estava à vida, e a vida era a luz dos homens*"²³². Nesse contexto a missão da Igreja é promover a reconciliação pretendida por Deus visando a restauração da humanidade.

4.2.2. O Secularismo

A igreja está inserida no mundo pós-moderno, globalizado e ainda secularizado. A secularização, desenvolveu-se durante a modernidade como uma tendência social, em razão do modelo religioso vivenciado no período pré-moderno, que colocava sob suspeição, a integridade da Igreja, por este motivo, o pensamento de Daniele Hervieu-Leger propicia uma aproximação conceitual permitindo-nos vislumbrar sua realidade no período moderno.

Em francês, o sentido original da palavra "secularização" é múltiplo. Designa, inicialmente o processo jurídico-administrativo pelo qual os bens da igreja são transferidos a um possuidor civil. De maneira mais geral indica um deslizamento de bens ou de pessoas que estavam sob a dependência de alguma instituição

²³¹ SPONG, J.S. *Um novo cristianismo para um novo mundo: a fé além dos dogmas*, Campinas: Versus, 2006, p.143

²³² BÍBLIA, português Jo 1, 4

eclesiástica e que escapam de sua jurisdição. Por extensão, designa qualquer aspecto da perda de influência da religião na sociedade e, em especial, a substituição progressiva do pensamento mítico, pelo pensamento científico e positivo, correlativo ao processo de desenvolvimento histórico e cultural do ocidente.²³³

Raimon Panikkar corrobora este conceito com a seguinte afirmação:

"A secularização parte de uma visão dualista do reino "religioso" ou "sagrado", já que se entende como não pertencente ao "*saeculum*" (o mundo). Principalmente, a secularização é o processo histórico através do qual se devolve ao mundo as aquisições e o poder das instituições religiosas, despojando ou destruindo a posição privilegiada que haviam adquirido."²³⁴

Uma outra abordagem, feita por Harvey Cox, segundo a qual existe também uma secularização cristã.²³⁵ De acordo com sua perspectiva, uma emancipação progressiva, ocorre na história da humanidade que pode ser percebida desde o livro de Genesis. Diferindo do homem pré-secular, que acreditava em uma natureza governada por deuses, o homem em Genesis, é capaz de perceber uma nítida diferença entre a natureza, ele próprio e Deus, que James M. Boice chama de desencantamento do mundo natural.²³⁶

Podemos depreender deste pensamento, que o homem é chamado a governar sem a intervenção de Deus, recebe autonomia gerencial. Posteriormente no estabelecimento da monarquia, Deus deixa de "reinar" sobre o povo de Israel que pede para ser como as demais nações. Ainda que houvessem leis de Deus, caberia aos homens a compreensão e aplicação. No Novo Testamento já não há uma lei normativa com uma variedade de regras, mas uma convocação à consciência para a vivência da *metanóia* e do ágape; esses indivíduos emancipados e congregados inseridos na sociedade secularizada formam a "*ekklesia*".

Acerca da sociedade secularizada, Bonhoeffer utiliza a expressão "mundo em maior idade", emancipado, expressa sua percepção de que o mundo depende cada vez menos de Deus. Apontava para a necessidade de se falar do Deus kenótico, que nos ajuda muito mais em seu esvaziamento, pois desta forma também nos impulsiona a maior idade. Esse Deus que permite ser rechaçado pela

²³³ HERVIEU-LEGER, D. *Secularizacion y modernidad religiosa*. In *Selecciones de Teologia*, Vol. 26, Revista 103, 1987

²³⁴ PANIKKAR, R., *El mundanal silencio: una interpretación del tiempo presente*, Barcelona: Martínez Roca, 1999, p. 27

²³⁵ COX, H, *A cidade do homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968, p136

²³⁶ BOICE, J. M., *Los fundamentos de la fé cristiana, Tomo IV. Parte III*, Miami, Unilit, 1996 p.

humanidade, identificado muito mais com a debilidade humana, do que com os deuses "poderosos" criados pelas religiões para resolver os problemas humanos ou as lacunas da compreensão humana.

A secularização não deve ser vista apenas como algo nocivo a fé, mas pode ser uma contribuição para o desenvolvimento da verdadeira fé, que concede sentido a partir da compreensão da missão do Jesus histórico, na medida em que liberta o homem de crenças insustentáveis, ajudando-o a desenvolver uma compreensão mais ampla e significativa do Deus que age a partir de seu interior e não do exterior. Provendo-lhe sentido existencial, as interpelações não respondidas pelo teísmo.

Não se quer acrescentar nada a fé, mas desentranhar estas dimensões que estão ínsitas dentro dela, mas que foram, historicamente, encobertas por uma vivência intimista, personalista e individualista da fé. A secularização é considerada uma consequência da própria fé que liberta o mundo de características divinas ou mágicas e o devolve ao homem para o seu campo de criatividade responsável.

[...] A teologia volta a redescobrir "a memória subversiva e perigosa de Jesus de Nazaré" que não disse quando esteve entre nós: "Eu sou a Tradição, mas eu sou a Verdade" (Tertuliano) e com isso colocou em marcha um processo de mudança que vai além do coração e envolve também a sociedade e a criação inteira.²³⁷

Essa mudança no comportamento social, não retira do homem a necessidade de sentido, e segundo M. Maffesoli é na história que se busca sentido²³⁸. Quando no mundo pós-moderno, secularizado no qual os grandes relatos perderam seu valor, onde poderá encontrar sentido? Este normalmente é buscado além de si mesmo, além da finitude humana. O homem buscará em Deus, em alguma forma de religião, e que resposta poderá a igreja propiciar?

Ana Maria Tepedino, sinaliza que os desafios atuais, são interpelações à Igreja.

Em cada época ocorrem mudanças que afetam a sociedade e portanto, também a instituição eclesial. Não existem respostas prontas para estes novos desafios, respostas pré-fabricadas de uma vez por todas; mas os problemas precisam ser encarados de frente, (...).²³⁹

Temos portanto duas ocorrências simultâneas: secularização e retorno ao religioso. Se a igreja institucional não encara desafios e propõe respostas, abre

²³⁷ BOFF, L, *Igreja: carisma e poder*, p. 44

²³⁸ MAFFESOLI, M. *Elogio a razão sensível*, p. 97

²³⁹ TEPEDINO, A. M. *Autonomia e comunhão: a participação dos/as leigos/as na Igreja*, Atualidade Teológica: Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio, Ano VIII, fasc. 17, maio/agosto, 2004, p. 133

espaço para o surgimento de novos movimentos religiosos. Fomentados pela própria necessidade humana de referenciais, que a racionalidade e o desenvolvimento tecnológico científico pareciam suplantar.

A transição da dependência eclesiástica, não extinguiu a religião como chegaram a prever alguns pensadores, mas fomentou uma religião mais dessacralizada e individual, menos institucional e que simultaneamente libera o indivíduo para buscar sua felicidade onde melhor lhe convier. A felicidade na sociedade pós-moderna caracteriza-se basicamente pela busca do prazer, da satisfação dos desejos, hedonista, centrada no "eu" clamando por uma liberdade ilimitada que relativiza pressupostos éticos ou morais.

Acerca da felicidade, o psicólogo Martin Seligman²⁴⁰, afirma que "*todas as pessoas tem direito de buscar sua felicidade, embora dados indiquem que é pouco provável que uma pessoa consiga manter-se feliz de forma continua*"²⁴¹. Embora seja de vital importância a nível existencial não pode constituir-se no alvo primordial da existência humana. A vida seria solipsista e conseqüentemente sem sentido, o que segundo a psicologia contraria a essência da existência humana.

"Os seres humanos indiscutivelmente, querem ter sentido e propósito na vida. a vida com sentido consiste em pertencer e servir a algo que você acredite ser maior que o eu, e a humanidade cria todas as instituições positivas que permitem isso: a religião, o partido político, a família, fazer parte de um movimento ecológico ou de um grupo de escoteiros."²⁴²

Insera-se ainda nesta temática a pergunta de Moreland acerca da felicidade:

“Se felicidade, é experimentar uma sensação interna de alegria ou satisfação prazerosa, e se for esse nosso objetivo principal, para onde as pessoas voltarão o foco a cada dia? Nelas próprias, e o resultado será uma cultura de narcisistas abortos em si mesmos, incapazes de viver por algo maior que eles mesmos.”²⁴³

A necessidade de felicidade é aproveitada pela mídia criando ídolos, nos quais é projetada a idéia da vida feliz. São idolatrados e copiados, porque neles encontramos o ideal de felicidade que gostaríamos de viver. A identidade do ídolo é o que ele veste, onde frequenta, o que possui, irrealidades que passam a ser

²⁴⁰ Martin E. P. Seligman, Ph.D., Professor de Psicologia da Universidade da Pensilvânia, diretor da Rede de Psicologia Positiva, e ex-presidente da Associação Americana de Psicologia.

²⁴¹ SELIGMAN, M.E.P., *La autentica felicidad*, Barcelona, Vergara, 2006 p. 12

²⁴² SELIGMAN, M.E.P., *Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem estar*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2012 p. 20

²⁴³ MORELAND, J.P., *O Triangulo do Reino*, São Paulo, Vida, 2011, p. 129

desejadas. Dessa forma a sociedade é mantida pela ideologia consumista. Veja o que diz A. M. Tepedino a esse respeito.

Ao ideal racional que foi a marca da Modernidade segue-se a articulação da razão com a emoção, os sentimentos, a imaginação, propícios a criar um ambiente idolátrico em nossos dias. Emerge com força e vigor e é aproveitada pela "sociedade do espetáculo", esta em que vivemos. O que faz a diferença entre nosso tempo e outros períodos é a espetacularização da imagem, e seu efeito sobre a massa de cidadãos contemporâneos, transformados em platéia ou em multidão de consumidores da subjetividade dos outros.²⁴⁴

Não existindo a felicidade prometida, a realidade existencial precisa ser vivida: a felicidade prometida pelo consumo desenfreado, à realização pessoal, à tentativa de vender uma imagem de plenitude não permeia a existência da maioria das pessoas. São sonhos inalcançáveis, os meios de comunicação transmitem imagens que são apenas vitrines, que nos apresentam uma realidade que nunca poderá ser adquirida, restam a frustração e a incerteza, a espiritualidade parece ser o último refúgio.

“é a crise que faz surgir essa nova demanda religiosa. As pessoas buscam no “espiritual” a segurança, o sentimento e as promessas que lhes ajudem a sobrepor-se ante a dureza do presente e a angústia do futuro.”²⁴⁵

4.2.3. Pós-modernidade e espiritualidade

Desta forma já se percebe na própria modernidade, as raízes do retorno ao sagrado da pós-modernidade, que de uma forma distinta em relação ao período pré-moderno, não necessita do aval institucional que lhe ratifique ou atribua valor, busca-se uma espiritualidade livre da religião, que pode ser construída através da aglutinação de diversos saberes, culturas ou experiências ainda que sincréticos, que não se deixa aprisionar por qualquer instituição religiosa que possa exercer controle sobre seus adeptos. Danièle Hervieu-Léger utiliza com muita propriedade o termo "bricolagem"²⁴⁶.

²⁴⁴ TEPEDINO, A. M. *O efêmero e nossas idolatrias pós-modernas*, Atualidade Teológica: Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio, Ano XV, fasc. 39, set./ dez., 2011, p. 539

²⁴⁵ HERVIEU-LEGER, D. *Secularizacion y modernidad religiosa*. In *Selecciones de Teologia*, Vol. 26, Revista 103, 1987

²⁴⁶ Em Convite a Filosofia o termo bricolagem aparece atrelado ao pensamento mítico: O antropólogo Claude Lévi -Strauss estudou o “pensamento selvagem” para mostrar que os chamados selvagens não são atrasados nem primitivos, mas operam com o pensamento mítico.

No domínio da religião, como noutros, a capacidade do indivíduo de elaborar o seu próprio universo de normas e valores a partir da sua experiência singular tende a impor-se, vimo-lo, muito mais do que os esforços reguladores das instituições. Os crentes modernos reivindicam o seu "direito ao bricolagem" ao mesmo tempo em que o de "escolher as suas crenças". Mesmo os mais convictos e os mais integrados numa confissão particular fazem valer o seu direito à busca pessoal da verdade. Todos são conduzidos a produzir eles próprios o relacionamento com a linhagem crente em que se reconhecem.²⁴⁷

J.M. Mardones chama de copulativa a essa conjunção sincretista, que sai do exclusivismo permitindo uma aglutinação de saberes e crenças, que podemos considerar a partir da própria globalização. Os indivíduos agora expostos a uma gama de informações, incluindo no âmbito espiritual, permitem-se configurar suas crenças de forma mais livre. Embora seja uma tendência ou um modismo já que não podemos afirmar sua continuidade ou descontinuidade, essa forma de crer não retira o indivíduo de seu obscurantismo, continua a mantê-lo, no aqui e agora em uma nebulosa indefinição.

Para pensar a possibilidade da fé na sociedade pós-moderna, precisamos admitir a necessidade de mudanças na construção de uma nova mentalidade eclesial, que nos permita interagir, dialogar sem abirmos mão do que consideramos verdades essenciais da fé crista. A abertura ao diálogo ecumênico, filosófico e científico não significa uma capitulação da fé, mas uma compreensão mais ampla e atualizada que nos conduz à aproximação.

Atentar para a situação real do ambiente no qual a igreja está inserida. Um mundo globalizado, no qual estamos conectados a uma variedade de fatores socioculturais que influenciam nossa cosmovisão e ao mesmo tempo são considerados interpeladores, aos quais precisamos responder conforme afirmava o

O mito e o rito, escreve Lévi -Strauss, não são lendas nem fabulações, mas uma organização da realidade a partir da experiência sensível enquanto tal. Para explicar a composição de um mito, Lévi-Strauss se refere a uma atividade que existe em nossa sociedade e que, em francês, se chama bricolagem.

Que faz um "bricoleur", ou seja, quem pratica bricolagem? Produz um objeto novo a partir de pedaços e fragmentos de outros objetos. Vai reunindo, sem um plano muito rígido, tudo o que encontra e que serve para o objeto que está compondo. O pensamento mítico faz exatamente a mesma coisa, isto é, vai reunindo as experiências, as narrativas, os relatos, até compor um mito geral. Com esses

materiais heterogêneos produz a explicação sobre a origem e a forma das coisas, suas funções e suas finalidades, os poderes divinos sobre a Natureza e sobre os humanos. Convite a Filosofia Marilena Chauí.

²⁴⁷ HERVIEU-LÉGER, D., *O Convertido e o peregrino: A religião em movimento*, Lisboa, Gradiva, 2005 p 72

Apóstolo Pedro a razão da esperança que esta em nós²⁴⁸. Para isso precisamos atualizar nosso pensar teológico.

“A religião (cristã) monopolizadora até agora de sentido, encontrará na razão pluralizada e dividida, com suas diversas visões e ideologias, outras tantas ofertas de sentido/salvação que rivalizarão com ela”²⁴⁹

Podemos encontrar indícios de uma nova mentalidade cristã emergente nos posicionamentos de Dietrich Bonhoeffer ao falar sobre um cristianismo arreligioso²⁵⁰ ou “secular” em sua carta a Eberhard Bethge, onde percebe a possibilidade de despir o cristianismo de sua roupagem institucional religiosa. John Shelby Spong ao falar sobre um novo cristianismo²⁵¹ e na percepção pós-secular de Mardones.

Avançando em seu pensamento D. Bonhoeffer, conjectura a possibilidade de um cristianismo mundano, indo ao encontro das pessoas, não para levar-lhes uma religião como se fosse uma mercadoria ou um Deus que sai da maquina, (ex machina) aparecendo repentinamente para resolver problemas, mas o Deus acerca do qual podemos falar também na alegria não apenas na dor, na força e não na fraqueza, afirma ainda que sentia-se muito mais propenso a ir ao encontro dos arreligiosos, mas não como um missionário e sim em disposição fraterna.

É um falar de Deus sem teísmo²⁵². É possível que por sua experiência como prisioneiro, Bonhoeffer não apresente Deus como um Deus forte e poderoso que surge dos céus com intervenções cataclísmicas, mas de um Deus kenótico, fala em estar na presença de Deus como se Ele não existisse. Esta linguagem pode ser vista como adequada para se falar de Deus na pós-modernidade, já que Deus não surge evitando tragédias, mas como Deus solidário, que se faz presente, Emmanuel (Mat. 1, 23), desmistificando o Deus dos grandes relatos, um Deus mais humano.

O Deus do teísmo encontra-se hoje desacreditado, morrendo pela dificuldade que temos de apresentá-lo no mundo real. A inadequação do discurso acerca de um Deus distante, em algum lugar do universo com atuações pontuais

²⁴⁸ BÍBLIA, português, N. T. 1Pe. 3, 15

²⁴⁹ MARDONES, J.M. *Hacia donde va La religion? Postmodernidad y Postsecularización*, Universidad Iberoamericana, Cuadernos de Fe y Cultura, México, 1996 p. 19

²⁵⁰ BONHOEFFER, D. *Resistência e submissão: Cartas e anotações escritas na prisão*, Sinodal, São Leopoldo, 2003 p. 371

²⁵¹ SPONG, J.S. *Um novo cristianismo para um novo mundo: a fé além dos dogmas*, Campinas: Versus, 2006

²⁵² Embora paradoxal, falar de Deus sem teísmo não significa adentrar pelas sendas do ateísmo, mas resignificar a imagem criada a partir dos atributos de onipotência, onisciência e onipresença, incapazes de responder aos dramas da existência humana.

em resposta a algumas orações. Não é um desacreditar de Deus, Ele sempre existiu e sempre existirá, mas é crucial repensar em como dialogar acerca de Deus diante das questões prementes de nosso tempo.

John Shelby Spong teoriza de forma muito apropriada como se deu a construção da imagem do Deus teísta a partir do pensamento do homem primitivo ou pré-secular como disse Harvey Cox, os quais atribuíam ao mundo natural uma vitalidade personificada que era capaz de controlar os poderes da natureza, o qual precisava ser apaziguado, com oferendas e sacrifícios para que lhes fosse favorável.²⁵³

“Foi inevitável que a tomada de consciência dos seres humanos primitivos os tenha deixado cientes de que sua definição era feita sobre algo além de si mesmos. Se eu sou um ego, individual e contido, vou me relacionar imediatamente com aquilo sobre o qual fui definido, aquilo que está além do que sou e de quem sou. Talvez "aquilo" não seja nada mais que o mundo natural, como argumentam muitos filósofos. Mas nem por isso deixa de ser diferente de mim. Mas esse tipo de suposição natural, impessoal, não foi a de nossos ancestrais primitivos. Artefatos históricos indicam que eles se relacionavam com o mundo natural como se este também possuísse consciência do ser. Possivelmente pensassem que aquilo que os definia pertencesse por sua vez a outra criatura autoconsciente.”²⁵⁴

Essa construção teórica, serviu de substrato para construção de uma imagem irreal de Deus, e que foi utilizada para a interpretação de fatos relatados no Antigo Testamento. Com o avanço da ciência e da tecnologia descobriu-se que não havia uma divindade por trás dos fatos da existência humana atuando como força controladora do mundo dos homens.

Pensava-se que Deus fosse o grande operador das questões de doença e saúde: a doença seria reflexo da sua punição, enquanto a saúde comprovaria seu favor. Então descobrimos os germes e os vírus e desenvolvemos antibióticos, procedimentos cirúrgicos e outras coisas como quimioterapia. Com esse novo conhecimento começamos a ver que os antibióticos, cirurgias e quimioterapias faziam efeito tanto nos pecadores quanto nos santos. Dessa forma, a abrangência da doença como área de atuação de Deus começou a ser reduzida, e a medicina entrou na era moderna da secularização.

Antigamente, considerávamos Deus a fonte do tempo e interpretávamos que enchentes, secas, furacões, temporais etc. seriam expressões da vontade divina. Mas ai foram descobertas as frentes climáticas, os sistemas de variação de pressão, os fenômenos El Niño e La Niña, os efeitos climáticos das marés e tantas outras realidades que o conceito de um ser sobrenatural que manipula o tempo por certos motivos morais se tornou insustentável.

²⁵³ SPONG, J.S. *Um novo cristianismo para um novo mundo*, p. 63

²⁵⁴ *Ibid.*, p. 63

Acreditava-se que Deus levasse nossa nação a guerra, derrotando o inimigo ou, caso nossa fidelidade não fosse merecedora, nos permitindo experimentar a ira divina na derrota. Entretanto, com as modernas técnicas bélicas, Deus parece sempre estar ao lado de quem possui o maior arsenal.²⁵⁵

Podemos então compreender a secularização em maior amplitude, identificando suas raízes também no cristianismo, por isso precisamos abordar algumas questões: é possível desenvolver ou repensar a experiência de fé, admitindo sua possibilidade fora da circunscrição eclesial, fora das formas tradicionais do discurso religioso, quer do ponto de vista litúrgico, quer quanto à pregação, e mais ainda? Ou a igreja deve, manter-se engessada nos mesmos moldes históricos, perpetuando algo já sem vida?

Se de fato desejamos a permanência do cristianismo a resposta é sim. Existe a possibilidade da fé como proporcionadora de sentido à existência humana, utilizando-nos das oportunidades que podem ser vislumbradas. Como vimos anteriormente a saída do fundamentalismo, é premissa básica para a aproximação, com o mundo pós-moderno.

O fundamentalismo foi combatido por Jesus na sociedade judaica, pela ênfase na literalidade da lei e pelos efeitos segregacionistas que produzia. Segregando não apenas gentios mas também aqueles mais fragilizados; a atitude de Jesus como iniciativa aproximativa, evidenciava que a práxis judaica afastava-se dos propósitos de Deus. Na ótica de Jesus os pobres não eram amaldiçoados, os doentes não estavam sendo punidos por Deus.

Em Jesus a ênfase legalista judaica, que rotulava os desfavorecidos, colocando-os em uma condição de baixa-estima, descrédito e abandono transforma-se em ênfase empática, no ir ao encontro. Vemos também no Apóstolo Paulo a atitude aproximativa, visão de que a barreira de separação já não existia²⁵⁶, poderia sentar-se a mesa não apenas com os não judeus, mas também com os infiéis. Uma atitude que no cristianismo primitivo ainda não era bem compreendida, no entanto tal atitude oportunizava as pessoas acesso e experiência do amor de Deus através de uma atitude acolhedora e dialógica.

As afirmações de Pedro e Tiago corroboram a atitude de Paulo: *Deus não faz acepção de pessoas*. Tornar a mensagem do Reino compreensível, unindo "kerigma", diaconia e "koinonia", saindo da esfera do discurso, para uma práxis

²⁵⁵ SPONG, J.S. *Um novo cristianismo para um novo mundo*, p. 44

²⁵⁶ BÍBLIA, portugueses, N. T. Efésios 2. 5

comprometida com os valores do Reino constitui-se em fato imprescindível. Esta também é a visão compartilhada por Hans Küng:

[...] A cristandade tem que fazer-se mais cristã; não é outra a perspectiva de futuro também para o terceiro milênio. O sistema romano, o tradicionalismo ortodoxo e o fundamentalismo protestante são manifestações históricas do cristianismo. Nem sempre existiram e um dia irão desaparecer. Por quê? Porque não fazem parte da essência do cristianismo.

Porém se a cristandade deve fazer-se de novo mais cristã, a conversão será necessária: uma reforma radical que vá além de uma psicologização ou remitificação do cristianismo. Uma reforma é “radical” “indo a raiz”, somente quando faz que o essencial resplandeça novamente.²⁵⁷

Na pós-modernidade a um desejo de reconhecimento e de livre expressão, abertura para se reconhecer o outro. É nessa abertura que encontramos lugar para a comunhão, como escreve Ana Maria Tepedino:

A percepção das diferenças, portanto, não deve provocar desigualdades, mas o reconhecimento de que todos temos o mesmo valor, isto é, nos equivalemos por isso, podemos ficar “rosto a rosto”, “*conditio sine qua non*” para o diálogo e a comunhão. A igreja, comunidade dos continuadores do movimento inclusivo de Jesus através da história, deveria ser uma instituição capaz de possibilitar esta “vida nova”, ou seja viver sem dominações, marginalizações ou exclusões.²⁵⁸

As circunstâncias atuais nos remetem a pensar a vida de Jesus e seu significado para os dias de hoje em meio a pluralidade de crenças do mundo globalizado e a relativização moral. Se há espaço para uma espiritualidade esta deve ser sobretudo humanizadora, conferindo a mensagem do Reino visibilidade concreta.

4.3. Um Reino em fronteiras em um mundo sem fronteiras

Compatibilizar a mensagem do Reino com o mundo globalizado pós-moderno, é um dos grandes desafios da Igreja no século XXI, por este motivo, a Igreja deve se fazer presente não apenas institucionalmente, mas sobretudo inserida no meio do povo, sendo povo de Deus no mundo, e corpo de Cristo (possuindo uma identidade própria). A questão identitária, é fundamental para a percepção do outro, sem que haja estranhamento em razão da iniciativa

²⁵⁷ KÜNG, H., *El cristianismo, esencia e historia*, Madri: Trotta, 2006 p. 12

²⁵⁸ TEPEDINO, A. M. *Eclesiologia de Comunhão: Uma perspectiva*, p. 163, 164

acolhedora e da mensagem a ser transmitida, articulando kerigma, diaconia e koinonia²⁵⁹.

A Igreja não é, em primeiro lugar, uma instituição. É, antes, um povo. A Bíblia a chama de o "*laos theou*", o "povo de Deus". É um povo cujas instituições deveriam capacitá-lo a participar da ação de Deus no mundo - da emancipação do homem para a liberdade e responsabilidade.²⁶⁰

4.3.1.

A visão do Reino.

A visão do Reino não pode prescindir da compreensão antropológica, essa por sua vez nos permite aproximação de forma mais humana, pois passamos a olhar ao outro como semelhante, independente de suas crenças. Porque é a este homem, que em sua subjetividade adota atitudes reflexivas, buscando além de si mesmo a experiência do Outro, a quem é destinada a mensagem do Reino.

A mensagem do Reino é libertadora, emancipadora, experiencial. Restitui ao homem o direito à vida, de assumir-se como "senhor" de seu destino, diferindo da emancipação prometida pela modernidade, que lhe retirava da tutela eclesial, mas, o submetia a uma nova forma de controle e dominação, na qual sua individualidade era manipulada. É também um chamado à comunhão, não apenas entre as diferentes confissões cristãs, cristãos e não cristãos são chamados, a sentar-se à mesa, ao lugar da partilha e ao sentarem-se juntos podem compartilhar as mais variadas expressões de fé, oportunizando a outros o conhecimento do caminho de Jesus, que torna perceptível o amor de Deus, os valores do Reino e a experiência do Espírito.

A igreja do século XXI, não deve impor ou provar a superioridade de sua dogmática, mas abrir-se, e sua abertura não dilui sua identidade, mas aprende princípios que legitimam sua plena identidade com Cristo. O amor de Deus expressa-se intraeclesialmente, ecumenicamente e sincreticamente. Intraeclesialmente deverá ser capaz de responder de maneira diferente à interpelação feita por Deus a Caim; *Onde está teu irmão?* (Gen. 4,9) Demonstrando cuidado mútuo, e preservação da unidade do corpo. Ecumenicamente aprendemos com Jesus: *quem não é contra nós é por nós.* (Lc. 9, 50). Sincreticamente podemos nos aproximar daqueles que creem de forma

²⁵⁹ COX, H. *A cidade do homem*, p. 145

²⁶⁰ *ibid.*, p. 144

diferente e, falar-lhes como Paulo no Areópago (At. 17, 22, 23) acerca do Deus desconhecido.

Em um posicionamento mais amadurecido, e aberto à aproximação, a igreja deve entender, que em toda experiência religiosa ocorre uma busca pelo sagrado, pelo Outro²⁶¹, que vincula o indivíduo a uma comunidade, que compartilha um conjunto de saberes e crenças, típicos de cada religião com formas próprias de expressão de fé. Que embora divergente em sua forma é também lugar de busca pela experiência do Absoluto.

A visão do Reino, constitui-se na plena realização dos anseios que se expressam nas diferentes religiões. Articulando a dimensão antropológica, sociocultural (pós-moderna) e espiritual, é apresentada ao mundo como proposta de sentido na construção de uma sociedade mais justa.

(..) nenhuma espiritualidade é genuinamente cristã se está isenta da dor do mundo. Ou seja uma espiritualidade pós-moderna será consciente dos "desfavorecidos da terra", dos que levam as feridas da história contemporânea em seus corpos e em suas almas. O fluxo incessante de sensações que recebemos através dos meios de comunicação nos distraem desta realidade e a converte em mero espetáculo. Porém o fluxo de amor divino nos leva mais além do sensacionalismo, até a comunhão com os pobres e oprimidos: até aqueles que, são, amados de maneira peculiar por Deus, já que levam a marca do crucificado.

(...) então os sofrimentos de nossa época não são sem sentido, tal como uma pós-modernidade meramente secular enxerga, são gemidos de uma criação trabalhando para levar adiante a redenção, o triunfo final do amor de Deus.²⁶²

A visão do Reino portanto, não nos remete a uma espiritualidade abstrata e distante, mas nos aproxima, à exemplo de Jesus, vai ao encontro dos necessitados. Ainda assim não restringe-se aos menos favorecidos, dirige-se também a outros segmentos da sociedade, aqueles que em melhores condições de vida, deixam-se absorver pelos ditames do consumo desenfreado.

4.3.2. Libertação no contexto pós-moderno.

A apresentação do Reino por Jesus nunca foi dogmática, utópica ou filosófica. O anúncio era uma mensagem libertadora, que conclamava os homens,

²⁶¹ INESTROSA GONZÁLES, S. *La religion como mediadora de sentido de la vida*, México: Universidad Ibero Americana, 2001. P. 7

²⁶² BRADY, V. Postmodernism and the Spiritual Life, *The Way* 36 (1996) 179-187

à possibilidade de uma nova vida. A partir de uma ação decisiva de Deus, visando alcançar profundamente cada pessoa, a fim de restaurá-la ao estado existencial pretendido por Deus.

Ele apresentava o Reino em termos práticos, algo que as pessoas pudessem compreender, visibilizar e viver. Era uma mensagem cujos efeitos seriam experimentados primeiramente por aqueles que a acolhiam, e que seria propagada não apenas na forma de anúncio, mas pelos efeitos visíveis na vida de cada pessoa que responde ao chamado. Lucas ressalta esta percepção, descrevendo essa transformação social ao enfatizar suas características: unidade, partilha e relação de pertencimento. Tais características eram perceptíveis e geradoras de força atrativa. Essa espiritualidade humanizadora era resultante de três atitudes fundamentais que caracterizam a vivência do Reino: kerigma, diaconia e koinonia.

O kerigma - Anúncio da iniciativa salvífica da parte de Deus, comunicada através dos apóstolos e posteriormente pela igreja, dando a conhecer a possibilidade de reconciliação. Como comunicação de Deus, não se constitui em ato inovador, já que desde o Antigo Testamento, Ele realiza não apenas sua auto-revelação, como também expressa de forma compreensível sua palavra como declara a Epístola aos Hebreus (Hb. 1.1). Ao comunicar sua palavra, Deus realiza também sua auto-doação relacional. E nela podemos, entender o desígnio de Deus para a humanidade. essa verdade deve ser proclamada, deve tornar-se conhecida de todos os homens (At. 17,30).

Existe auto-comunicação, porque o doador é o próprio dom. Deus se oferece ao homem por sua própria iniciativa com vistas a uma relação de conhecimento e de amor imediatos. Esta auto-comunicação é "o milagre indevido do livre amor de Deus, o qual converte a Deus mesmo em princípio interior e em "objeto" de realização da existência".²⁶³

No Antigo Testamento, a iniciativa salvífica da parte de Deus era percebida de forma mais evidente em suas intervenções libertadoras, opondo-se as forças opressoras que se impunham através das guerras subjugando o povo de Israel. Inimigos que escravizavam, levavam cativos e despojavam. As intervenções de Deus, visavam o restabelecimento da justiça, a preservação do direito. A proclamação profética, constituía-se também em intervenção salvífica de Deus, já que denunciava as injustiças existentes na sociedade judaica, que deveria libertar

²⁶³ SESBOÜÉ, B. *Jesucristo el único mediador: Ensayo sobre la redención y la salvación*, Salamanca: Secretariado Trinitário, p. 240

de toda opressão os menos favorecidos e auxilia-los em sua restauração. José L. Sicre comenta o momento áureo da profecia (Amós, Oséias, Isaias e Miquéias) em Israel da seguinte forma:

A problemática social, com seus diversos matizes, aparece nos quatro profetas, Amós e Miquéias são os mais preocupados com o tema. Ao primeiro lhe dói acima de tudo a situação dos marginalizados sociais; a Miquéias, a opressão dos camponeses de Sefela por parte dos terratenenses e autoridades de Jerusalém. Isaias dá a impressão de viver na capital e de focar o problema de outro ponto de vista, fixando-se não apenas na opressão dos pobres, mas também na corrupção dos ricos.²⁶⁴

No Novo Testamento, essa mensagem amplia e define sua significação, cujas nuances haviam sido perceptíveis nos atos libertários atribuídos a Deus no Antigo Testamento. No primeiro século, havia uma percepção de um estado de não libertação em razão da dominação romana, da atuação de forças demoníacas (potestades e poderes) que precisavam ser exorcizadas, e do estado de injustiça miséria e sofrimento ao qual estavam submetidas as pessoas. Nesse estado psicossocial, a mensagem do Reino adquire sentido, razão. Podemos então perquirir como esta mensagem pode fazer sentido em uma sociedade pós-moderna.

Kerigma e Pós-modernidade

Quero então abordar a questão "kerigmática" na pós-modernidade seguindo as linhas de pensamento de Harvey Cox: ele aponta para uma possível resposta à questão libertadora da mensagem:

Na linguagem tradicional, a mensagem da Igreja é a de que Deus derrotou as "potestades e poderes" por meio de Jesus e fez possível ao homem tomar-se o "herdeiro", o senhor do mundo criado. Esta linguagem nos parece estranha hoje, mas nada poderia estar mais perto do centro da existência humana, na sociedade urbana do século vinte. Essas "potestades e poderes" significam, realmente, todas as forças da cultura que mutilam e corrompem a liberdade humana. Em várias épocas os homens experimentaram essas forças de formas diferentes.²⁶⁵

Essa abordagem suscita a seguinte questão: Quais as forças culturais que mutilam e corrompem a liberdade humana hoje? O que temos a anunciar diante dessas forças opressoras? Na análise da pós-modernidade baseada em diferentes autores, tivemos a oportunidade de perceber os efeitos da "cultura pós-moderna", não necessitamos portanto listar as circunstâncias previamente abordadas, em

²⁶⁴ SICRE, J. L. *Los profetas de Israel y su mensaje*, Madri: Cristiandad, 1986 p. 70

²⁶⁵ COX, H. *A cidade secular*, p. 146

relação ao kerigma não queremos então pensar utopicamente, mas dar-lhe sentido torna-lo significativo em nossos dias.

Se o objetivo do anuncio é a conversão e não apenas a informação, o kerigma deve conduzir a reflexão que não resulte em aporia, mas que toque as questões existências, embora de uma forma não tanto perceptível, a proclamação profética sempre conduziu a um processo de reflexão, mesmo no antigo testamento sob tutela da lei. A mensagem dos profetas não consistia em imposições de um deus autoritário e legalista mas em uma reflexão que produz como resultado uma nova disposição interior a uma vida justa.

Quando Deus convoca o homem à reflexão, apela-lhes a sua consciência para que comprove o que Deus lhe diz (Cf. Is. 1,18). No entanto, a força do kerigma não é derivada apenas de seu aspecto argumentativo, mas de sua conjugação com a ação do Espírito. É o Espírito que vivifica, sem sua atuação o anuncio estaria reduzido a um conjunto de normas morais ou ético-filosóficas, apartando-se de seu caráter libertador e reconciliador.

Retomando o pensamento de Cox, as forças que mutilam e corrompem mantendo os homens entenebrecidos no entendimento e separados da vida que há em Deus (Efésios 4, 18), são as forças que o aprisionam em si mesmo, fomentadas principalmente pelos valores centrais da sociedade pós-moderna, que perpetuam um sistema desumano e injusto, que se faz sentir de forma mais perceptível nas classe mais desfavorecidas, mas que em realidade permeia todas as classes.

Com esse aprisionamento vivenciado pelo homem pós moderno, resultante da sedução cultural, podemos estabelecer um paralelo de ideias com o relato de Genesis. Na metáfora da queda e aprisionamento humano, a sedução surge como proposta que questiona a bondade do criador, oferecendo em troca fama, prazer e a assimilação de uma imagem agradável aos olhos, como elementos proporcionadores de felicidade.

Quando submetido ao mesmo jogo e sedução no deserto, Jesus venceu. Sua determinação radical em viver de acordo com a vontade do Pai, lhe permitiu vivenciar a plena libertação, e como referencial de vida tornar-se mediador desta mesma liberdade para todo aquele que acolhe e responde ao chamado de Deus.

O homem caiu cativo das forças sobre as quais se esperava que "tivesse domínio". As forças que devia controlar controlaram-no. Precisou ser desembaraçado. A ação de Deus que se desenvolve o tempo todo, mas que se tornou conhecida em Jesus de

Nazaré, é a de chamar o homem dos poderes e potestades para a liberdade, e a de conclamá-lo, ao mesmo tempo, à responsabilidade *sobre e para com* estes.²⁶⁶

A igreja em sua atuação "kerigmática", atua hoje não apenas anunciando a proposta emanada da vida de Jesus Cristo, mas também vivenciando os valores do Reino em prol da vida humana. Atenta a cada momento da história humana, é capaz de dialogar, ouvir para responder, captando a realidade concreta e extraíndo das narrativas bíblicas, respostas aplicáveis ao nosso tempo, que levem em consideração cada cultura e sua realidade. Isso não significa, que as forças opressoras tenham sido neutralizadas de uma vez por todas, mas a possibilidade de libertar-se das forças que antes lhe subjugavam, tornando-se capaz de responder as interpelações de Deus sendo chamado a um viver responsável.

A Diaconia - É não centralizar-se apenas no discurso, é assumi-lo como realidade existencial. Pelo exemplo de Jesus, a igreja é levada a ações que expressam a realidade concreta do amor de Deus. Segundo Paulo o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito que nos foi dado. A fruição deste amor evidencia-se no servir, característica inerente ao ministério de Jesus.

Segundo Moltmann a igreja não pode cumprir a tarefa que Cristo lhe designou sem diaconia²⁶⁷. A disponibilidade para servir, caracteriza e identifica a igreja, sendo resultado do kerigma. Dessa forma a diaconia não se constitui em ofício designado apenas aos diáconos, mas a toda igreja que deve viver em atitude diaconal. Esse comportamento, deve ser difundido na igreja a partir de suas lideranças estabelecidas (pastores, padres e bispos), que se propõem a um serviço desprovido de titularidade deixando transparecer traços evangélicos da diaconia²⁶⁸.

É de Leonardo Boff a seguinte declaração: "*Do seio de uma comunidade de iguais, se destaca a Hierarquia com uma diaconia para todos: produzir e reproduzir uma visão global e coerente da fé cristã*".²⁶⁹ Essa visibilidade do servir produz efeitos à partir da semelhança e deve propagar-se por todo corpo. No ministério de Jesus a mensagem de servir à partir da liderança, destaca-se quando no episódio da lavagem dos pés dos discípulos, Jesus os interroga e lhes apresenta o modelo de liderança em serviço: Ele lhes pergunta se entendem o que ele fez, e

²⁶⁶ COX, H. *A cidade do homem*, p.148

²⁶⁷ MOLTAMANN, J., *La iglesia fuerza del espíritu*, p. 361

²⁶⁸ BOFF, L. *Igreja, carisma e poder*. p. 84

²⁶⁹ *Ibid.*, p. 117

logo em seguida os instrui dizendo que lhes deu exemplo (Jo. 13. 4-17). Os apóstolos devem entender, que foram estabelecidos para servir ao Reino através da igreja. O serviço da igreja é dentro da comunidade e no mundo.

Podemos ainda ampliar a diaconia em vertentes mais amplas, de acordo com Harvey Cox, saindo do âmbito intra-ecclesial, enfatizando a capacidade da igreja em promover benefícios reais à sociedade reconciliando e tratando feridas.

Para poder curar, a Igreja precisa conhecer, cara a cara, as feridas da cidade. Precisa também saber onde e como essas feridas estão sendo curadas, para poder sustentar o processo da cura. Pois a Igreja não tem, em si mesma, nenhum poder de cura. Simplesmente aceita e abastece as forças de cura que Deus, trabalhando com o homem, libera na cidade.²⁷⁰

Esse servir que transborda seus muros é chamado também de "diaconia samaritana" por Leonardo Boff, exemplificando as comunidades onde os benefícios da civilização não se fazem sentir, a igreja atua de forma objetiva em favor dos desprotegidos²⁷¹, é uma atuação que assinala a injustiça e age para seu restabelecimento. Com efeito nosso referencial para esta atitude diaconal é sem dúvida, a própria existência de Jesus, uma diaconia reconciliadora que não restringe-se ao âmbito cultural, mas direciona-se ao âmbito global da vida, indo ao encontro das massas, convivendo com elas.²⁷²

Podemos chamá-la de diaconia libertadora, na medida em que contribui para a supressão de toda a injustiça. Oferece ainda a possibilidade de contribuir para a conversão, na medida em que todo ato de amor e cuidado tocam a subjetividade humana, contribuindo para a reflexão e percepção do amor de Deus. Dessa forma a diaconia não perde sua relevância, na vivência dos valores do Reino. *"Seja qual for o caso, a tarefa da Igreja na cidade secular é a de ser o diáconos da cidade, a serva que se submete á luta pela sua integridade e saúde."*²⁷³

A Koinonia - Formada como resultado do acolhimento do kerigma, reúne aqueles que compartilham uma mesma fé em uma comunidade, confere sentido de pertencimento, gerando uma forma de acolhimento mútuo e proporcionando

²⁷⁰ COX, H. *A cidade do homem*, p. 151

²⁷¹ BOFF, L. *Teologia desde el lugar del pobre* Santander, Sal Terrae, 1986 p.60

²⁷² BOFF, L. *Eclesiogenesis: Las comunidades de base reinventan la iglesia*, Santander, Sal Terrae, 1984 p.128

²⁷³ COX, H. op.cit, p. 153

adentrar a uma experiência vinculante.²⁷⁴ Como resultado do kerigma a koinonia é resposta ao chamado à vida comunitária, e embora a palavra possa sugerir uma associação sectária, a comunidade cristã deve ser predisposta ao acolhimento em seguimento ao exemplo de Jesus.

Uma sociedade sectária, está predisposta ao fundamentalismo ou a extinção, não é capaz de comprovar a eficácia "kerigmática" que enfatiza o amor. Constitue-se em modelo de convivência social em descompasso com a sociedade globalizada, encontrando dificuldade de penetração efetiva em razão de seu próprio fechamento. Ao mesmo tempo em que assume um posicionamento incoerente com a *Missio Dei*.

A koinonia quando realizada em amor torna-se um espaço de convivência terapêutica, atendendo às necessidades sociais, emocionais, e espirituais. E embora não se constitua em uma sociedade perfeita, é capaz de proporcionar:

Este vínculo comunitário, gera uma espécie de imunidade, que é comum a todos os crentes e gera um ambiente de solidariedade e fraternidade, que permite oferecer e receber cuidados fraternais, pois as comunidades religiosas possuem pontes que obrigam a ver no outro uma manifestação da divindade.²⁷⁵

4.3.3.

Reino de Deus, sociedade contrastante e pós-modernidade

O povo de Deus tem como sua razão de existir, tornar visível o Reino pregado por Jesus, sua missão jamais se tornará obsoleta ou desnecessária, unindo a proclamação, o serviço ao próximo e a vida comunitária, fomentando valores, e uma razão para sua própria existência como povo de Deus. O caráter não impositivo de sua missão traz consigo a necessidade de abertura ao diálogo, de pensar e enxergar o tempo presente à luz de sua própria realidade.

O Reino de Deus traz a tona valores como justiça e liberdade, descartando o sectarismo, exclusivismo e o privilégio de determinadas classes em detrimento de outras, assim como qualquer tipo de discriminação, inclusive o religioso. A Igreja chamada a conjecturar a realidade do Reino na sociedade pós-moderna. Deve atuar objetivando sua razão de ser.

²⁷⁴ INESTROSA GONZÁLES, S., *La religion como mediadora de sentido de la vida*, . P. 6

²⁷⁵ *Ibid.*, p. 13

Duas frentes podem ser delineadas, como forma de atuação da Igreja em relação a sua missão, uma delas relaciona-se com sua intervenção em favor dos pobres, contrária a toda forma de desumanização, atuando com vistas a aliviar a dor do sofrimento humano, decorrente das injustiças e de toda forma de opressão. Outra frente de atuação é aquela que não diz respeito apenas aos pobres, mas ao homem em geral, como um chamado a conversão, devolvendo-lhe a autonomia perdida.

São atuações que baseiam-se sobretudo na fé, mesmo diante de obstáculos que parecem distanciar a Igreja de seu desígnio, o povo de Deus firmado em suas convicções, empenha-se em cumprir o propósito de sua existência. Se por um lado o mundo globalizado pós-moderno, parece exaurir os esforços para a implantação de uma sociedade mais justa, por outro a igreja, saindo do infantilismo religioso e do descomprometimento entende que não deve permanecer inerte aguardando uma ação dos céus. Deve agir utilizando os dons que lhes foram disponibilizados pelo Espírito, que lhe habilita a agir firme e criativamente com vistas ao Reino.

Caberá a igreja atualizar-se, acompanhando a dinâmica de seu tempo, já que as prerrogativas do Reino estão acima das prerrogativas institucionais. Veja o que diz John Fuellenbach:

A consciência do Reino significa que o ministério é muito mais amplo do que a atividade eclesial. Cristãos que compreendem o sentido do Reino de Deus sabem que estão ocupados no que diz respeito ao Reino, não no que diz respeito à Igreja. Eles veem toda atividade como, definitivamente, significativa para o Reino.²⁷⁶

Pelas razões já citadas é nítido o contraste entre Reino e a sociedade pós-moderna cujos valores, objetivos e iniciativas, encontram-se em polos opostos, é utópico pensar em uma sociedade transformada por si mesma sem a inserção dos valores do Reino. As questões que se apresentam são: É possível ser uma sociedade de contraste na pós-modernidade? É possível romper a barreira entre secular e sagrado mantendo uma identidade contrastante?

Podemos então propor as seguintes respostas:

1. A compreensão do termo contraste esta vinculada a questão identitária da igreja: possuir identidade não significa isolamento ou distância, a igreja não se fecha à sociedade e a sociedade não está fechada a igreja.

²⁷⁶ FUELLENBACH, J. *Igreja comunidade para o reino*, p. 332

Embora na modernidade toda as formas de religiosidade tenham sido pressionadas em direção ao âmbito privado, as necessidades atuais fazem com que exista abertura para a compaixão, o amor, a espiritualidade, e o fornecimento de sentido. Se estamos no mundo para testemunhar os valores do Reino e não uma religião, por certo a mensagem confiada à Igreja, se propagará de forma inovadora, possibilitando apresentar ao homem pós-moderno uma alternativa de vida que lhe permita desvelar algo maior do que a centralidade em si mesmo.

2. Harvey Cox amplia esta questão da seguinte forma:

Se é certo que o homem secular não se interessa mais pelo mistério último da vida, mas sim pela solução "pragmática" dos problemas específicos, como poderá alguém falar-lhe significativamente de Deus? Se é certo que este homem rejeita as significações supra-históricas e busca na sua "profanidade" a própria historia humana como a fonte de propósito e de valor, como poderá compreender qualquer pretensão religiosa? Não deveriam os teólogos primeiramente tirar o homem moderno do pragmatismo e da profanidade, e ensinar-lhe uma vez mais a perguntar e a se maravilhar, para depois virem ao seu encontro com a Verdade do Além?²⁷⁷

Cox responde taxativamente que não. Podemos então nos aproximar mais uma vez do cristianismo arreligioso de Bonhoeffer, que mencionou sua atitude aproximativa em disposição fraterna. Cox por sua vez afirma que profanidade e pragmatismo²⁷⁸ não se constituem em fatores impeditivos para o evangelho, sua afirmação é coerente em razão do uso que o homem secular faz da razão, sua possível análise da práxis cristã podem abrir vias de acesso para sua aproximação.

De modo especial, no tempo do hiper-consumismo, importa muito o anúncio da boa-nova de que o ser humano é amado, desinteressadamente e incondicionalmente, por um Deus que é amor em si mesmo. O ponto de partida para que este anúncio possa ser significativo encontra-se na procura existente na pós-modernidade para viver relações não comercializadas.²⁷⁹

A Igreja de Cristo como povo de Deus não instala marcos fronteiros em torno da mensagem do reino, ou torna-se reclusa em relação à sociedade pós-moderna, mas nela se insere não em busca de acolhimento, mas em atitude acolhedora, instando de forma criativa que os homens se reconciliem com Deus, cumprindo de forma criativa a *Missio Dei*.

²⁷⁷ COX, H. *A cidade do homem*, p. 75

²⁷⁸ *Ibid.*, p. 75

²⁷⁹ GARCIA RUBIO, A. *O humano Integrado: abordagens de antropologia teológica*, Petrópolis: Vozes, 2007, p. 293

Podemos concluir o presente capítulo, enfatizando que embora a pós-modernidade seja um momento de transição ainda indefinido, não deve ser visto sob um prisma de negatividade e desalento. Como vimos anteriormente, ao longo da história da igreja, por mais denso e obscuro que pareça o caminho a frente ela sobreviveu, realizando o projeto histórico salvífico de Deus. Faz-se necessário desconstruir o que não é capaz de lidar com os desafios atuais. Percebendo a adequação ou não dos parâmetros que utilizamos para aferição deste novo momento.

A pós-modernidade nos interpela, mas também, pode nos ajudar na percepção de oportunidades pontuais. A igreja sendo fiel a vocação pretendida por Cristo, precisa estabelecer conexões com a cultura e com o mundo no qual esta inserida. A cultura contemporânea traz uma explosão de novas questões, que produzem oscilações nas convicções pessoais, busca-se a liberdade, a felicidade, a direção, a plausibilidade, ora estimulados pelo influxo dos meios de comunicação, ora sob pressões de grupos progressistas, ora por tendências conservadoras, ora atraídas pelo sagrado (que lhe é imanente), ora sob os ditames da própria subjetividade.

O ser humano pós-moderno, é o sujeito fragmentado passando por uma crise de identidade, atravessado por vários descentramentos. A partir do final do século XX fala-se muito em crise de identidade do sujeito. Na sociedade moderna, o homem tinha uma identidade bem definida e localizada social e culturalmente. Mas a grande mudança estrutural está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais. Se antes essas identidades eram sólidas localizações, nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas que provocam no indivíduo uma crise de identidade.

A Igreja deve perceber nesse momento que o homem pós-moderno, mesmo se fragmentado e aparentemente sem rumo, busca e pode acolher a mensagem de Cristo, desde que ela lhe chegue num processo de respeitosa proposta; quer ele próprio usar sua capacidade de escolhas, ser o árbitro da própria consciência, discernir, definir seus caminhos. Cabe à Igreja propor, informar e oferecer espaço de sentido, no respeito à individualidade e às

decisões pessoais, sem a forte tendência de ainda ditar normas e verdades absolutas.

5. Conclusão

Ao findar este trabalho, esperamos contribuir proporcionando elementos de reflexão, para que a igreja continue a cumprir sua missão no projeto histórico salvífico de Deus. A sociedade pós-moderna, e o mundo globalizado dominado pelo naturalismo científico, ainda precisam de algo que lhes de sentido, que não seja tão volátil.

A razão era a principal característica da modernidade, a razão não olha o indivíduo, não permite sua real expressão, mas tenta formatá-lo dentro de modelos pré-estabelecidos. O racionalismo quer que tudo entre em uma categoria explicativa e totalizante²⁸⁰. Essa insensibilidade produz distanciamento, porque não há aceitação nesse sentido o racionalismo se distancia do mundo real.

O pensamento fechado do racionalismo, por si só não atende as demandas atuais da sociedade, e embora tenha seu valor, deve permitir a interpelação, tornar-se criativo, deve ser capaz de sentir o momento para que de forma equilibrada, possa produzir respostas adequadas. Há uma necessidade de flexibilizar e de circunstanciar, ou seja, o indivíduo finalmente poderá ser tratado como indivíduo, e não como uma mera peça formal no jogo social. É nesse processo de interação em que a conjugação entre razão e sensibilidade se desenvolvem, que podemos nos permitir desenvolver novos esquemas de pensamento. Produzindo um saber agregado onde razão, contemplação, sentimentos podem coexistir.

Para envolver-se de forma participativa na realidade atual, a igreja não olha apenas para Teologia mas torna-se observadora da realidade social, porque se nela vive e dela participa deve buscar discernir no tempo presente como desempenhar sua vocação sacerdotal. A igreja é uma inédita possibilidade de amar, convidada a perceber os desafios colocados pela realidade em cada momento histórico, os “sinais dos tempos” e a se apresentar de uma maneira aberta e coerente, disposta a enfrentar os problemas de cada época.

²⁸⁰ MAFFESOLI, M. *Elogio a razão sensível*, p. 30

As soluções devem ir sendo buscadas, não existem respostas prontas, pré-fabricadas ou fabricadas de uma vez por todas, mas as respostas se vão forjando, na história, na medida em que se trabalha junto, se vive o acolhimento e o respeito, em que se olham os problemas de frente buscando soluções, onde se busca irradiar a experiência do amor e da comunhão (cf. 1 Jo 1, 1-5). Por isso, a igreja é um grupo de pessoas com vocação e atividades comuns que deve apontar para a comunhão. É uma comunidade que deve ser sinal, capaz de manifestar atos concretos de amor, a serviço das pessoas, no processo de humanização, tornando visível desta forma a *Basileia tou Theou*.

Ela não pode se colocar como detentora da verdade. A verdade é buscada pelos cristãos dentro de uma caminhada histórica concreta, junto com as demais pessoas que procuram realizar o projeto de amor e solidariedade de Deus para o mundo (cf. Mt 25, 31-46).²⁸¹

Essa sensibilidade da eclesiologia de comunhão preenche a lacuna deixada pelo racionalismo, é o “raciovitalismo” capaz de congregar os opostos. Esse novo pensar exige não apenas a supressão dos pré-conceitos mas também a abertura para que se possa respirar essa nova realidade. A razão surge então na busca de compreensão e não na reafirmação do que deve ser. Tais reflexões nos fazem lançar um novo olhar sobre o momento que vivemos retirando-nos do obscurantismo para um momento de possibilidades.

Enquanto a vida permanecer subjugada ao capitalismo alienante, que estimula o hedonismo e o consumo, teremos como resultado pessoas cada vez mais fragilizadas, perdidas e doentes que podem e devem ser acolhidas por nós contribuindo para que o Reino se torne perceptível.

Creio que a Igreja de Cristo, tem ainda uma grande tarefa para realizar e o potencial necessário para cumprir sua missão, que é na verdade a continuação da “*Missio Dei*”. A igreja como sal e luz, pode e deve continuar propagando a mensagem de Cristo, porque hoje ainda existem muitos que estão cansados e sobrecarregados que precisam ser aliviados. O projeto iniciado por Jesus não era a realização de um desejo pessoal, mas a realização do plano salvífico do Pai, não poderia findar-se com sua morte, precisava propagar-se no decorrer da história, e hoje por mais que nossa tecnologia tenha se desenvolvido, por mais que tenhamos

²⁸¹ Tepedino A. M. op. cit. pg. 163, 164

acesso a uma grande quantidade de informações, que o conhecimento esteja tão difundido, a igreja pelo poder do Espírito Santo pode ser voz que se faça ouvir, vida geradora de vida e luz para os povos cumprindo sua vocação em Cristo

A mensagem do Reino não é expectativa futurista dos profetas do Antigo Testamento, mas lhes anuncia um Reino que já chegou. Podemos depreender esta afirmação em razão da tradução mais acertada, para a expressão “*basileia tou theo*” que segundo Joachin Gnilka deve preferencialmente ser traduzida como reinado de Deus, fazendo ainda a seguinte observação: “Para as sentenças denominadas “de entrada no Reino”, que falam de ser admitidos na *basileia*, e a outras expressões metafóricas, se recomenda a tradução Reino de Deus.”²⁸²

O Reinado de Deus: se opõe ao reinado injusto dos homens. Está desvencilhada das práticas rituais. Apresenta o Pai e não um Deus ameaçador. Percebe o homem em seu estado real.

A igreja é antes de tudo a comunidade do povo de Deus, muito mais do que uma instituição, e não pode ser identificada com qualquer cultura em particular, nem com qualquer sistema social ou político, nem com ideologias humanas.

²⁸² GNILKA, J. *Jesús de Nazaret: Mensagem e história*, Barcelona, Herder, 1993 p. 110

6.

Referências bibliográficas

ALVAR, J. *Cristianismo primitivo y religiones místicas*, Madri: Ediciones Catedra 1995.

AUER, J.; RATZINGER, J. *Dios, Uno y Trino*, Barcelona: Helder, 1982.

BARCLAY, W. *Introducción a la Biblia*. México D. F.: Casa Unida de Publicaciones, 1987.

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Modernidad líquida*, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2004.

_____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BETTENSON, H. *Documentos da igreja cristã*, São Paulo: ASTE 1967.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira, 1989.

BOER, H. R., *Historia de La iglesia primitiva (A.D. 1-787)*, Miami: Unilit, 2011.

BOFF, L. *Jesucristo y la liberación del hombre*, Madri: Cristiandad, 1981.

_____. *Eclesiogenesis: Las comunidades de base reinventan la iglesia*, Santander, Sal Terrae, 1984

_____. *Teología desde el lugar del pobre* Santander, Sal Terrae, 1986

_____. *Igreja carisma e poder: ensaio de eclesiologia militante*, São Paulo: Ática, 1994.

BOICE, J. M., *Los fundamentos de la fe cristiana*, Tomo IV. Parte III, Miami: Unilit, 1996

BONHOEFFER, D. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*, São Leopoldo: Sinodal, 2003.

_____. *El precio de la gracia: el seguimiento*, Salamanca: Sígueme, 2004.

- BORNKAMM, G. *Jesus de Nazaret*, Salamanca: Sigueme, 1975.
- BRADY, V. *Postmodernism and the Spiritual Life*, *The Way*, v 36/3, p. 179-187, 1996
- CAIRNS, E. E. *O cristianismo através dos séculos*, São Paulo: Vida Nova, 1990.
- CALDAS, M. *Vida e morte no cristianismo primitivo*, Niterói: ago. 2004. Disponível em: <[HTTP://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/05/e09a10.pdf](http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/05/e09a10.pdf)> Acesso em: 13 dez. 2012
- CAPRA, F., *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CARDEDAL, O. G.; FAUS, J.I.G.; RATZINGER, J.C. *Salvador del mundo: historia y actualidad de Jesucristo*, Salamanca: Secretariado Trinitário, 1997.
- CODINA, V. *Desaprender, una tarea cristiana urgente*, disponível em: <www.buenastareas.com/ensayos/aprender-a-desaprender/3900623.html> Acesso em 12/03/2012.
- CONGAR, Y. M-J. *El Espíritu Santo*, Barcelona: Helder, 1991.
- COX, H, *A cidade do homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968
- CROSSAN, J. D. *Jesús: biografía revolucionaria*, Barcelona, Grijalbo Mondadori, 1996.
- _____. *O nascimento do cristianismo*, São Paulo: Paulinas 2004.
- CRÜSEMANN, F. *A Torá: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*, Petrópolis: Vozes, 2012.
- DAVIS, J. *Dicionário da Bíblia*, Rio de Janeiro: JUERP: 1993.
- DOUGLAS, J. D. (Org.) *O novo dicionário da Bíblia*, São Paulo: Vida Nova 2006.
- DURKHEIM, É. *Da divisão do trabalho social*, São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DYRNESS, W. *Temas de la teologia del antiguo testamento*. Miami: Vida, 1979.
- FABRIS, R. *Jesus de Nazaret: História e Interpretacion*, Salamanca: Sigueme, 1985.
- FROMM, E. *El humanismo judío*, Disponível em: <[HTTP\\www.scribd.com/doc/77600539/Erich-Fromm-El-Humanismo-Judio](http://www.scribd.com/doc/77600539/Erich-Fromm-El-Humanismo-Judio)> Acesso em 06/09/2012.
- FUELLENBACH, J. *Igreja comunidade para o Reino*, São Paulo: Paulinas, 2006.

- FUENTE, E. B. *Eclesiologia*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998.
- GARCIA RUBIO, A. *O humano Integrado: abordagens de antropologia teológica*, Petrópolis: Vozes, 2007.
- GEORGE, T. *Teologia dos reformadores*, São Paulo: Vida Nova, 1993.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*, São Paulo: UNESP, 1991.
- _____. *Sociologia*, Porto Alegre: Artmed, 2005.
- _____. *Mundo em descontrolé*, Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GNILKA, J. *Jesús de Nazaret: mensaje e história*, Barcelona: Helder, 1993.
- GÓMEZ, J.A. *História de La Iglesia: I – Edad Antigua*, Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.
- GONZALES, J. *História del cristianismo. vol 1*. Miami: Unilit, 1994.
- GREEN, M. *La evangelizacion en la iglesia primitiva*. Buenos Aires: Nueva Creacion, 1997.
- GRENZ, S.J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. São Paulo, Vida Nova, 1997.
- GRESHAKE, G. *El dios uno y trino; una teologia de la Trinidad*, Barcelona: Herder, 2001.
- HENRICH, F. *Aspectos de la iglesia*, Madri: Crisandad, 1965.
- HERRERO, J.S., *História de la iglesia II. Edad Media*, Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.
- HERVIEU-LEGER, D. *Secularizacion y modernidad religiosa*, Selecciones de Teologia, v. 26, n. 103, 1987.
- _____. *O Convertido e o peregrino: a religião em movimento*, Lisboa: Gradiva, 2005.
- HORSLEY, R. A. *Galilee: history, politics, people*, Valley Forge: Trinity Press International, 1995.
- INESTROSA GONZÁLES, S. *La religion como mediadora de sentido de la vida*, México: Universidad Ibero Americana, 2001.
- JAMESON, F. *El posmodernismo o la lógica cultural del capitalismo avanzado*, Barcelona: Paidós Ibérica, 1991.
- JOSEFO, F. *História dos Hebreus*, Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- KONINGS, J. *La bíblia, su história y su lectura*, Navarra: Verbo Divino, 1995.

KÜNG, H. *La Iglesia*, Barcelona: Herder, 1968.

_____. *El cristianismo, esencia y historia*, Madri: Trotta, 2006.

LENZENWEGER, J.; et al. *Historia de la iglesia católica*, Barcelona: Herder, 1989.

LIPOVETSKY, G. *La era del vacío: ensayos sobre el individualismo contemporáneo*. Barcelona: Anagrama, 2000.

_____. *Tempos hipermodernos*, São Paulo: Barcarolla, 2004.

_____. *A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LOHFINK, G. *La Iglesia que Jesús quería: Dimensión comunitaria de La fé Cristiana*, Bilbao: Desclee Brouwer, 1986.

_____. *Deus precisa da igreja? Teologia do povo de Deus*, São Paulo: Loyola, 2008.

LÓPEZ, F. G. *El Pentateuco*, Navarra: Verbo Divino, 2003.

LYOTARD, J-F. *La posmodernidad (explicada a los niños)*, Barcelona: Gedisa, 1987.

_____. *O pós-moderno*, Rio de Janeiro: José Olímpio, 1991.

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*, Petrópolis: Vozes, 1998.

MAINVILLE, O. (Org.) *Escritos e ambiente de Novo Testamento*, Petrópolis: Vozes, 2002.

MALINA, B. J. *O evangelho Social de Jesus*, São Paulo: Paulus, 2004.

MALONEY, E. C. *Mensagem urgente de Jesus para hoje*, São Paulo: Paulinas, 2008.

MARCONDES, D. *Iniciação a História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARDONES, J.M. *Hacia dónde va la religión? postmodernidad y postsecularización*, México, D.F.: Cuadernos Fé Y Cultura, Universidad Ibero Americana, 2004.

MOLTMANN, J. *La iglesia, fuerza del Espíritu*, Salamanca: Sigueme, 1978.

MORELAND, J.P., *O Triangulo do Reino*, São Paulo: Vida, 2011.

NOBRE, R. F., *Racionalidade e tragédia cultural no pensamento de Max Weber*, Tempo Social, v. 12, n.2, p. 85-108, maio/novembro, 2000.

OLSON, R. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*, São Paulo: Vida, 2001.

ORO, J. G. *Historia de la iglesia III: Edad Moderna*, Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.

PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2011.

PANIKKAR, R., *El mundanal silencio: una interpretación del tiempo presente*, Barcelona: Martinez Roca, 1999.

PEGORARO, O. *Freud, Ética & Metafísica: o que ele não explicou*. Petrópolis: Vozes, 2008.

PIKAZA, X. *Hijo de hombre: historia de Jesus galileo*, Valencia: Tirant ló Blanch, 2007.

QUEIRUGA, A.T. *Fin del cristianismo premoderno: retos hacia um nuevo horizonte*, Cantabria: Sal Terrae, 2011.

RAD, G. *El libro de Genesis*, Salamanca: Sigueme, 1982.

SANTIDRIÁN, P. R. *Breve dicionário de pensadores cristãos*, Aparecida: Santuário, 1997.

SCHAFF, P. *History of the Christian Church, volume VI: The Middle Ages. A.D. 1294-1517*, Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2002.

SCHILLEBEECKX, E. *Jesús. La historia de um viviente*, Madri: Editorial Trotta, 2002.

SCHNAKENBURG, R. *Reino y reinado de Dios*, Madri: Fax, 1967.

SCHWANTES, M. *Historia de los Orígenes de Israel*, Quito: Centro Bíblico Verbo Divino, 2003.

SESBOÛÉ, B. *Jesucristo el único mediador*, Salamanca: Secretariado Trinitário, 1990.

SELIGMAN, M.E.P., *La autentica felicidad*, Barcelona: Vergara, 2006.

_____. *Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem estar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SESBOÛÉ, B. *Jesucristo el único mediador: Ensayo sobre la redención y la salvación*, Salamanca: Secretariado Trinitário. 1990.

SICRE, J. L. *Los profetas de Israel y su mensaje*, Madri: Cristiandad, 1986.

SILVA, A.C.L.F. *Palestina*, Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/palestina.htm> acesso em: 12/05/2012.

SILVA, R.M.S. *Pluralidade e conflito. As revoltas judaicas e a ideologia de poder* Rio de Janeiro, 2006. 143p Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SPONG, J.S. *Um novo cristianismo para um novo mundo: a fé além dos dogmas*, Campinas: Versus, 2006.

STAMBAUGH, J. E. *O novo testamento em seu ambiente social*, São Paulo: Paulus, 1996.

STARK, R. *The rise of christianity: a sociologist reconsiders history*, Princeton: Princeton University Press, 1996.

TEPEDINO, A. M. *Eclesiologia de Comunhão: Uma perspectiva*, Atualidade Teológica: Revista do departamento de teologia da PUC-Rio, ano VI, fasc. 11, maio/agosto, 2002 p. 161 - 165

_____. *Autonomia e comunhão: a participação dos/ as leigos/as na Igreja*, Atualidade Teológica: Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio, Ano VIII, fasc. 17, maio/agosto, 2004 p. 129 - 151

_____. *O efêmero e nossas idolatrias pós-modernas*, Atualidade Teológica: Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio, Ano XV, fasc. 39, set./ dez., 2011, p. 536 - 543

THEISSEN, G. *O movimento de Jesus*, São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. *A religião dos primeiros cristãos: Uma teoria do cristianismo primitivo*, São Paulo: Paulinas, 2009.

TILLARD, J.M., *Iglesia de Iglesias: Eclesiología de comunión*, Salamanca: Sígueme, 1999.

VATICANO. Constituição Dogmática, Lumen Gentium, Disponível em: <[HTTP://www.vatican.va/archive/hist_council/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_council/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)>.

VELASCO, J. M. *La religion en nuestro mundo: ensayos de fenomenología*, Salamanca: Sígueme, 1978.

_____. *El fenómeno místico*, Madri: Trota, 1999.

VINE, W.E. *Vine diccionario expositivo de palabras del Antiguo y del Nuevo Testamento*, Nashville: Caribe, 1999

WOORTMANN, K., *Religião e ciência no renascimento*. Brasília: Unb, 1996.